

CADERNOS DO

terceiro mundo



**VIOLÊNCIA:
DESORGANIZAÇÃO
SOCIAL**

DÍVIDA EXTERNA

**MILHÕES
DE
VÍTIMAS**



PUBLICAÇÃO MENSAL • Nº 121 • NCz\$ 2,50 • BOA VISTA, MANAUS NCz\$ 3,25 • ANO XII

**Developing the Oil Industry
for the Reconstruction of Angola,
Sonangol is Essential
to the Country's Future**



SONANGOL

SOCIEDADE NACIONAL DE COMBUSTÍVEIS DE ANGOLA
C.P. 1316 - LUANDA - TELEX 3148 - 3260

AO LEITOR

A infância é a melhor etapa da vida, diz o senso comum. Mas, um mergulho profundo na realidade da infância mundial revela um quadro assustador: as crianças, em sua imensa maioria, passam por essa melhor etapa como autênticos condenados à morte. É a miséria e seu cortejo de privações e doenças, que ceifam milhares de vida, diariamente, no Terceiro Mundo. É um drama antigo, incômodo e que gera duas reações opostas: a primeira leva à pregação do fim da mortalidade infantil, através da redução drástica da presença infantil - é a cantilena do controle da natalidade, que procura apenas atingir um efeito, sem ir às causas; a segunda, é a que denuncia as condições de miséria geradas por uma ordem internacional injusta, que leva a verdadeiros morticínios - os silenciosos morticínios de crianças desnutridas nascidas de pais famintos - em países tão capacitados a alimentar adequadamente a própria população que são os responsáveis pela abundância alimentar do mundo desenvolvido. Algo como o ditado, que diz que em "casa de ferreiro, espeto de pau". Parafraseando, "nos países da produção alimentar, o tempero é a fome". Este tema de capa de nossa edição baseia-se no estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância-Unicef, uma candente denúncia da miséria, que elimina milhões de crianças anualmente. Com um detalhe trágico: as estatísticas denunciam que a recessão econômica provocada pela dívida externa responde, só em 1988, pela morte de 500 mil crianças no Terceiro Mundo.

SUMÁRIO

- 3 **CARTAS** _____
- 4 **PANORAMA TRICONTINENTAL** _____
- MATÉRIA DE CAPA** _____
- 10 **Infância: Afronta à humanidade** _____
- ÁFRICA** _____
- 16 **Dívida Africana: Os sindicatos contra a dívida**
- 19 **Angola: A experiência legislativa**
- AMÉRICA LATINA** _____
- 22 **Bolívia: O empate que leva à vitória**
- 25 **Colômbia: Massacres na violência política**
Renasce a esperança de paz
Anseio nacional
- 30 **Argentina: O reencontro com o peronismo**
- 32 **Panamá: Novos meios para velhos objetivos**
- 35 **Uruguai: Quem ganhou o plebiscito?**
- ÁSIA** _____
- 37 **Timor Leste: Suharto perde o controle**
- DROGAS** _____
- 41 **Coca, problema e solução**
- COMUNICAÇÃO** _____
- 45 **Informação contra a paz**
- SUPLEMENTO BRASIL** _____
- 48 **Panorama Nacional**
- 52 **Sucessão: O programa dos empresários**
- 56 **Transportes: Como anda o brasileiro**
- 60 **Violência: A desorganização social**
- 63 **Cultura: O trabalho que enfeita o teatro**
Artes na Universidade
- 65 **Feminino: A mulher na crise do Terceiro Mundo**
O discurso da diferença e da subordinação
- 68 **Opinião: A nova direita e a revolução francesa**



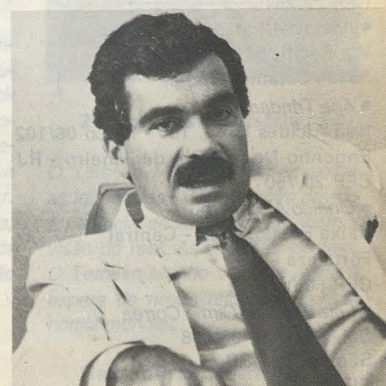
Menem: reconstrução econômica



Noriega: batalha pelo Canal



Transportes: crise nas metrópoles



Nilo: violência permanente

INTERCÂMBIO

Esta seção tem o objetivo de aproximar entre si os leitores de **terceiro mundo**, facilitando a troca de correspondência, postais, discos, selos, etc., tornando possível o conhecimento de pessoas que lêem nossas edições em português, espanhol e inglês.

Escreva para nossa sede - Rua da Glória, 122 Gr.105, Cep 20241, Rio de Janeiro - enviando nome e endereço completos, solicitando a inclusão de seu nome nesta seção.

- **Regina Melo Garcia**
Av. Marechal Floriano, 800
Maracaju - MS
CEP 79.150
- **Luiz Araujo Torres**
Caixa Postal, 179
Leme - SP
CEP 13.610
- **Fábio Wellington Ataíde**
Rua JK, 87
Esperança - PB
CEP 58.135
- **Sóstenes Ulisses Tenório**
Rua João Dias Vergara, 35-A - Campo Limpo
São Paulo - SP
CEP 05.765
- **Helenita Maria de Carvalho**
Caixa Postal, 195
Itabuna - BA
CEP 45.600
- **André Frank**
Rua Miguel Fernandes, 691 - bl. 28/203
Méier - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20.771
- **Maurício Barreto Pedrosa Filho**
Rua da Mora, 519/302 - Espinheiro
Recife - PE
CEP 52.020
- **Marco Antonio C. Chagas**
Rua 01, nº 35 - COHAB IV
Rio Grande - RS
CEP 96.200
- **Roseane Santos**
Rua Bambina, 67/301 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22.251
- **Antonio Alfino**
Via Raciti, 53
95124 Catania - Itália
- **Ana Trindade**
Rua Alcides Lima, 150 - bloco 06/102
Engenho Novo - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20.750
- **Onaldo A. Pereira**
Caixa Postal, 1205 - Central
Fortaleza - CE
CEP 60.001
- **Luiz Eduardo Cirme Correa**
Caixa Postal, 66.068
São Paulo - SP
CEP 05.389

- **Nívio Martins**
Caixa Postal, 11.1281
Brasília - DF
CEP 70.084
- **Francisco Higino da Silva**
Rua Francisco Calaça, 1603 - Alvaro Weyne
Fortaleza - CE
CEP 60.000
- **Paulo Roberto Rodrigues Soares**
Av. Ezelino C. Glória - bloco 51B - aptº. 34
Rodeio - Mogi das Cruzes - SP
CEP 08.765
- **Laurinda Maria Lemos**
P.O. Box 370
Sumbe - Angola
- **Luiz Teixeira de Souza**
Praia de Barreiras, s/nº - Barreiras
Icapuí - CE
CEP 62.808
- **Valmir Stahlirk**
Cxp. 150
Rua Maximiliano de Almeida, 1113
Lagoa Vermelha - RS
CEP 95.300
- **Milcourts Alves Ribeiro**
Caixa Postal, 110
Mantua - MG
CEP 35.290
- **Antonio da Silva Oliveira**
Volta das Calçadas, 199 - 3º Dtº
Santa Clara
3000 Coimbra - Portugal
- **Napoléon Jori Mota Nabão**
Caixa Postal, 1044
Lobito
República Popular de Angola
- **Arnaldo B. S. Neto**
Av. Const. Nery, conj. Tocantins - bloco 01
aptº 304
Manaus - AM
CEP 69.000
- **Márcio Vinicius Brito Pessôa**
Rua 7 de Setembro, 741 - Centro
Teresina - PI
CEP 64.000
- **Rui Elias Ferreira**
Caixa Postal, 843
Benguela - Angola
- **Simão Kaquarta**
Caixa Postal, 721
Lobito
República Popular de Angola
- **Paula Alonso Estévez**
San Carlos - CP 20400
Uruguai
- **José Carlos Santana**
Quadra "J", 212 - Bairro Lomanto Jr.
Itabuna - BA
CEP 45.600
- **Nilton José Dantas Wanderley**
Caixa Postal, 32
Patos - PB
CEP 58700

Cadernos do TERCEIRO MUNDO

Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional

Diretor Geral: Neiva Moreira
Diretor Geral Adjunto: Pablo Piacentini
Editora: Beatriz Bissio
Sub-editores: Roberto Remo Bissio, Procópio Mineiro

Conselho Editorial Internacional: Darcy Ribeiro, Henry Pease Garcia, Eduardo Galeano, Juan Somavia

Redação Permanente: Claudia Neiva, Nereida Daudt (Brasil), Roberto Bardini (México), Baptista da Silva, Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai).

Correspondentes: Horacio Verbitsky (Argentina), Fernando Reyes Matta (Chile), Alejandra Adom/Eduardo Khalifé (Equador), Rafael Roncagliolo/César Arias Quincot (Peru), Guillermo Segovia Mora (Colômbia), Aldo Gamboa (Cuba), Etevaldo Hipólito (Moçambique), Claude Alvares (Índia)

Colaboradores: Adrián Soto (Finlândia), Alberto Mariani (Suíça), Artur Poerner (Brasil), Ash Narain Roy (Índia), A.W. Singham (Sri Lanka), Angel Ruocco (Uruguai), Carlos Cardoso (Moçambique), Carlos Castilho (Brasil), Carlos Núñez (Uruguai), Cedric Belfrage (México), Fernando Molina (México), Gérard Pierre-Charles (Haiti), Gregorio Selser (México), Govin Reddy (Zimbábue), Guillermo Chifflet (Uruguai), Manoel Rui Monteiro (Angola), Herbet de Souza (Brasil), João Melo (Angola), Ladislau Dowbor (Brasil), M. Venugopala Rao (Índia), Marcela Otero (Chile), Mario de Cautín (México), Mia Couto (Moçambique), Nils Castro (Panamá), Philip Smucker (Sudeste Asiático), Ricardo Bueno (Brasil), Roger Rummell (Peru), Theotônio dos Santos (Brasil), Medea Benjamin (Estados Unidos), Juan Carlos Gumucio (Elbano) e Adam Keller (Israel).

Departamento de Arte: Pedro Toste (editor), Reginaldo Caxias. **Colaboradores:** Adérito Gusmão, Dayse Vitoria e Guilhermina Ierecê. **Centro de Documentação:** Maria Helena Falcão (diretora), Sônia Lana Drum, Yara Alexandrino R. C. Menezes, Afonso César N. F. da Silva. **Administração do Banco de Dados:** Raimundo José Macário Costa. **Programador:** Antonio Carlos S. Aguirre. **Composição:** Luzia A. Neiva e Paulo Rui G. Batista. **Revisão:** Cléa Márcia Soares.

Diretor Administrativo: Henrique Menezes, **Deptº de Assinaturas e Circulação:** Rafael Peres Borges Filho
Editora Terceiro Mundo Ltda.: Rua da Glória, 122 / 105-106 CEP: 20241 - Rio de Janeiro/Brasil - Tels. 222-1370/242-1957 / Assinaturas: 252-7440 Telex: (021) 33054 CTMB-BR

EDIÇÕES REGIONAIS:

• **Edição em Português:**
Diretor: Neiva Moreira/**Editor:** Procópio Mineiro.
Editor Assistente: Antônio Carlos da Cunha.
Sucursais: Paulo Cannabrava Filho (São Paulo), Clóvis Sena e Memélia Moreira (Brasília), José Carlos Gondim (Amazônia)

Sede de Lisboa:
Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. - Calçada do Combro, 10 / 1º andar - Lisboa, 1.200
Tel.: 32-06-50 Telex: 42720 CTM-TE-P

• **Edição em Espanhol**
Sucursal do Rio da Prata / Cone Sul
Diretores: Gerônimo Cardoso e Roberto Bissio
Assinaturas: A.C.U. S/A: Miguel del Corro 1461/ Tel.: 49-61-92 Montevideo, Uruguai - **Distribuição no Uruguai:** Hugo Lacosta, Berriel y Marfinez, Paraná 750 esq. Ciudadela

Distribuição na Argentina (em livrarias): Ediciones Colihue - Buenos Aires - Argentina

• **Edição em Inglês:**
Editor: Bill Hinchberger/**Editor Adjunto:** Roberto Raposo
Correspondência: Rua da Glória, 122 / 105-106 - CEP: 20241 - Rio de Janeiro / Brasil

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (InterPress Service), ALASEI (México), PANAPRESS (Panamá), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos países não-alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas Africa News (Estados Unidos), Nueva (Equador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), Altercom (Itel-México-Chile), Third World Network (Malásia) e Israel and Palestine Political Report (Paris) e Against the Current, EUA. **Fotos:** Reuters.
ISSN - 0101-7993
Capa: Pedro Toste



As medalhas da romena Daniela

Olimpíadas

A respeito da carta sob o título **Olimpíadas** (ed. nº 117), discordo do leitor, quando afirma que cada vez mais cai por terra a obscura tese do "subdesenvolvimento" e da "opressão", que seriam características dos países socialistas. Acredito que o jovem da Alemanha Oriental gostaria muito mais de ver o muro de Berlim abaixo do que medalhas de ouro em seu peito.

Sempre existe a esperança (ainda que remota) de que um dia seus governos pratiquem uma política voltada para o bem-estar do indivíduo, dando-lhe condições de não só crescer fisicamente, mas também intelectualmente, fazendo com que a produção de seu conhecimento ultrapasse fronteiras, beneficiando outros povos. Sou estudante de Sociologia e tenho amigos na Alemanha Oriental.

Janete Prenholato
Rio de Janeiro - RJ

Salário mínimo

Parabenizo **terceiro mundo** pela qualidade do serviço e aproveitamento para sugerir um tema para a revista: "como consegue viver um brasileiro ganhando salário mínimo?".

Se formos examinar os aspectos da moradia, alimentação, saúde, educação e lazer, concluiremos que a vida das pessoas que recebem salário mínimo não tem atendidas as necessidades diárias.

Aguinaldo Nunes da Conceição
Viçosa - MG

Cultura Física

O Centro de Estudos da Cultura Física-Cecuf, de Joaçaba-SC, constituiu-se com a preocupação de desenvolver estudos alternativos acerca da cultura física nacional. Foi com imensa satisfação que verificamos o interesse de **terceiro mundo** em trabalhar a problemática esportiva fora dos parâmetros teóricos secularmente institucionalizados. Extirpar do corpo teórico das análises esportivas todo o conteúdo reacionário sedimentado é uma tarefa difícil e que exige muita clareza dos objetivos políticos a que se propõe. Com interesse e entusiasmo, observamos as matérias relacionadas com o futebol angolano, a abordagem sociológica de Néelson Werneck Sodré (edição nº 114), e até mesmo a intenção crítica do Brasil Olímpico (ed. nº 115).

Se o debate sobre cultura física nacional pretende ser uma preocupação constante dessa revista, nós,

do Cecuf, encontramos pontos de afinidade que necessitam ser trabalhados. Salientamos que, a partir desse momento, nosso centro encontra-se à disposição de **terceiro mundo**, no que se refere a todo e qualquer estudo filosófico, ideológico e político da cultura física contemporânea.

Prof. Nilso Ouriques
Joaçaba - SC

Exilados

Pela primeira vez tive a sorte de ler **terceiro mundo** (a edição em espanhol), de março último. Sou chileno e estou há 14 anos exilado na Suíça. A revista significou para mim um reencontro com a América Latina, muito embora sempre mantenha contato com meus compatriotas aqui na Suíça. Mas, digo que foi um reencontro, devido ao tipo da informação proporcionada pela revista. Alegre-me, pois, como se diz, é um meio de comunicação que pode ser lido pelas massas. Tanto a linguagem, quanto os temas, são de fácil entendimento a qualquer leitor.

Durante todos estes anos tenho trabalhado aqui em um comitê de solidariedade por meu país. Nossas horas livres, minhas e de meus companheiros, são dedicadas a esse trabalho de solidariedade e isto nos tem ajudado a viver neste país, que é uma ilha na Europa.

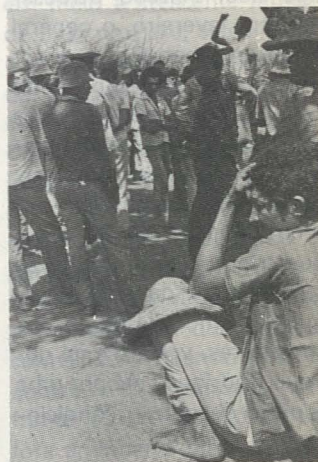
Nosso grupo gostaria de desenvolver contatos com amigos e grupos que trabalhem em vídeo, principalmente com enfoque social, popular e criativo. Também nos interessa intercâmbio com grupos que se dediquem à música popular. Cremos que, em nosso continente, há muito para unir, muita coisa por fazer, apesar de tão grandes e tão complexos problemas.

Humberto Cárdenas
Postfach 154
8030 Zürich - Suíça

Dependência

As diferenças continuam entre o bloco desenvolvido - uma minoria de privilegiados - e a maioria da humanidade, que sofre da especulação e da exploração, enquanto suas exportações não são suficientes sequer para pagar os juros das respectivas dívidas externas. A dependência externa continua sendo uma característica de nosso mundo. Um minúsculo Grupo dos Sete controla quase todo o mundo dos negócios, das tecnologias, do comércio. Os países do Terceiro Mundo são e continuarão, ainda por muito tempo, nas mãos de inescrupulosos, que não aceitam mudanças nas regras do comércio internacional.

Na América Latina, a pobreza é uma mancha negra: há 200 milhões de pobres, que são seres humanos, vivendo nas piores condições do mundo. No Brasil, ainda morrem 1.000 crianças por dia, temos mais de 20 milhões de analfabetos, cerca de 86 milhões de subnutridos, mais de 15 milhões de desempregados, os bóias-frias chegam a 21 milhões.



200 milhões na miséria

O Terceiro Mundo, além de sofrer as influências externas, sofre devido à carência de líderes que tenham a visão do real. As soluções existem. O Terceiro Mundo vai ficar ainda à espera de novas reformas na economia mundial.

Gaspar Braz de Araújo
Carmo do Paranaíba - MG

PARAGUAI

O treinamento



Com mais de 75% dos votos, Rodriguez ganhou o pleito, que Laino considerou treino oposicionista

Como já se esperava e a oposição temia, o Paraguai elegeu o general Andrés Rodríguez para quatro anos de presidência, na votação realizada a primeiro de maio. Já na presidência desde que derrubou seu antigo Ilder Alfredo Stroessner, em fevereiro, o general Rodríguez beneficiou-se do breve lapso de tempo entre o golpe e o pleito – menos de 90 dias – que não permitiu à oposição estruturar-se, num país dominado por uma ditadura de 35 anos, que criou raízes em todos os mecanismos da vida paraguaia. Como admitiram observadores, votou-se no general Rodríguez até por uma espécie de reflexo condicionado.

De qualquer maneira, a votação de Domingo Laino, o candidato oposicionista, do Partido Radical Liberal Autêntico, foi uma primeira manifestação de vida democrática, após décadas de ditadura, e marca a retomada da reestruturação política no país.

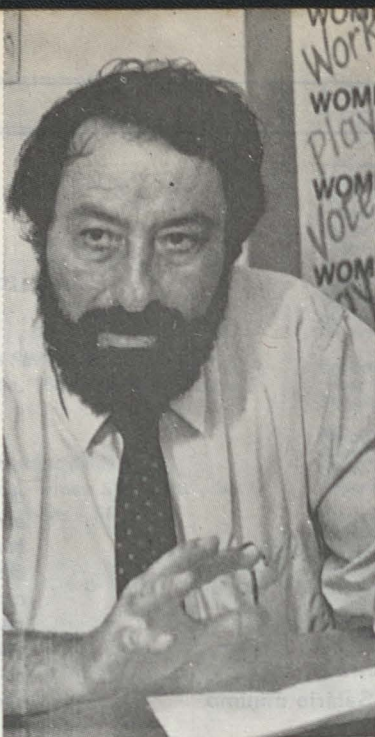
“Tudo o que se passou foi apenas um treino, para

uma partida que está por vir”, definiu o episódio eleitoral o bispo da diocese de Benjamin Aceval, d. Mário Melanio Medina, de 48 anos, conhecido como o “bispo vermelho”, por sua pregação social e sua incansável luta de denúncias contra a ditadura de Alfredo Stroessner. “Foi apenas um treino, porque a maioria das pessoas continua sem saber como votar. As próximas eleições serão a partida para valer”, diz ele, prevendo a oportunidade de quatro anos de vida política aberta, que representarão um período precioso de educação cívica para a população e de consolidação das novas propostas sociais. “No momento, nossa sociedade está extremamente enferma”.

A reconstrução democrática, na opinião de d. Mário Melanio Medina, exige não só a restauração partidária, mas também um acerto de contas com os vícios assimilados pela longa fase ditatorial. Um dos pontos imediatos, no seu entender, é o julgamento de todos os que se envolveram em cri-

mes de corrupção e contra os direitos humanos. “Tudo não passará de farsa, se não houver castigo, se não se resgatar nada, porque é preciso recuperar tudo ou pelo menos a maior parte de tudo o que se roubou. Infelizmente, a reconstrução ética da sociedade não pode ser feita em apenas quatro anos”, assinala.

O “bispo vermelho” aponta como uma das encruzilhadas sociais a questão econômica: 60% das terras estão nas mãos dos latifundiários, o desemprego beira os 40%, há 750 mil emigrados na Argentina, e milhares de pessoas vivem vagando pelo país, atrás de trabalho. “Se voltar metade dos paraguaios que vivem na Argentina, será impossível absorvê-los”, afirma d. Mário Melanio Medina, destacando a gravidade dos problemas que a ditadura Stroessner abafou pela violência, por décadas. “A igreja continuará pregando, continuará atenta à questão social de nosso povo”, promete o bispo progressista paraguaio.



ARGENTINA

Absorvendo tecnologias

A recente visita a Israel do ministro de Defesa argentino, José Horacio Jaunarena, e do comandante da Força Aérea, brigadeiro Ernesto Crespo, reforçou os laços militares existentes desde 1976, quando se instalou a ditadura militar, entre Buenos Aires e Tel Aviv. A visita de Jaunarena e Crespo resultou na criação de uma comissão, que estudará a ampliação da cooperação militar entre os dois países, visando à modernização das forças armadas argentinas.

“A Argentina é um dos grandes clientes da indústria aeronáutica israelense, e agora acertamos a intensificação da compra de equipamentos militares, como o caça-bombardeiro Kfir C-7, dotado de mísseis ar-ar”, comentou o ministro de Defesa argentino, no encerramento da viagem. Jaunarena também procurou dissipar rumores de que teria havido algum tipo de colaboração com o mundo árabe, seja no campo nuclear, entre seu país e a Argélia, e no setor de mísseis, com Iraque e Egito. Tais rumores foram atribuídos por Jaunarena à Inglaterra, interessada em prejudicar o rearmamento argentino com tecnologias militares israelenses. O ministro argentino confirmou, por outro lado, a participação de seu país no

Jaunarena: estreitando laços



projeto israelense de um foguete de grande potência, o Condor, capaz de colocar satélites em órbita.

A visita a Israel de uma delegação argentina de alto nível, como a que foi encabeçada por Jaunarena, provocou sérias críticas nos círculos oposicionistas do país e levantou uma interrogação a nível internacional: não seria uma incoerência da política externa de Raul Alfonsín ter rompido relações com a África do Sul, enquanto estreitava seus vínculos com Israel, sobretudo no campo militar? Como se sabe, são profundas as relações e ampla a colaboração entre os regimes de Tel Aviv e Pretória, a ponto, inclusive, de terem trocado experiências e tecnologias para a fabricação da bomba atômica.

CHILE

Contra reforma

No final de abril, renunciou o gabinete chileno, pela segunda vez em menos de um mês, a pedido do próprio general Augusto Pinochet. O objetivo das mudanças seria compor um quadro de auxiliares mais sensível aos argumentos de Pinochet contra as reformas constitucionais exigidas pela oposição vitoriosa no plebiscito de outubro do ano passado. Desde sua derrota, Pinochet viu-se pressionado, não só pela frente oposicionista, mas também por correntes internas da própria ditadura, a abrandar sua atuação até o fim do governo, preparando a transição à democracia. Nesse sentido, uma mudança de gabinete foi das pri-



A frente oposicionista, liderada por Patricio Aylwin, rechaçou pretensões de Pinochet

meiras providências de Pinochet, após o referendo, mas já se chegou, em sete meses, à quarta modificação ministerial.

Nos últimos meses, ante o crescimento da campanha, para que sejam modificados diversos artigos da constituição — principalmente os que reservam a Pinochet o lugar de árbitro da nação chilena, após a posse do presidente a ser eleito em dezembro próximo — o humor de Pinochet azedou, levando-o, em abril, a duas sucessivas mudanças de gabinete, visando a dar um novo rumo à questão relacionada com mudanças constitucionais.

Ao contrário do que se previa, não ocorreu o expurgo do ministro do Interior Carlos Cáceres, cujo desempenho como negociador oficial frente à coalizão oposicionista desagradou a Pinochet, devido a sua flexibilidade. Este, porém, parece ter sido realmente o objetivo do general, mas não se consumou devido à intervenção

de última hora, da principal força política de sustentação do governo, o partido Renovação Nacional, que considerara “preocupante a eventual saída de Cáceres”, mas “tranquilizador que tenha sido confirmado no cargo por Pinochet”. Além das pressões da Renovação Nacional, Pinochet foi vencido também numa reunião da Junta Militar, durante a qual Cáceres teve que explicar seu desempenho como negociador.

Se perdeu, o general chileno não perdeu tudo. Cáceres terá que apresentar, agora em maio, um projeto de mudanças constitucionais, que o governo pensa em submeter a plebiscito em junho. Diante da situação, calcula-se que o poder negociador de Cáceres fique limitado e que o plano de reformas — embora um avanço em relação à intransigência anterior de Pinochet — tenha um alcance muito menor que o pretendido pela oposição e do que é exigido pela redemocratização do Chile.

PERU

Esquerda na mira

O mês de abril terminou em meio a crescente temor de que, no Peru, esteja sendo inaugurada uma escalada de assassinatos políticos, semelhante à que sofre a Colômbia, tendo como alvos integrantes da esquerda. No dia 27 de abril, foi assassinado no centro de Lima o deputado Eriberto Arroyo Mio, da Esquerda Unida, emboscado por quatro desconhecidos, quando estava dentro do automóvel, em frente a um colégio, onde fora apanhar o filho. A mulher do deputado também estava no carro, mas não chegou a ser atingida pelos disparos.

Foi o primeiro assassinato de um parlamentar, e aconteceu um dia depois da execução de outro militante da Esquerda Unida, Benigno Ayala, em Ayacucho, junto com a mulher e a filha.

DIVIDA EXTERNA

Frente Latina

O destino da América Latina é permanecer, indefinidamente, como exportadora de capital líquido para as nações industrializadas – através de uma dívida externa irredutível – se não houver uma ação coordenada de todos os endividados, para enfrentar o desafio de maneira organizada. A advertência foi feita em Caracas pelo secretário-geral do Sistema Econômico Latino-Americano-Sela, Carlos Pérez del Castillo. Não há perspectivas de mudanças, uma vez que continuará a diminuição do investimento estrangeiro e dos fluxos de capital por parte dos bancos privados e dos organismos financeiros multilaterais, na região.

Os países latino-americanos precisam agir em conjunto para resolver a questão, seja através de uma postura de bloco ante os credores, seja através de po-



Pérez del Castillo: impasse da dívida é questão conjunta

líticas que potencializem seus recursos comerciais e tornem efetiva a integração dos mercados regionais, tarefa a ser assumida como um projeto político. Pérez del Castillo definiu a gravidade da crise latino-americana como consequência da dívida externa, que produz insuportável drenagem de recursos dos países da região para as economias industrializadas, crises fiscais e escassez de divisas, desviadas para o pagamento aos credores. A dívida externa da América Latina – incluindo o Caribe – está em torno de 430 bilhões de dólares (quase dois terços desse total correspondem às dívidas do Brasil, México e Argentina, respectivamente em torno de 110 bilhões, 100 bilhões e 55 bilhões de dólares).

O secretário-geral do Sela chamou a atenção para os índices, que mostram a

crise continental e desenharam a profundidade do impasse: há 40 milhões de desempregados, os salários sofreram desvalorização aguda, a inflação média do bloco latino-americano ficou, no ano passado, em 470%, e o crescimento médio das economias não ultrapassou 0,7%, o que reduziu a renda per capita regional aos índices de 1978.

“Não podemos esperar que a solução venha de fora. A integração econômica regional deve buscar efetiva interdependência dentro do bloco latino-americano, deixando em segundo plano questões comerciais específicas”, sugeriu Pérez del Castillo, acrescentando que “a integração não deve ser um objetivo secundário, mas um dos eixos centrais das políticas nacionais e das estratégias de desenvolvimento de cada país, com o propósito de lograr uma in-

serção cumulativamente distinta no contexto internacional”.

Ele lembrou que todas as exportações latino-americanas estão sujeitas a negociações que condicionam sua comercialização nos mercados do mundo desenvolvido, mas a maioria das importações, isto é, dos produtos vendidos à região pelos países ricos, entra sem qualquer condicionamento prévio.

“Para mudar tal relação assimétrica, que só beneficia os industrializados, a América Latina e Caribe precisam atuar em conjunto, para garantir espaços de autonomia e reduzir a vulnerabilidade externa”, exortou Pérez del Castillo.

AFRICA

Distorção da realidade

O estudo “Crescimento e ajuste na África, nos anos 80”, do Banco Mundial, retrata incorretamente tanto as difíceis circunstâncias econômicas do continente, como o resultado dos programas de ajustes, que estão sendo implementados, sob a orientação do Fundo Monetário Internacional-FMI, pelos países devedores.

A denúncia é da Comissão Econômica para a África-Eca, que considera o estudo omissivo, quanto ao impacto social dos ajustes, e afirma que o uso feito pelo Banco Mundial das estatísticas relativas aos países africanos é seletivo e inconsistente. “Um problema sério do Banco Mundial”, diz o relatório da Eca, “é a inexistência de consideração,

Impacto social

Os governos latino-americanos estão cortando cada vez mais os investimentos em serviços básicos para a população, como saúde, moradia, transporte e educação, para cumprir as exigências do FMI.

A informação é do especialista, Alexis Sierralta, ao falar na Comissão sobre Empresas Transnacionais, reunida em Nova Iorque para discutir propostas, visando a superar a crise da dívida externa. “Os governos devedores”, diz Sierralta, “têm também

procurado privatizar os serviços básicos, para dar uma resposta mais efetiva ao problema. Mas, nesse processo, as transnacionais entram com pouco dinheiro novo, já que estão se apropriando das infra-estruturas dos serviços através dos processos de conversão e capitalização da dívida. O lucro é o motivo que anima as empresas transnacionais. Por isso, creio que, dificilmente, essa privatização vá melhorar o acesso das populações aos serviços essenciais”.

quanto aos custos sociais dos ajustes, que, não só ignoram a dimensão humana, mas tendem a piorar o bem-estar de grandes grupos da população, especialmente, os pobres e os vulneráveis. Os países com programas de ajuste não têm crescimento do PIB mais alto do que os países sem estes programas, como quer fazer o Banco Mundial".

A Eca considera que o estudo não deu a devida importância ao resultado, nas economias africanas, da instabilidade do mercado internacional de commodities e das variações climáticas. "Um retrato da África falsamente otimista pode prejudicar o apoio internacional ao continente", assinala a comissão, cujo relatório foi encomendado pela Conferência de Ministros do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico da África. A Eca entende que o continente necessita de uma transformação estrutural para superar sua crise, e que seus líderes já mostraram que estão preparados para tomar medidas duras neste sentido.

MOÇAMBIQUE

Situação de emergência

Dos três milhões de pessoas afetadas diretamente pela situação de emergência, em Moçambique, mais de um milhão e meio estão desabrigadas e o restante foi obrigado a fugir do país, em busca de segurança, e agora aguarda uma oportunidade para voltar.

A informação está no relatório do governo moçambicano e de uma equipe das Nações Unidas, apresentado em Nova Iorque. Os ataques do grupo Resistência Nacional Moçambicana-Renamo, força financiada pela África do Sul, são a causa principal da desestabilização econômica e social do país, que tem sido afetado também pelas calamidades naturais, tais como as secas ou o excesso de chuvas, além da situação internacional desfavorável.

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, aprovou o pedido de ajuda de 380 milhões de dólares, feito pelo governo moçambicano. Cuellar explica que a ajuda dada até hoje ao país foi muito aquém das necessidades. Cuellar informou que, exceto pelo sistema novo de manutenção de estradas, as necessidades de reconstrução do país continuam as mesmas. Ele assinalou, entretanto, que, apesar de todas essas condições desfavoráveis, o governo moçambicano e seu povo obtiveram progresso em vários setores econômicos e estão implementando reformas estruturais para desenvolver a economia.



Arafat percorreu a Europa Ocidental, em ação diplomática

PALESTINA

Ano e meio de rebelião

Contrariando o bom senso, Israel continua sua política sinistra nos territórios palestinos - denunciou mais uma vez o líder da Organização para a Libertação da Palestina-OLP, Yasser Arafat, durante suas visitas à Tanzânia e à França, nos últimos dias de abril e nos primeiros de maio.

No encerramento da visita a Dar es Salaam, Yasser Arafat, presidente do Estado Palestino proclamado em novembro, assinou um comunicado conjunto com o presidente Ali Hassan Mwinyi, ressaltando a importância do levante nos territórios ocupados por Israel e condenando o arbitrário confisco de terras.

A rebelião palestina sofre repressão cada vez mais violenta: segundo Arafat, 730 palestinos já foram mortos nestes 17 meses, enquanto 34 mil foram feridos, 5.800 tornaram-se inválidos e 32 mil estão em campos de concentração. Os soldados israelenses também arrancaram milhares de árvores frutíferas, que existiam junto das casas destruídas como punição aos manifestantes, suspeitos de apedrejar forças da repressão.

ISRAEL

Condenado de novo

A Assembléia-Geral da ONU condenou Israel por violar os direitos humanos do povo palestino, nos territórios ocupados. Foi aprovada com 129 votos a favor, dois contra (Estados Unidos e Israel) e uma abstenção (Libéria), uma resolução que pede ao Conselho de Segurança para considerar medidas necessárias à proteção internacional aos civis palestinos da Cisjordânia e de Gaza. A resolução exige que Israel obedeça à Convenção de Genebra sobre a proteção de civis, em tempo de guerra, e enfatiza a necessidade urgente de uma conferência internacional para discutir a situação dos territórios ocupados.

O secretário-geral da Onu, Javier Perez de Cuellar, e o dirigente da Organização para a Libertação da Palestina-OLP, Yasser Arafat, analisaram, em Genebra, a importância da realização da conferência internacional. Eles conversaram também sobre a atual situação do Líbano e a proposta do primeiro-ministro israelense, Itzhak Shamir, de realizar eleições nos territórios ocupados.



Retrato da crise africana



Tjibaou: legado de avanço para a independência dos canaques

NOVA CALEDÔNIA

Tjibaou assassinado

Num episódio confuso, em Uvéea, o líder da Frente de Libertação Nacional Canaque Socialista-FLNKS, Jean-Marie Tjibaou, de 53 anos, foi morto no dia 4 de maio, por integrantes de outro grupo nacionalista, a Frente Unida de Libertação Canaque-FULK, de extrema-esquerda. Tjibaou, principal líder da luta pela independência do arquipélago da Nova Caledônia, assinara um acordo com o governo e com os colonos franceses, para a independência gradual do arquipélago, num prazo de dez anos. Às cerimônias fúnebres de Tjibaou estiveram presentes o primeiro-ministro francês Michel Rocard e o ministro de Ultramar, Louis Le Pensec. Michel Rocard garantiu que não sofrerão adiamento as eleições previstas para 11 de junho.

CHINA

Estudantes nas ruas

Depois de aceitar o diálogo e revogá-lo, o governo chinês viu-se obrigado a reabrir conversações com os estudantes, em campanha desde o final de abril por reformas políticas na China. As manifestações tiveram início com a súbita morte do ex-secretário do PC, Hu Yaobang, fulminado por um ataque do coração. Afastado do centro do poder desde 1986, por ser considerado excessivamente reformista, Hu Yaobang desfechou, após a morte, manifestações incontroláveis, que chegaram a juntar mais de 200 mil pessoas na Praça da Paz Celestial. Não se acredita, porém, que surja uma *perestroika* chinesa, no momento em que os problemas econômicos se agravam, devido às reformas iniciadas após a morte de Mao Tsé-Tung, na década passada.

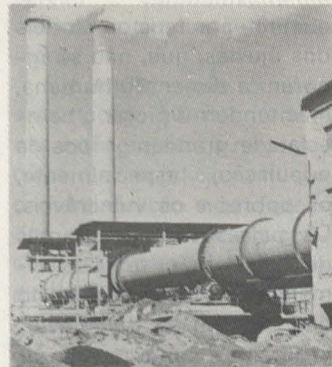
GOLFO

Em busca da paz

Ainda não avançou de forma definitiva a conversação, a nível ministerial, para transformar em paz permanente a trégua de oito meses na guerra entre o Irã e o Iraque. Os chanceleres de ambos os países, depois de uma rodada de cinco dias de negociações, presidida pelo secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, admitiram as dificuldades em se chegar a um acordo, mas ratificaram os compromissos que estabeleceram a trégua nessa guerra que durou oito anos.

Cuellar, que pretende dar continuidade às rodadas de negociação a partir de junho, garante que os principais obstáculos ao acordo estão identificados, "agora só precisamos eliminá-los".

O ministro iraquiano, Tareq Aziz, acusa o Irã de não cumprir o que determina a Resolução 598 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que constitui a base do plano de paz levado às duas delegações. O ministro iraniano, Ali Akbar Velayati, por sua vez, afirma que o Iraque é o culpado pela paralisação nas negociações, porque não aceitou o plano de paz de quatro pontos, apresentado por Cuellar, em outubro.

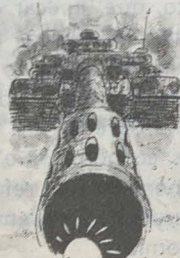


IRAQUE

Maior capacidade

O Iraque estará apto a exportar até seis milhões de barris diários de petróleo, a partir do final de 1990, o que depende da recuperação dos terminais localizados no Golfo Árabe, inativos durante a guerra com o Irã, e do término de um segundo oleoduto através da Arábia Saudita. Ao dar a informação, o ministro do Petróleo, Issam Abdul-Rahim Al-Chalabi, assegurou, contudo, que o Iraque continuará a observar as margens de exportação acertadas no âmbito da Opep e que são atualmente de 2,6 milhões de barris/dia.

Para junho, contudo, o Iraque prevê a possibilidade de a Opep autorizar o aumento da quota de exportação, uma vez que se presume que a organização deverá fixar um teto de produção geral mais alto, acima dos atuais 18,5 milhões de barris/dia. A otimização da rede iraquiana de oleodutos, segundo Al-Chalabi, poderá permitir ao país "ganhar um dólar ou mais nos preços, bastando para isso bombear o óleo do norte para o sul, ou do sul para o norte".



SUDÃO

Pior que Hiroxima

A guerra civil do Sudão, caso não seja solucionado com urgência o problema da fome, no sul do país, fará mais vítimas do que a bomba atômica que os Estados Unidos jogaram sobre Hiroxima, ao final da Segunda Guerra Mundial. O alerta é do diretor-executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância-Unicef, James Grant. Segundo ele, a quantidade de mortos na região pode facilmente chegar a ser seis vezes superior à que se verificou no terremoto da Armênia. Grant, que está dirigindo a operação "Linha de Vida no Sudão", diz que estão sendo distribuídas 115 mil toneladas de alimentos, que os organismos da ONU conseguiram arrecadar para diminuir o sofrimento dos sudaneses. Tanto nas áreas controladas pelo governo de Cartum, quanto nas localidades do sul, sob poder do Exército Sudanês de Libertação Nacional-ESLN, os comboios da ONU têm-se movimentado com relativa segurança. Os países ocidentais já contribuíram com 133 milhões de dólares em assistência humanitária para o Sudão.



PANAMÁ

Contra a agressão

Políticos, jornalistas e escritores latino-americanos divulgaram um manifesto de repúdio às pressões dos Estados Unidos contra o governo panamenho, alertando a opinião pública continental para o plano de desestabilização em curso no país. O manifesto foi divulgado a 10 de maio, três dias após as eleições e num momento em que o governo panamenho se via literalmente cercado, ante a campanha do governo de George Bush, que não aceitava a derrota do candidato pró-norte-americano Guillermo Endara. Além de colocar em prontidão os 10 mil homens estacionados nas bases da Zona do Canal do Panamá, Bush e seus assessores se vangloriavam de terem conseguido isolar o governo panamenho a nível mundial, com as acusações de fraudes no pleito, o que permitiria até mesmo uma intervenção armada no país, o que Ronald Reagan não conseguira no ano passado.

O governo de Washington conseguiu reduzir até mesmo a repercussão das informações da própria imprensa norte-americana, dias antes do pleito, de que a campanha de Endara era toda financiada pelo governo dos Estados Unidos.

Enquanto inundavam o público de informações contrárias ao governo panamenho, os meios de comunicação internacionais não se dignaram, por dias seguidos, a dar uma linha sequer de declaração oficial

panamenha.

Ante as ameaças de intervenção e a barragem informativa pró-Estados Unidos, a declaração de representantes latino-americanos, que acompanharam o pleito, surgiu como um primeiro gesto de alerta à opinião pública internacional.

Abaixo, o texto do manifesto, intitulado "Contra a agressão ao Panamá":

"Os abaixo-assinados, jornalistas, observadores



Para rebater pressões, Panamá anulou pleito em 10 de maio

técnicos e políticos internacionais presentes ao Panamá, por ocasião do pleito de 7 de maio, declaramos que nunca havíamos presenciado uma situação tão extraordinária, na qual um povo acorre às urnas em meio a ameaças de agressão norte-americana, que se cumpririam se o resultado não fosse favorável a seus interesses."

"Senadores e porta-vozes governamentais dos Estados Unidos ameaçaram anular o Tratado Torrijos-Carter, ação própria de um delinquente internacional, que firma tratados com a má idéia de subverter a letra e o espírito dos mesmos."

"Em consequência disso, denunciaremos à opinião pública internacional que o governo dos Estados Unidos está cometendo uma grande fraude publicitária e diplo-

mática contra o Panamá, por interesse em perpetuar seu domínio geopolítico e sua posição de força no mundo, mediante a ocupação indefinida das bases militares no Panamá."

"Finalmente, alertamos os povos e governos de nossa América e do mundo sobre os preparativos de intervenção militar direta e provocações abertas por parte das tropas norte-americanas acantonadas em território

panamenho. Nestes momentos, nota-se febril atividade no Comando Sul, o que indica que a agressão está sendo armada."

"Chamamos a atenção para a permanente violação das normas legais de imigração panamenhas, com a entrada no país de agentes secretos, sob o disfarce de observadores e comunicadores, através da base aérea de Howard".

Assinaram o manifesto, entre outros, o senador Jasmell Muñoz (Apra/Peru), o jornalista mexicano Ernesto Vera, diretor regional da Organização Internacional de Imprensa, o escritor argentino Gregório Selser, o jornalista espanhol Martin Medem, o secretário-geral do Partido da Esquerda Democrática do Equador, Luís Jarrín, e Ali Kassem, da União Estudantil da Palestina.

Afronta à humanidade

Mais de meio milhão de crianças morreram, no último ano, no Terceiro Mundo, 350 mil delas no continente africano, em consequência direta da guerra, da dívida externa, da instabilidade econômica e da recessão



O desamparo da infância é o primeiro indicador da questão social no Terceiro Mundo, derivada dos desequilíbrios internacionais de poder e riqueza, que penalizam os mais pobres

10 - terceiro mundo



África: desnutrição, doenças

Antônio Carlos da Cunha

Em 50 países, a morte infantil decorre não apenas da subnutrição, de doenças imunopreveníveis ou de desidratação diarreica, mas também de conflitos armados. A denúncia é do Fundo das Nações Unidas para a Infância-Unicef. Segundo o diretor-executivo desse organismo internacional, James Grant, são as crianças que sofrem atualmente as mais graves consequências tanto das crises militares como econômicas, principalmente dívida externa e recessão, que se abateram sobre os países em desenvolvimento.

“O que estamos testemunhando em mais de 100 nações”, alerta ele, “obriga-nos a discutir a crise mundial, particularmente, a questão da dívida externa destes países, em termos pouco polidos. Em muitas nações, os pobres pouco se beneficiaram dos bilhões de dólares, que foram, em geral, irresponsavelmente emprestados. Agora, ao final da

festa e com a chegada das cobranças, é aos pobres que se apresenta a conta. Quando o impacto decorrente disso tudo se torna visível, em taxas de óbitos infantis crescentes, aumento das porcentagens de crianças com baixo peso ao nascer, redução da média dos menores de cinco anos com baixo peso por altura e redução nas matrículas escolares, é hora de despir a linguagem econômica de qualquer refinamento, e dizer que o que está acontecendo é, simplesmente, uma afronta à humanidade".

Sangrando o Terceiro Mundo

A dívida total do mundo em desenvolvimento é de mais de 1,2 trilhão de dólares. Em muitos países, os pagamentos anuais relativos aos juros e amortizações superam de longe a entrada de novos recursos internacionais, recebidos para investimentos. Em média, esses pagamentos exigem hoje quase 25% das receitas de exportação das nações devedoras.

"A opinião pública do mundo industrializado", acrescenta Grant, "ainda acredita, de modo geral, que o dinheiro flui do mundo desenvolvido para os países pobres, a fim de auxiliar na luta contra a miséria. Há 10 anos, isso era verdade. Em 1979, a remessa líquida de recursos do hemisfério norte para as regiões em desenvolvimento foi de 10 bilhões de dólares. Agora, esse fluxo mudou de direção. Considerando empréstimos, ajudas externas, pagamentos de juros e amortizações, o hemisfério sul está transferindo, para os países industrializados do norte, pelo menos 20 bilhões de dólares por ano".

Mas, além dos compromissos com a dívida externa, o Terceiro Mundo padece de outro mal, que exerce papel preponderante na deterioração da sua economia: a queda dos preços internacionais dos seus principais produtos de exportação, as **commodities**, incluindo combustíveis, minerais, juta, borracha, café, cacau, chá, óleos, gorduras, fumo e madeira, cujas cotações caíram 30% em média, nos últimos dois anos.

"Levando-se em conta", assinala Grant, "a transferência efetiva de recursos, implícita na redução dos preços pagos pelas nações ricas, na compra das

matérias-primas dos países em desenvolvimento, o fluxo anual de recursos dos países pobres para os ricos poderá atingir 60 bilhões de dólares".

África: o pior dos infanticídios

O efeito nefasto das crises mundiais, sobretudo a de ordem econômica, sobre as crianças, vitimando-as de forma variada, é tão grave que o relatório da Unesco, assinado por Brant, sobre "A situação mundial da infância-1989", afasta-se dos padrões tradicionais apresentados pelo organismo. "Para as crianças e suas famílias", diz o relatório, "o progresso passa necessariamente pelo aprendizado das duras lições dos últimos anos, quando os pobres foram os que mais sofreram, em períodos de dificuldades econômicas, e os que menos se beneficiaram, em tempos de expansão da economia".

O documento mostra que, diante do agravamento da crise econômica, o Terceiro Mundo se viu, em grande parte, obrigado a adotar políticas de ajuste, numa tentativa de corrigir os desequilíbrios da balança de pagamentos e, ao mesmo tempo, honrar os compromissos da dívida, manter importações e retomar o crescimento.

"Não se discute", ressalta a Unesco, "a necessidade de ajuste. A forma do ajuste, sim, é um assunto complexo e controverso. Com ou sem apoio do Fundo Monetário Internacional-FMI, as políticas de ajuste econômico se traduzem, em geral, em desaquecimento da demanda, desvalorização da moeda, retirada de subsídios aos combustíveis e aos alimentos básicos, e profundos cortes nas despesas governamentais. Mais de 70 nações em desenvolvimento estão lutando para ajustar suas economias, utilizando esse modelo. Os efeitos, após décadas de avanços graduais, têm sido devastadores, tanto para conquistas do passado e do futuro".

A África, atormentada por guerras, secas, deterioração ambiental e ainda pela dívida externa e a recessão, é o continente que, de maneira mais dura, tem sido atingido pelos programas de ajustes econômicos. Muitas nações africanas perderam ou foram obrigadas a desativar o conjunto de medidas, que

ofereciam segurança social mínima à população mais pobre. Das 500 mil crianças que morrem a cada 12 meses (42 mil mortes mensais ou 1.350 por dia), no Terceiro Mundo, devido à crise econômica e à queda no ritmo do desenvolvimento, dois terços são crianças africanas (veja, a propósito, **terceiro mundo**, edição 99, p. 18: "Infância: o futuro comprometido").

A vergonhosa tragédia humana

De 3,5 milhões de nascimentos, 750 mil crianças morrem antes dos cinco anos de idade, nos nove países que constituem a África Austral (Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue) e que têm uma população estimada em 70 milhões de habitantes. As mortes infantis estão ligadas à guerra na região, afetando, sobretudo, Moçambique e Angola por terem estado diretamente envolvidos nos conflitos, porque os alvos não são apenas militares, mas também econômicos e principalmente edificações sociais, como nas áreas de saúde e de educação.

As mortes provêm, por exemplo, dos deslocamentos internos de comunidades inteiras (essas migrações atingiram quase nove milhões de pessoas, que perderam condições até mesmo de plantarem para a subsistência), quebras de produção de alimentos e redução dos gastos públicos com saúde e abastecimento de água. Esse quadro se conjuga com as quedas no rendimento da população e nas receitas de exportação, ao lado da violência da guerra, que impede particularmente a distribuição de comida e de medicamento aos necessitados, devido às emboscadas a caminhões com víveres e remédios.

Em Moçambique, por exemplo, desde 1982, foram destruídos 484 postos de saúde (42% do total). Só em 1985, mais de dois milhões de pessoas, a maioria crianças e mulheres, ficaram privadas de atendimento hospitalar. Mais de 300 mil crianças deixaram de ter acesso às escolas destruídas. Os programas de vacinação foram interrompidos também em Angola, devido ao clima de insegurança, nas zonas de conflito. Muitos trabalhadores da saúde foram mortos, fe-

Porcentagem de crianças que sobrevivem até os cinco anos

África ao sul do Saara

MAURÍCIO	97,0
BOTSUANA	90,5
QUENIA	88,4
ZIMBABUE	88,4
CONGO	88,3
ZÂMBIA	87,0
LESOTO	86,1
COSTA DO MARFIM	85,5
GANÁ	85,1
LIBÉRIA	85,0
CAMARÕES	84,4
TOGO	84,4
ZAIRE	83,6
GABÃO	82,8
UGANDA	82,8
NIGÉRIA	82,3
TANZÂNIA (U. REP. DA)	82,1
SUDÃO	81,6
MADAGÁSCAR	81,3
BENIN	81,2
BURUNDI	80,8
RUANDA	79,1
SENEGAL	78,0
MAURITÂNIA	77,7
SOMÁLIA	77,5
REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA	77,4
CHADE	77,3
GUINÉ-BISSAU	77,3
NIGER	76,8
BURQUINA FASO	76,3
GUINÉ	74,8
ETIÓPIA	73,9
MALAUÍ	73,3
SERENA LEOA	73,0
ANGOLA	71,2
MOÇAMBIQUE	70,5
MALI	70,4

Américas

CUBA	98,1
COSTA RICA	97,7
JAMAICA	97,7
TRINIDAD E TOBAGO	97,6
CHILE	97,4
URUGUAI	96,8
PANAMÁ	96,5
ARGENTINA	96,2
GUIANA	96,1
VENEZUELA	95,5
PARAGUAI	93,7
COLÔMBIA	93,1
MÉXICO	93,0
REPÚBLICA DOMINICANA	91,6
EL SALVADOR	91,3
BRASIL	91,3
EQUADOR	91,1
NICARÁGUA	90,1
GUATEMALA	89,7
HONDURAS	88,9
PERU	87,4
HAITI	82,6
BOLÍVIA	82,4

Ásia

CINGAPURA	98,8
MALÁSIA	96,7
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DA COREIA	96,6
REPÚBLICA DA COREIA	96,6
SRI LANKA	95,5
CHINA	95,5
TAILÂNDIA	94,9
MONGÓLIA	93,9
FILIPINAS	92,5
PAPUA NOVA GUINÉ	91,5
VIETNÁ	90,9
BIRMÂNIA	90,2
INDONÉSIA	88,0
ÍNDIA	84,8
LAOS (REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO)	83,7
PAQUISTÃO	83,1
BANGLADESH	80,9
BUTÃO	80,0
NEPAL	80,0
CAMBOJA	79,2
AFEGANISTÃO	69,6

Oriente Médio e África Setentrional

COVEITE	97,7
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	96,7
LÍBANO	94,7
JORDÂNIA	94,0
SÍRIA (REPÚBLICA ÁRABE DA)	93,3
TUNÍSIA	91,4
IRA (REPÚBLICA ISLÂMICA DO)	90,6
IRAQUE	90,4
TURQUIA	90,3
ARÁBIA SAUDITA	89,8
ARGÉLIA	88,9
LÍBIA (JAMAHIRIYA ÁRABE)	87,7
MARROCOS	87,7
EGITO	87,1
OMÁ	85,1
IEMEN	80,5
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO IEMEN	79,8

ridos, mutilados ou raptados. O resultado é que doenças fáceis de prevenir ou curar agora matam, terrível e crescentemente, o vulnerável grupo dos recém-nascidos e das crianças com idade inferior a cinco anos.

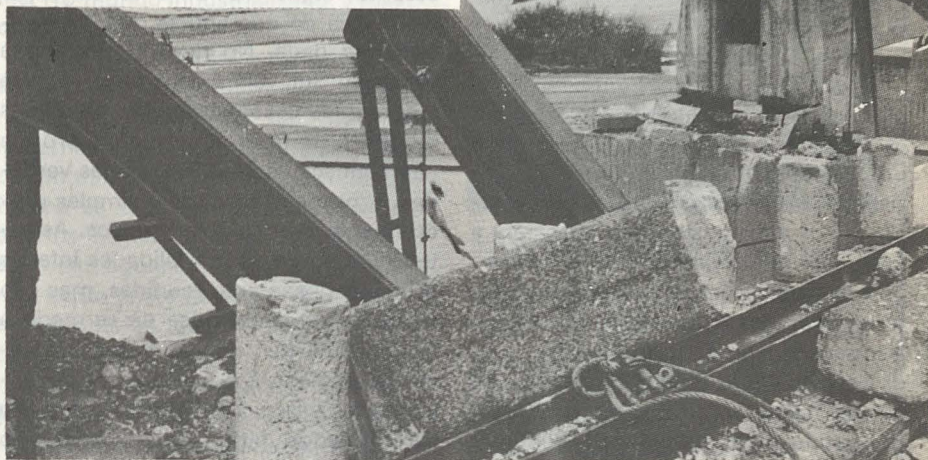
Embora não tenham vivido em guerra declarada, como Angola e Mo-

ambique, muitos dos outros países da África Austral continuam enfrentando todo tipo de problema, proveniente da política sul-africana do **apartheid**, as agressões armadas e a necessidade dos elevados gastos com segurança. Botsuana, Malauí, Suazilândia, Zâmbia, Zimbábue, Lesoto e Tanzânia, por exemplo, nem com despesas quase insuportáveis com esquemas de segurança, conseguem se

livrar das ações de sabotagem e outras agressões militares, que destroem suas rotas comerciais.

A seca, o eterno flagelo

A esperança de vida no Zimbábue é de 56 anos, a mais elevada da África Austral. O angolano, por exemplo, em guerra há 25 anos, vive 43 anos, em média, segundo a Unesco. A tabela 1 revela 12 indicadores chaves da qualidade de vida, nessa parte do continente.



As guerras e sabotagens castigam ainda vários países, como no caso de Moçambique

Pode-se observar que os países que possuem herança colonial mais pesada são os que apresentam as mais elevadas taxas de mortalidade infantil. Os seus jovens governos superaram grandes adversidades para melhorar os indicadores, nos primeiros três e cinco anos de independência. Mas, as condições se deterioraram rapidamente, depois de 1981, com a escalada das guerras.

A subnutrição infantil é grave em Angola, Malawi, Moçambique e Tanzânia e sério no resto da África Austral. A pobreza absoluta se associa à existência de famílias chefiadas por mulheres, sem o rendimento dos maridos ausentes, com a agricultura de subsistência em terras pouco férteis ou propensas à seca, e com o trabalho sazonal urbano marginal.

Cada país da África Austral passou pelo menos por uma seca, desde 1978/79. Muitos deles tiveram três ou mais períodos sem chuvas. Moçambique e Tanzânia foram assolados pela seca cinco anos seguidos, de 1979 a 1984, enquanto que o Botsuana está agora no seu quinto ano consecutivo sem chuvas. Isso tem limitado a produção alimentar. O declínio das transações comerciais e o aumento das despesas de serviço da dívida externa agravaram as dificuldades de financiamento de importações de bens alimentares, assim como de medicamentos e vacinas, e obrigaram a cortes orçamentários que incluíram saúde, educação, fornecimento de água, combate à seca e alimentação suplementar.

O preço da guerra: 15 crianças mortas por hora

Desde a independência, em 1975, Angola e Moçambique têm sofrido lutas internas e ataques externos da África do Sul. Até o final do ano passado, dificilmente, passou-se uma semana em paz. Os prejuízos materiais e humanos se espalham, indistintamente pela sofrida região. Há pelo menos três categorias de mortes, segundo a Unesco. A primeira diz respeito às provocadas diretamente pelas ações militares. Depois, vêm as provocadas por carências alimentares, em consequência da combinação da seca com a guerra. A terceira

corresponde à crescente mortalidade infantil, não só pelas balas, como também pela subnutrição e doenças.

Moçambique calculou recentemente em 100 mil o número de civis e militares mortos, entre 1975 e 1985, pelas ações da então Rodésia, África do Sul e dos bandidos armados, que se auto-intitulam Resistência Nacional Moçambicana, e são sustentados pelo sul-africanos. Cerca de 100 mil morreram de fome, em 1983 e 1984. Basicamente, essa fome não foi causada pelas condições climáticas, ou pela política agrícola, mas pela desestabilização da vida rural e da produção de alimentos, no sul do país. Em Angola, outros 100 mil morreram também de fome, no mesmo período.

São exatamente as crianças e recém-nascidos as grandes vítimas mortais que ficam no rastro da guerra: subnutridas, com diarreia ou doenças não combatidas por vacinas não ministradas, sem posto de saúde e água potável. É impossível calcular o número exato de mortos, nos nove países austrais, porque somente nos casos de Angola e Moçambique, as duas nações mais devastadas, é que existem estimativas.

De 1977 a 1980, ambos os governos implementaram políticas que, por volta de 1985, poderiam ter diminuído as suas taxas de mortalidade infantil: insistiam nos cuidados de saúde, abastecimento

de água potável, vacinações e clínicas para cuidados materno-infantis, além de cuidar da disponibilidade alimentar. Eram programas de vulto financeiro, que foram, no entanto, tragicamente absorvidos pelos efeitos da guerra.

Sem conflitos, Angola e Moçambique poderiam ter atingido a taxa de mortalidade semelhante à da Tanzânia, que possui igualmente baixo nível de renda per capita, mas uma política de saúde e de bem-estar social positiva. Mas, em vez da taxa de mortalidade infantil (menores de cinco anos) de 185 por mil, como a da Tanzânia, Angola apresenta taxa de 325 e Moçambique de 375. A diferença entre o que as taxas poderiam ser, caso não houvesse a guerra, e o que são de fato, dá uma idéia do número adicional de crianças que, neste momento, estão morrendo, nos dois países. Em 1985, nasceram, em Angola, cerca de 406 mil bebês e, em Moçambique, 602 mil. Relativamente à Tanzânia, em Angola morreram adicionalmente 55 mil crianças, com menos de cinco anos, e em Moçambique 82 mil.

De 1980 a 1985, morreram 150 mil crianças, em Angola, e 230 mil, em Moçambique; em 1986, perderam juntos 140 mil menores, que representaram 45% da mortalidade infantil registrada nos dois países. A taxa de mortalidade

infantil de 1986 significa que, em cada quatro minutos, morria em Angola e em Moçambique uma criança com menos de cinco anos.

A violência do *apartheid*

Desde a revolta do Soweto, em 1976, as crianças negras, na África do Sul, têm estado no centro da história do seu país. Começaram por protestar contra um sistema educacional inadequado e racista. Nos anos posteriores, passaram a lutar pela mudança política, de forma a que se pudesse não só fortalecer a determinação dos mais velhos, como levar a sociedade a uma transformação.

Em qualquer época histórica, há poucos países, onde as crianças tenham combatido tanto na linha de frente de uma luta violenta, ou que tanto peso tenha sido depositado em ombros tão jovens.

O relatório da Unesco, ao dimensio-

nar assim a questão da criança sul-africana, denuncia por outro lado a falta de dados estatísticos, naquele país: "Efetivamente, a política de estatísticas é um assunto digno de uma consideração mais séria do que aquela que lhe é geralmente dada. No que diz respeito à África do Sul, vale a pena observar que a sociedade desenvolveu três diferentes maneiras de fazer com que ela própria não conheça as suas incômodas verdades. A primeira forma é o simples procedimento de não colher dados. As estatísticas sobre as mortalidades infantis são cuidadosamente reunidas, mas não existe forma sistemática de se medir a mortalidade de crianças negras. A segunda maneira é o processo de desencorajar as pessoas de informarem sobre determinados fatos embaraçosos. Ao retirar o *kwashiorkor* (doença causada pela desnutrição calórico-protéica) da lista de doenças de participação obrigatória, em 1968, o governo banuiu a obrigação legal médica de informar as autoridades sobre os casos do gênero. A terceira forma é a declaração de determinadas áreas invisíveis para efeitos de coleta de dados".

A África do Sul é um dos poucos países que exportam alimentos em gran-

des quantidades. Contudo, é também uma das nações onde há fome em larga escala e existem doenças, que, relacionadas com a subnutrição, assumem enorme responsabilidade nas mortes, particularmente de crianças negras e mestiças.

Um estudo do pediatra John Hansen, um dos renomados médicos do país, mostra que um terço das crianças negras, mestiças e asiáticas, com menos de 14 anos, têm peso inferior e são atrofiadas, em relação à idade. Em algumas regiões do interior, ou mesmo nas áreas de Ciskey e Chatsworth, em Durban, a situação é pior, elevando-se para até mais de dois terços.

Existem alguns números gerais, referentes às taxas de mortalidade, mas são médias, em amostras incompletas. Mesmo assim, elucidativos (tabela 2). Entre os recém-nascidos negros e mestiços, as principais causas das mortes são pneumonia, diarreia e prematuridade. Os brancos morrem de problemas pré-natais (tais como dificuldade de respiração ao nascer), anomalias congênitas e pneumonia.

O significado da mortalidade infantil, na África do Sul, pode ser visto no fato de que a metade das mortes entre ne-



Brasil: faltam escolas, sobram privações

BRASIL: As mortes clandestinas



A taxa oficial de mortalidade infantil, entre os brasileiros, é de 63,2 mortes até um ano de idade, por mil nascidos

vivos. A realidade, porém, pode ser diferente. Um exemplo disso é o Estado do Maranhão, um dos líderes de mortalidade infantil, no país.

A professora de Obstetrícia da Universidade Federal do Maranhão, Clay Moreira Lima Lago, chamou a atenção para esse fato: a mortalidade até um ano é de 140,7 por mil a nível estadual. Mas, essa taxa, segundo a mostragem feita em quatro regiões, por um programa de desenvolvimento ligado à Seplan, pode ser aumentada consideravelmente: praticamente ignora os oito mil cemitérios clandestinos, espalhados pelo

interior maranhense, segundo avaliação da Sucan. Em São Luís, já se confirmou que a taxa oficial de 52,5 mortos pode chegar a 80, devido à "contribuição" dos cemitérios clandestinos, no município.

"São dados", assinala a professora Clay, "que dizem respeito à capital. A partir daí a gente pode julgar o que acontece no interior e nos distritos, onde é muito pior a assistência à saúde da população. Os números oficiais não podem jamais corresponder à realidade, porque a maioria das cidades, não só maranhenses, mas brasileiras de modo geral, não têm controle de óbito. É urgente a criação de um sistema de notificação e fiscalização, para que se tenha um parâmetro mais verdadeiro sobre a mortalidade infantil, em nosso país".

Mulher pobre, dupla desvantagem

O relatório da Unesco sobre a infância mundial, em 1989, mostra que a mortalidade materna é o aspecto mais trágico de todas as estatísticas relativas ao Terceiro Mundo. Para cada indicador social, seja de alfabetização, de esperança de vida ou de mortalidade infantil, existe uma ampla desvantagem, no mundo em desenvolvimento, em relação aos países industrializados. Essas defasagens, no entanto, não são tão amplas quando se trata das mortes das mães.

O risco de morrer de causas relacionadas com a gestação e parto é pelo menos 40 vezes maior, no mundo em desenvolvimento. Nos países mais pobres, esse número sobe para 150. Na África, existem quase 700 óbitos de mães, para cada 100 mil crianças que nascem vivas; no sul da

Ásia, registram-se mais de 500 mortes. No mundo industrializado, a média não passa de 10.

Essas estatísticas mostram que aproximadamente 500 mil mulheres morrem anualmente de "causas maternas", deixando para trás mais de um milhão de crianças sem mães. Estima-se que 200 mil morrem de abortos ilegais. Muitas outras falecem em agonia, no parto, porque não existe posto de saúde para onde encaminhá-las, quando algo não vai bem.

Contra isso, há muito o que ser feito pela própria família, porque os riscos numa gestação ou parto podem ser reduzidos se: os exames regulares forem realizados durante a gestação; uma pessoa treinada estiver presente na hora do parto; a gestante descansar mais e se ali-



As dificuldades fazem precários os cuidados

mentar melhor; houver um espaçamento, de pelo menos dois anos, entre os partos, e se as mulheres menores de 18 anos e maiores de 35 evitarem a gravidez (só esta medida poderia reduzir as mortes de mães em até 25%); as crianças do sexo feminino forem tão bem alimentadas quanto as do sexo masculino, e se as meninas receberem boa alimentação durante a adolescência.

gros e mestiços ocorre com crianças menores de cinco anos, enquanto, com os brancos, apenas 6% estão nesta faixa de idade. As crianças mestiças e negras estão de 14 a 15 vezes mais sujeitas a morrer do que os seus compatriotas brancos, antes do quinto aniversário.

O sinistro *necklace* da morte

Os números atuais estão difíceis, mas a descrição e dados um pouco menos recentes dão a dimensão dos tipos de violências, geradas no seio da repressão estatal, levada a cabo contra as crianças e adolescentes negras e mestiças, na África do Sul.

"Uma guerra contra crianças". Foi assim que o Comitê de Juristas para os Direitos Humanos, de Nova Iorque, definiu a ação que a polícia desencadeou, em 1985, para matar 210 jovens. Uma pesquisa sobre 77 dos assassinados revelou que 44 foram mortos a tiros, 17 foram queimados vivos, três atropelados por viaturas da polícia, dois torturados até a morte, um morreu a facadas, quatro foram afogados e seis faleceram de "causas desconhecidas". Das 77 vítimas, 19 tinham idade inferior a 10 anos.

Segundo o comitê, a experiência da

prisão por tempo indefinido e os interrogatórios são profundamente chocantes para qualquer pessoa, mas podem se transformar num trauma para os mais jovens. Em certos casos, os danos psicológicos são graves. Johnny Mashiane, de 15 anos, passou um mês no hospital psiquiátrico, depois de sair da prisão. Embora seus amigos e familiares, explica o comitê, digam que ele era uma criança normal antes de ser detido, ele não pode agora falar coerentemente e apresenta perturbações psíquicas. Na realidade, ninguém sabe o que se terá passado com ele, quando se encontrava nas celas da polícia. "Johnny", descreve o arcebispo Desmond Tutu, "era um jovem cheio de vivacidade, até que caiu nas mãos do sistema de segurança do regime do *apartheid*. Não é ainda claro o que a polícia lhe fez. Talvez também já pouca importância tenha sabê-lo. O que é certo é que era um jovem alegre, saudável e normal, mas, quando saiu, era uma espécie de vegetal humano. É muito importante que o mundo saiba que Johnny não é ficção. Vi-o com os meus próprios olhos, na Khotso House, em Joanesburgo".

Logo depois da denúncia do comitê de juristas, foi declarado novo e mais

severo estado de emergência e a guerra contra os jovens intensificada: três mil crianças, menores de 16 anos, foram presas. Nesse contexto de violência estatal, foi denunciado o horroroso espetáculo em que jovens participam de execuções sumárias de informantes da polícia (às vezes, segundo a Unesco, até de oponentes políticos). A execução, através do sinistro método do *necklace*, consiste em molhar um pneu com combustível, colocá-lo no pescoço da vítima, e queimá-lo.

Todos os que condenaram e combateram a barbaridade se preocuparam não apenas com a violência em si do linchamento, mas também com as consequências, a longo prazo, que tais atos têm sobre os jovens que os praticam. "A sua psiquê", afirma o relatório da Unesco, "corre o risco de se deteriorar, o que torna legítima a preocupação expressa por alguns setores do povo sul-africano, de que o país poderá estar perante uma situação idêntica à criada pelos Khmer Vermelho, durante o regime de Pol Pot, no Campúchea. A perda do sentido de inocência, que poderá resultar desses atos, é uma tragédia humana, pela qual o preço a pagar se torna incalculável".

Os sindicatos contra a dívida

O peso da dívida externa está afogando um continente de 600 milhões de habitantes, e os trabalhadores, através dos sindicatos, começam a tomar posição contra débitos que já foram saldados em sua maioria

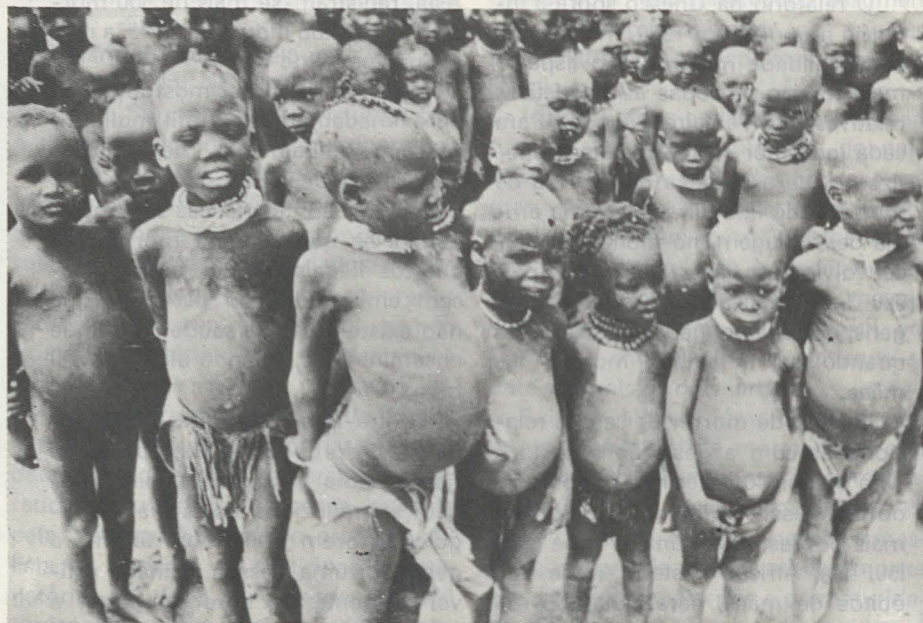
Susan Lamont

As consequências da dívida externa africana, mais do que em outras partes do mundo, recaem sobre as costas dos operários, camponeses e outros assalariados. A dívida africana, segundo dados do final de 1987, chegava aos 228 bilhões de dólares, em compromissos assumidos junto aos governos e a bancos privados da França, Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e outros países. Os 54 países do continente dispenderam, em 1987, um total de 27 bilhões de dólares, somente com o serviço da dívida.

Na Conferência dos Sindicatos Africanos sobre a Dívida Externa, uma resolução denunciou o impacto que produz sobre os povos do continente o envio permanente de bilhões de dólares aos países ricos, a cada ano. Os avanços econômicos e sociais de alguns países foram freados e começa a se estender o processo de desarticulação do progresso.

Em um continente em que milhões de pessoas vivem em sociedades pré-industriais, a fome, o analfabetismo, as enfermidades, a pobreza e a destruição do meio ambiente agravam-se cada vez mais. Os recursos que antes se destinavam a melhorar as condições da alimentação básica, moradia e saúde, a criar empregos, aumentar a escolarização e implantar projetos de desenvolvimento são agora sugados pela dívida externa, que, mesmo assim, não pára de crescer.

O problema do endividamento dos países do Terceiro Mundo explodiu em 1980, como resultado do agravamento da crise econômica que afetava o siste-



O estrangulamento financeiro dos países significa crescente miséria para os povos africanos

ma capitalista mundial. Além das dificuldades geradas pela dívida externa, os países do Terceiro Mundo se vêem prejudicados pelas condições injustas do comércio internacional, que lhes impõem as empresas que dominam os países centrais.

Desde que começou a recessão nos países industrializados, em 1981-82, os preços dos produtos agrícolas e outras matérias-primas exportadas pelo Terceiro Mundo têm estado em permanente declínio. Para muitos países africanos, os principais produtos de exportação – e, portanto, de captação de divisas – são café, algodão, cacau, açúcar, chá e tabaco. De 1982 a 1986, os preços desses produtos de exportação da África diminuíram em 50% e estão, atualmente, em termos reais, no mesmo nível de cotação de 1930. Somente o pagamento dos juros da dívida representa para o continente 40% de sua renda de exportação.

Para os países que exportam petróleo, a situação não é melhor. A Nigéria, por exemplo, obteve, em 1980, uma renda total com a exportação de petróleo em torno de 25 bilhões de dólares. Em 1986, essa renda não passou de 6

bilhões de dólares, a quantia exata que o país precisou desembolsar para pagar apenas os juros de sua dívida externa, de 27 bilhões de dólares. A renda per capita nigeriana, no período, despencou de 800 a apenas 375 dólares.

Angústia continental

A crise econômica em 22 países africanos é tão grave, que foi qualificada pelo Banco Mundial como angustiante. Estes países são Benin, Comores, Guiné Equatorial, Gâmbia, Gana, Guiné-Bissau, Libéria, Madagascar, Mali, Mauritânia, Moçambique, Nigéria, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão, Tanzânia, Togo, Uganda, Zaire e Zâmbia. Os 45 bilhões de dólares de dívida externa destes países representam 108% de seu Produto Nacional Bruto; a renda per capita caiu de 324 dólares anuais, em 1980, a 270 dólares em 1986. No mesmo período, as divisas por exportação diminuíram em 50%.

A Conferência de Sindicatos Africanos sobre a Dívida, na Etiópia, foi um reflexo da crescente oposição que existe entre os trabalhadores africanos contra a constante espoliação a que estão

submetidos seus recursos naturais e humanos. A conferência expressou também a determinação dos sindicatos de pressionar por uma solução real do problema da dívida, começando por uma campanha para o seu cancelamento. Outras instituições, como a Organização da Unidade Africana (OUA) e algumas conferências patrocinadas pelas Nações Unidas advertem, nos últimos anos, sobre a gravidade da crise que vem se acumulando.

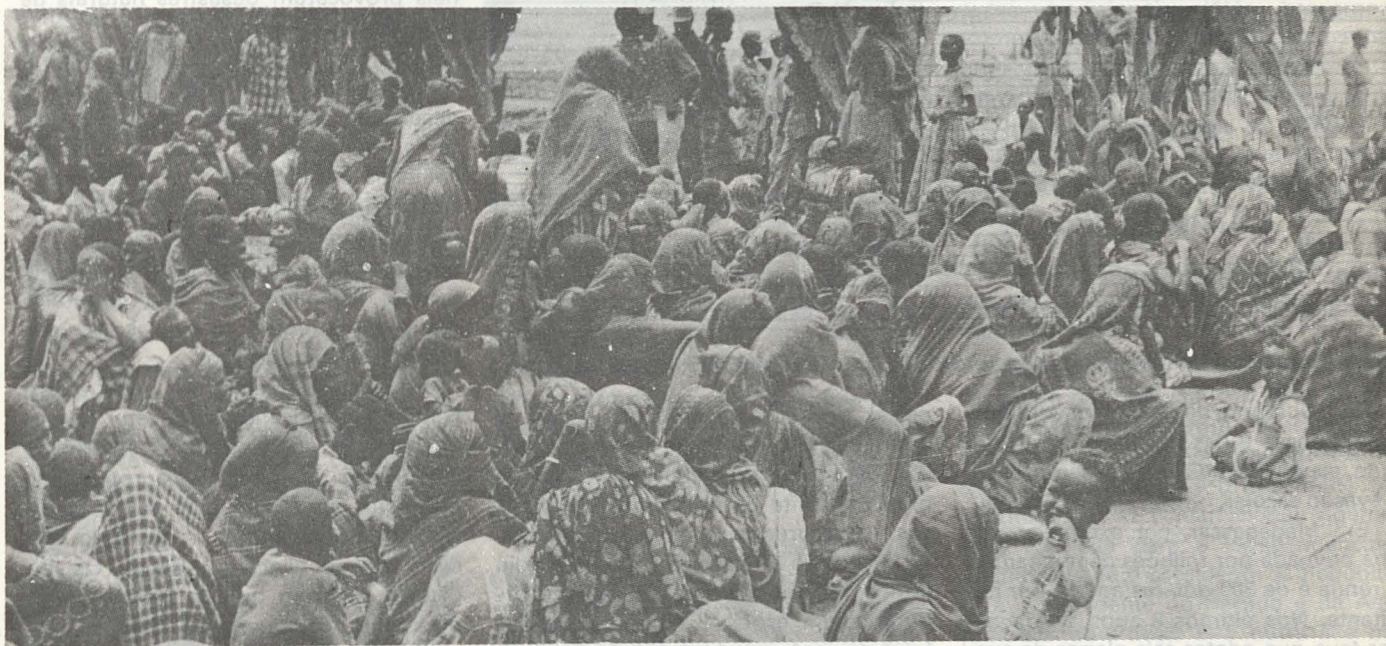
Há quase dois anos, o presidente François Mitterrand, da França, anunciou que seu governo iria cancelar um

de Estado dos países centrais mais ricos – o chamado Grupo dos Sete, integrado pelo Estados Unidos, Japão, Alemanha Federal, Reino Unido, França, Itália e Canadá – celebraram uma reunião presidencial, para discutir temas econômicos. Um dos tópicos da agenda foi o problema colocado pela dívida dos países em situação "angustiante". O único passo dado por essa reunião, em relação à dívida externa do Terceiro Mundo, foi um acordo para conceder prazos de pagamento mais longos aos países africanos mais indigentes. Esses Estados africanos, para conseguirem novos pra-

pós uma moratória de cem anos para a dívida externa dos países menos desenvolvidos. Gorbachev propôs também que o pagamento de juros se efetue de acordo com o rendimento da economia de cada país devedor e sugeriu a formação de uma agência internacional, para coordenar um mecanismo de redução do conjunto da dívida dos países subdesenvolvidos.

Os planos de austeridade

Durante a década de 80, sob a pressão dos bancos e governos credores,



O drama do clima junta-se à impiedosa cobrança da dívida externa para deixar populações africanas sem possibilidades de progresso

terço dos débitos que 20 nações da África devem a seu país. O montante cancelado pelo presidente socialista ascende a apenas 170 milhões de dólares. (O Produto Nacional Bruto-PNB francês, em 1983, foi de 569 bilhões de dólares). Mitterrand sugeriu aos outros países credores que tomem medidas similares e propôs um plano de renegociação dos créditos remanescentes, concedendo prazos mais longos e taxas de juros mais baixas. No mesmo dia, o governo da República Federal da Alemanha anunciou um plano para cancelar 50,3 bilhões de dólares da dívida de vários países africanos.

Algumas semanas depois, os chefes

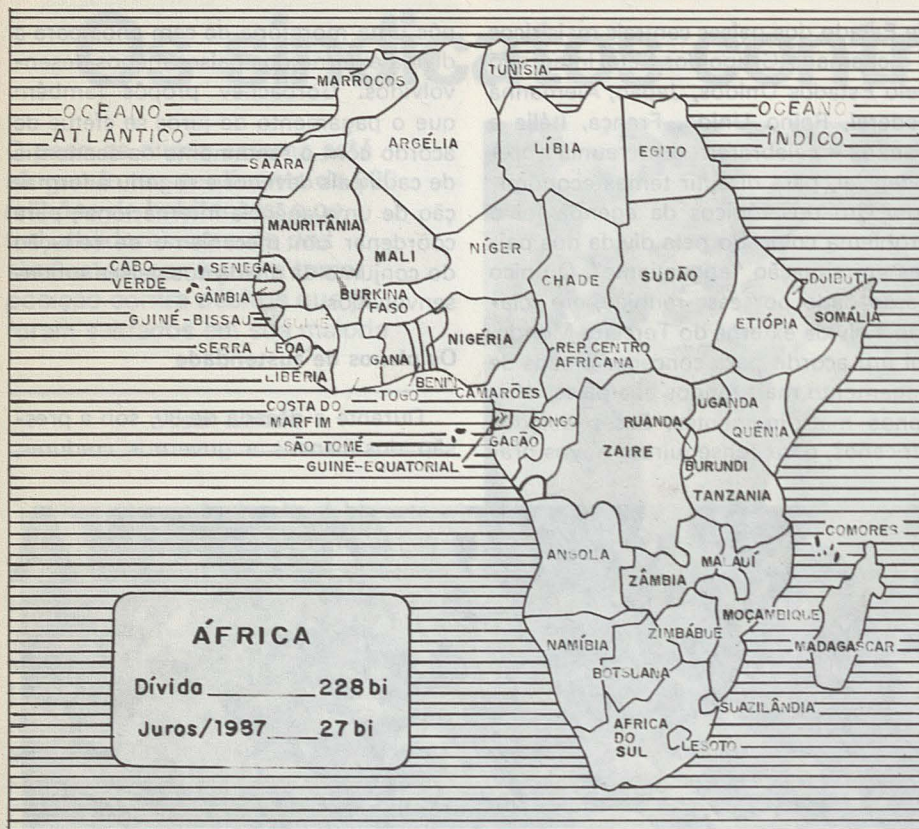
para suas dívidas, devem apresentar programas de austeridade que serão supervisionados por técnicos dos países credores.

A renda per capita nos países do Grupo dos Sete se situa entre 10 mil e 20 mil dólares por ano, enquanto, nos países africanos afetados pela resolução de Toronto, o PNB per capita é de 450 dólares por ano, ou até menos.

O líder soviético, Mikhail Gorbachev, em discurso pronunciado na Assembleia-Geral das Nações Unidas, em dezembro passado, formulou uma proposta mais positiva. Ressaltou a necessidade de diminuir o abismo que separa as nações ricas das mais pobres, e pro-

cerca de 30 países africanos se viram obrigados a adotar medidas de ajuste em suas economias, o que os habilitaria a continuar recebendo ajuda financeira de seus credores. Esses planos, recomendados pelo FMI, incluem a desvalorização das moedas frente ao dólar, a abolição dos subsídios para alimentos e outras necessidades básicas, salários mais baixos para todos, aumento da jornada de trabalho e do ritmo de produção, drásticos cortes nos gastos de saúde, habitação e educação e diminuição dos empregos públicos.

De acordo com conclusões de uma conferência realizada em Cartum, Sudão, o resultado dessas reformas pro-



Vinte e duas nações africanas vivem situação dramática: seus débitos superam o próprio PIB

duziu o aumento da desnutrição infantil, das doenças e das mortes e, por outro lado, elevou os índices de desemprego e a evasão escolar.

Em Madagascar, por exemplo, uma ilha povoada por milhões de habitantes, a renda é de 300 dólares anuais por habitante. Nos últimos 8 anos, Madagascar teve que adotar seis planos de austeridade. De acordo com o informe apresentado à conferência de Cartum, o resultado desses planos foi o aumento das taxas de mortalidade infantil e dos índices de desnutrição. A maioria da população urbana tem hoje uma dieta pior do que tinha cinco atrás. Isso foi acompanhado por uma severa deterioração das condições de saúde e de um grande aumento no preço dos medicamentos essenciais. As condições de habitação pioraram e a evasão escolar no nível primário aumentou. A resposta dos bancos ocidentais foi insistir nas medidas de austeridade, alegando que eram necessárias.

O Banco Mundial publicou, no ano passado, um estudo, no qual adverte os

países devedores a diminuir gastos na área de saúde, educação e outros serviços, para "reduzir o déficit do Estado, a principal fonte de problemas econômicos", de acordo com seu ponto de vista. A instituição financeira mundial pediu também a modificação do sistema tributário, em especial a diminuição dos impostos sobre os lucros das empresas. O informe destaca a necessidade urgente de reduzir os gastos do Estado nas nações do Terceiro Mundo.

Além disso, a guerra

A crise na África se vê particularmente agravada, no caso dos países que sofrem a agressão militar da África do Sul e de grupos terroristas apoiados pelos Estados Unidos. As perspectivas de paz na região são melhores a médio e longo prazos, mas não imediatamente. Centenas de escolas e hospitais foram destruídos ou fechados por causa da guerra, na região sul da África. A mortalidade infantil é atualmente a mais alta do mundo. Os preços dos artigos de

consumo básico aumentaram 500% nos últimos 18 meses, e a renda per capita caiu a 95 dólares por ano. Um quarto dos 14 milhões de habitantes de Moçambique padece de inanição ou desnutrição grave. O Zimbábue, que faz limite com a África do Sul, teve que destinar 300 milhões de dólares para financiar tropas, que devem guardar suas linhas de transporte através de Moçambique.

A destruição do meio ambiente é outro dos flagelos produzidos pelo endividamento externo. Na África, como em outras regiões do Terceiro Mundo, os programas de desenvolvimento impulsionados pelas empresas transnacionais provocaram desastres naturais de grande envergadura.

Este ano, o Senegal, Mali, Chade e outros países, que fazem limite com o deserto de Saara, estão ameaçados pela fome, devido à destruição de 30% das colheitas por lagartas. Os projetos florestais destinados a deter o avanço do deserto estão também ameaçados por essa praga. Os esforços para controlá-la ficaram debilitados pela crise econômica que afeta a região, já que os recursos disponíveis são escassos.

Em vista da catástrofe geral que o continente africano sofre em consequência do endividamento externo, a conferência dos sindicatos aprovou uma proposta, que é igual à de outros sindicatos de trabalhadores no resto do Terceiro Mundo: cancelar a dívida. Os sindicatos sugerem que os bancos "simplesmente coloquem os créditos, em seus balanços, no vermelho da ajuda financeira, com o que deixam de ser exigíveis". Caso contrário, a dívida "será repudiada coletivamente por todos os países", afirmam os sindicalistas.

"Qualquer consideração honesta da dívida africana revela que a mesma já foi resgatada em sua totalidade, ou ao menos em sua maior parte", declara a resolução, que convocou a formação de uma frente de devedores de todas as nações do Terceiro Mundo, para lutar pelo cancelamento da dívida. Os trabalhadores africanos consideram necessário que os sindicatos adotem uma firme atitude sobre o problema da dívida externa e formulam um chamamento à solidariedade internacional dos trabalhadores.

A experiência legislativa

A assembleia angolana está ainda nos seus primeiros passos, mas já teve a responsabilidade de decidir sobre questões tão transcendentais quanto a lei de anistia e a reformulação da economia do país

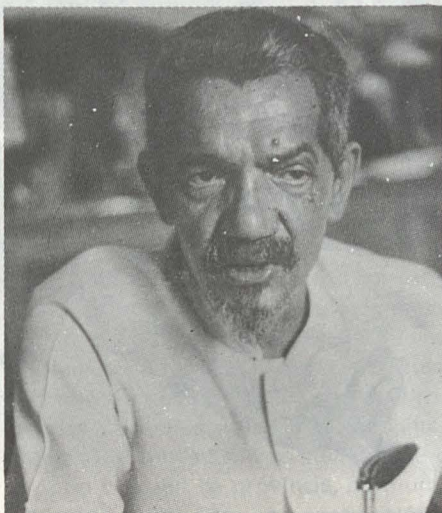
Quem já sentiu, na própria pele, as consequências da política belicista do regime de Pretória, como grande parte dos dirigentes angolanos, tende a duvidar que, a partir dos acordos de Nova Iorque, tudo possa se tornar um mar de rosas no convívio entre Angola e a África do Sul. Daí um certo ceticismo que se observa, e que confirma, nessa entrevista exclusiva a **terceiro mundo**, um dos dirigentes históricos do Movimento Popular de Libertação de Angola-MPLA, Lúcio Lara.

Formado em física e química, Lara —hoje primeiro-secretário da Assembleia do Povo, o poder legislativo de Angola— na verdade nunca pôde se dedicar à profissão, engajado como esteve, desde muito cedo, na luta de libertação, sempre junto ao seu grande amigo, Agostinho Neto. Após a independência, ocupou vários cargos no partido (foi durante muitos anos o secretário-geral do MPLA-PT) e no governo. Eleito deputado, passou a ocupar a primeira-secretaria do poder legislativo, ao qual transferiu a sua experiência e conhecida dedicação.

Lara expõe aqui a trajetória dos órgãos do poder popular e faz uma avaliação da Lei de Anistia e dos acordos com a África do Sul, dois aspectos decisivos da política angolana atual.

Qual o tipo de trabalho que a Assembleia do Povo tem feito ao longo de sua existência?

— A nossa muito jovem Assembleia do Povo está ainda em fase de experiência. Desde a proclamação da independência, quando fizemos uma lei



Lara: estruturando a representação popular

constitucional, na qual o Estado definiu os seus fundamentos mínimos, a Assembleia do Povo já figurava como tal, com a ressalva de que, enquanto não existissem condições para sua instalação em termos normais (pois uma parte do nosso território estava ocupado naquela altura pelos sul-africanos e os zairenses), funcionaria um Conselho da Revolução.

Mas, sempre foi preocupação do presidente e do Partido a de se instituir uma Assembleia do Povo, mais representativa do que o Conselho da Revolução, onde houvesse uma expressão da vontade popular. Curiosamente, quando o presidente Neto partiu para se tratar da sua doença, insistiu que não se atrasassem os trabalhos da instituição da Assembleia do Povo. Assim, com sua morte (em setembro de 1979), o presidente José Eduardo dos Santos fez disso uma questão pessoal.

Em 1980, instituímos tanto a Assembleia do Povo, quanto as assembleias provinciais (ou, como nós dizemos, os órgãos do poder popular). Mas, a perspectiva era de também termos, no futuro, um poder legislativo a nível municipal, comunal e de bairros. Neste momento, estamos fazendo uma experiência-piloto de instituição do órgão popular a nível municipal. E para isso, nós

escolhemos sete municípios: alguns urbanos, alguns rurais, e um que vive da pesca.

Quem propõe os candidatos a integrar a Assembleia do Povo?

— Os organismos proponentes são o Partido, naturalmente, a juventude, as mulheres, os sindicatos, todas as organizações sociais, os artistas plásticos, os músicos, organizações como a Cruz Vermelha, entidades religiosas e autoridades tradicionais. (Nós herdamos o *chefe* tradicional, que desempenha ainda hoje um papel importante na comunidade. Por isso, considerou-se que sua presença nos órgãos de poder popular seria muito enriquecedora, para não perdermos as raízes da cultura do povo.)

Há entidades ou pessoas que sejam membros natos, isto é, não eleitos, do Poder Legislativo?

— Sim, e por isso há quem nos acuse de estarmos misturando partido e governo. Mas não é assim. Duas entidades, digamos assim, integram a Assembleia do Povo: uma é o presidente da República (a lei constitucional vigente —que foi feita para a independência— estabelece que o presidente da República é o presidente do Partido e da Assembleia do Povo). E a outra são os membros do birô político do MPLA, que são por eminência deputados. Os membros do Comitê Central não são membros natos do Legislativo. Eles podem resultar escolhidos para serem propostos pelo Partido. Se o Partido propõe 50% dos membros do poder popular, digamos que 25% ou até muito menos que isso, são membros do Comitê Central e também membros-chave do partido em determinadas províncias.

Só é reeleito quem trabalha

De que forma é prevista a renovação da Assembleia?

— Ela é renovada de cinco em cinco anos. Os deputados podem ser reeleitos. Há departamentos da assembleia

ÁFRICA

que registram a atuação dos deputados e há também uma comissão dos órgãos do poder popular —que funciona na Assembleia— que vai estudando, individualmente, o trabalho de cada deputado: se participa nas sessões plenárias e nas comissões, o número de vezes que tem visitado o seu eleitorado e os resultados obtidos. Com base nisso tudo, se faz um relatório. Depois, dentro do princípio que temos usado, de "renovação e continuidade", propõem-se aqueles que devem continuar e os que devem ser substituídos.

Está previsto que essa assembleia algum dia venha a ter poderes constituintes?

— Por enquanto não está previsto. Nós temos uma lei constitucional, mas chegará o momento em que se porá esse problema. Nós vivemos com nossa lei constitucional desde a proclamação da independência. Ela já foi modificada umas quatro vezes, a nível do Comitê Central e —as últimas alterações— a nível da Assembleia do Povo.

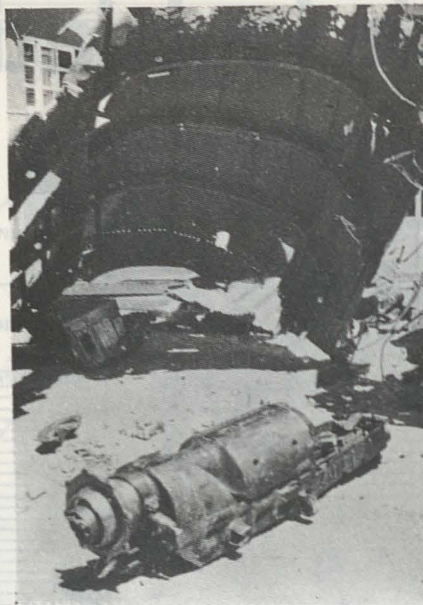
Que proporção de membros da Assembleia que pertencem ao Partido?

— Em números redondos, 65% a 70% dos deputados pertencem ao partido, contando todos aqueles que não foram eleitos a través do partido, mas que, no fundo, são partidários. Vejamos um exemplo: pode acontecer que de 20 a 30% das deputadas que integram a Assembleia, em representação da organização das mulheres, sejam membros do Partido.

Comente o processo de discussão de alguma lei específica.

— A Assembleia do Povo, em seu

Angola começa a viver a paz e a recuperar-se do peso da guerra, mas sem descuidar da defesa



Apesar da guerra, Agostinho Neto ressaltava a importância da representação popular

curto espaço de tempo, já teve muito sobre o que legislar: leis importantes ligadas ao próprio funcionamento da Justiça no país, por exemplo. Já temos o Sistema Unificado de Justiça, que vai agora ser apresentado à procuradoria da República. Este é o caso do Código da Família, em que se legalizou a união de fato entre o homem e a mulher, se deu um tratamento especial aos órfãos, etc.. A poligamia, por exemplo, não foi abolida, mas também não foi legalizada. Ela existe, mas não está prevista do ponto de vista legal. Num país como o nosso, há a lei escrita e a lei da tradição. Há que se buscar o justo equilíbrio entre uma e outra.

Como se deu a discussão sobre o novo programa econômico?

— O debate das leis ligadas ao programa de Saneamento Econômico-Financeiro-SEF foi uma discussão longa, de busca de soluções. Podemos dizer que todas as forças econômicas do país a nível provincial, municipal e central, estiveram engajadas em harmonizar todo esse complexo problema, algo extremamente difícil nas nossas condições.

Foram aprovadas como leis as linhas fundamentais e coube ao conselho de ministros regulamentar, através de decretos, todos esses processos. Os investimentos, o papel das empresas estatais, os títulos do Tesouro, foram temas que suscitaram debates. E tiveram os seus reflexos nos órgãos provinciais, porque os planos de desenvolvimento econômico e social das províncias são discutidos na Assembleia Popular Provincial, e com bastante maturidade.

E a lei de anistia?

— Essa lei, no fundo, não é mais do que uma consequência do processo que há muito tempo se desenvolve. Processo esse que já nasceu com o presidente Neto, quando afirmou que era necessário praticarmos uma política de clemência para possibilitar a reaproximação daqueles que não se identificavam com a nova situação do país, e cuja volta não poderia ser objeto de represálias ou



ÁFRICA

castigo. Essa idéia foi sendo amadurecida, primeiro à maneira de palavra-de-ordem, e depois, pouco a pouco, de uma forma normal, como diploma legal.

O primeiro passo dado no rumo da anistia foi a aprovação da política de clemência pela Assembléia do Povo. Ali estão todas as linhas mestras desta política. E está prevista a criação de um organismo competente para enquadrar estas ações, que não são fáceis, e necessitam de muita reflexão e dinamismo para a sua aplicação correta.

Mas, em relação à política de clemência, o que se votou foi chamado de uma "resolução". Do ponto de vista jurídico e, mais ainda, do ponto de vista jurídico internacional, ficou claro que isso não era suficiente. Chegou-se à conclusão de que era necessário uma lei. Estudou-se, então, esta Lei de Anistia, que agora começa a vigorar.

Houve necessidade, também, de uma lei complementar, que vai ser aprovada em breve, designando um órgão para acompanhar a reintegração dessa gente. O órgão do Estado que, apesar de tudo, estava em melhores condições de poder dinamizar essa estrutura era a Secretaria de Estado de Assuntos Sociais. E digo "apesar de tudo", porque é muito diferente a função que tem exercido até hoje daquelas que vai acumular, a partir de agora: tratar de tudo o que tem a ver com os antigos combatentes, antigos refugiados angolanos em outros países, e refugiados estrangeiros em nosso país, mais os milhares de deslocados de guerra, que nós temos e que necessitam de uma permanente atenção. Isso sem mencionar o problema das crianças órfãs e abandonadas, que já eram o objeto da Secretaria de Assuntos Sociais.

"Resistências naturais"

Qual é a sua avaliação política da Lei de Anistia?

— Pensar que é um fenômeno que vai acontecer sem resistência seria ilusório. Eu próprio tenho resistência, como homem, como ser humano. Mas temos constatado que nosso povo tem uma grande capacidade de entendimento nesses casos. Claro que guarda os seus rancores.



Começam as experiências de representações populares municipais, comunais e de bairros

Eu estive há dias no sul e vi uma das melhores estruturas de café, essas empresas estatais de café que temos lá, que é uma antiga empresa privada portuguesa. É uma empresa magnífica, com todas as instalações sociais, que na altura cumpriam uma certa função, mas, que agora estavam viradas para os problemas da população, com um hospitalzinho tão bom ou talvez melhor que o próprio hospital da província, do município de Babela. Tem uma central elétrica muito boa, serviços de água, escola, biblioteca.

Pois bem, essa fazenda foi objeto de um ataque dos fantoches da Unita, que pura e simplesmente fizeram explodir totalmente a central elétrica. De explodir o hospital não tiveram tempo, mas roubaram todos os lençóis, roupas, partiram os vidros, incendiaram a biblioteca de um valor extraordinário. Quando estávamos vendo esses destroços, um camarada que nos acompanhava dizia: "Vejam só, como é que posso entender a política de clemência com tipos que ainda agora fazem crimes como este?"

Há este aspecto, que é muito mais psicológico que político, de cada família que perde parentes, de cada homem ou mulher que perde braços, pernas, casa, aldeia. Portanto, é natural que esta lei cause uma certa dificuldade. Mas, o que nós temos notado é que, apesar de tudo isto, a população aceita e entende que é necessário fazermos mais este esforço, engolirmos mais estas cobras, para avançar na unidade do país, para a harmonização nacional. Portanto, neste aspecto estamos confiantes. À exceção do Savimbi, qualquer um dos membros da Unita pode ter acolhida entre nós.

Esta política de anistia tem a ver com todo o processo das negociações com a África do Sul? O que Angola pode esperar desses acordos?

— Inicialmente, não se pode ter confiança, embora, durante todo o processo, Angola e Cuba tenham jogado com grande limpeza. Mas, isso não aconteceu da outra parte. Nós lutamos para que houvesse alguém, um Estado que fosse, que garantisse o que nós exigimos. Nós temos um histórico curto com a África do Sul, mas rico em violações, em invasões, que não nos permite estar tranquilos, mesmo com a Namíbia independente. Claro que, como disse o presidente José Eduardo dos Santos, nunca estivemos tão perto da paz como agora. Mas, a confiança é algo que exige provas concretas, e essas provas nós não as tivemos ainda da África do Sul, salvo o fato anunciado de ter abandonado o território angolano.

O fato talvez mais alarmante é a posição ambígua dos Estados Unidos. Ambígua de uma certa maneira, porque na verdade, os Estados Unidos, mesmo sendo mediadores, jogaram a favor da Unita, que é o braço angolano da África do Sul. Portanto, nós neutralizamos o corpo sul-africano, mas aquele braço está vivo e mexe-se, o sangue ainda circula e temos prova disso. Os Estados Unidos continuam a manifestar o seu apoio à Unita e, desta forma, estão a desmentir o papel mediano de que se orgulham e de que fazem gala. E então surge uma pergunta: com que espírito é que os EUA, África do Sul e o próprio Savimbi — braço angolano de Pretória — aceitaram a assinatura desses acordos? Foi para cumpri-los ou não?

Bem, da parte de Savimbi e dos Estados Unidos, não é esse o espírito. Portanto, temos que estar muito vigilantes. Cabe-nos continuar nessa via de tentarmos neutralizar a política absurda da Casa Branca, de querer instalar aqui em Luanda um governo que lhe seja servil. Parece-me disparatado e irrealista. ●

Beatriz Bissio

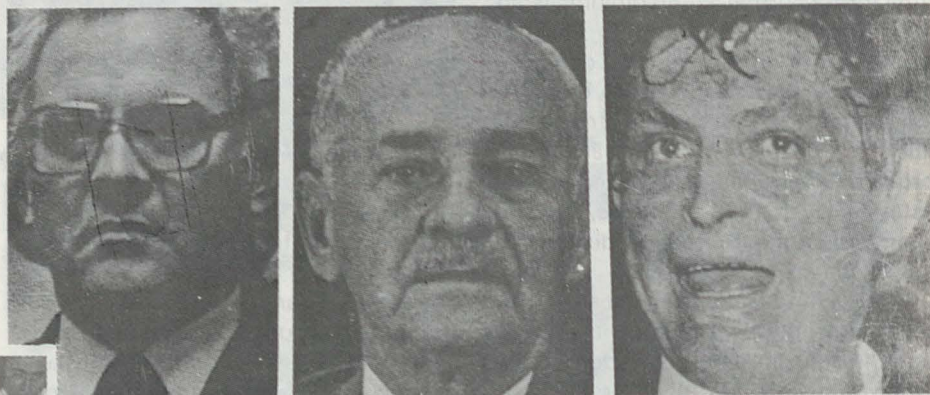
O preço da estabilidade

As perspectivas de manter a economia longe do tumulto inflacionário apontam a vitória do governo, que não hesitou em implantar uma política de arrocho e mantém o desemprego em torno de 20%

Beatriz Bissio,
enviada especial
a La Paz

O grande ganhador desta eleição foi a política econômica", afirmou o candidato situacionista Gonzalo Sánchez de Lozada, quando ao meio-dia da segunda-feira, 8 de maio, proclamava a sua vitória, perante a imprensa nacional e estrangeira. Segundo o aspirante à presidência pelo Movimento Nacionalista Revolucionário-MNR, as projeções dos seus assessores, a partir dos dois terços apurados de votos, já lhe permitiam afirmar que saíra vitorioso, mesmo que por estreita vantagem. As previsões do MNR se confirmaram, mesmo que a margem de diferença sobre o general Hugo Bánzer Suárez, da Ação Democrática Nacionalista-ADN* tenha sido de apenas um por cento. O terceiro lugar, também por pequena diferença, coube ao candidato da coligação Movimento da Esquerda Revolucionária-MIR/Nova Maioria, Jaime Paz Zamora.

"Goni", como é apelidado Sánchez de Lozada, foi ministro de Planejamento do presidente Víctor Paz Estenssoro e responsável pela atual política econômica do país. Na véspera, ele afirmara que a eleição seria um verdadeiro "plebiscito", em relação à Nova Política Econômica-NPE, eixo dos feitos do quarto mandato do presidente Víctor Paz Es-



A leve vantagem de Lozada(e) sobre Bánzer(c) muda a cena política. Zamora(d) cresceu

tenssoro e também das mais acirradas discussões, ao longo da campanha eleitoral.

Não era para menos. Desde que a NPE foi lançada, em agosto de 1985, através do decreto mais famoso da história da Bolívia, o 21.060, muita coisa mudou no país. Ao adotar as principais teses

dos chamados "Harvard boys", e, fundamentalmente, do economista norte-americano Jeffrey Sachs, o mais pobre dos países da América do Sul passou a ser o filho mimado do Fundo Monetário Internacional-FMI, que qualificou de "exemplar" o resultado do modelo econômico imposto ao país pelo MNR.

Efetivamente, através de medidas calcadas numa dura ortodoxia, a Bolívia conseguiu baixar uma das mais elevadas hiperinflações das últimas décadas, no continente - de 24.000%, em 1983 - para 20%, em 1988. A receita não foi diferente da que está sendo testada em outros países da região: começou com o corte de seis zeros na moeda nacional, o peso, que também mudou de nome, passando a se chamar *boliviano*. Em seguida, veio um corte drástico de funcionários públicos. A Confederação Operária Boliviana-COB estima que 150 mil trabalhadores perderam o emprego, entre agosto de 85 e dezembro de 88, nos setores estatal e privado.

As outras medidas compreenderam a eliminação da estabilidade no emprego e da interferência do governo nas nego-

ciações salariais. Só o salário mínimo nacional (atualmente 60 bolivianos, o que equivale a 23 dólares) é fixado pelo governo. E ainda: redução dos impostos, dinamização da máquina de arrecadação tributária, liberação das importações, cortes de todos os subsídios, restrições ao crédito e criação de um mecanismo de reciclagem dos dólares ilegais, provenientes do narcotráfico, através de um leilão diário de divisas, chamado *Bolsín*, que regula a cotação do boliviano. Estima-se que esse tipo de operação atinge um patamar de até dois bilhões de dólares anuais.

Novo perfil social

Semelhante pacote tinha que mudar muita coisa no país, começando com uma redução do poder econômico e, conseqüentemente político, da COB. Com a privatização e o fechamento das principais minas de estanho do país, a central sindical viu enfraquecer-se o seu sindicato mais combativo, o dos mineiros. Justo Pérez, o secretário de relações internacionais da COB, reconhece que a própria dispersão geográfica, que provocou a demissão em massa, fez a central perder substância e lhe tirou os quadros mais experientes.

Só da Corporação Mineira de Bolívia-Comibol, estatal, foram demitidos 23 mil trabalhadores, e Pérez calcula que uma proporção muito alta deles está ainda desempregada. Ele contesta,

assim, os números do governo, segundo os quais mais da metade dos mineiros desempregados arranhou outros meios de ganhar a vida. Por outro lado, o decreto 21.060, obviamente, provocou uma queda de quase 40% no poder aquisitivo da população. Ou seja, os trabalhadores que não estão desempregados ficaram mais pobres. Dados da igreja católica mostram que dos dois milhões e cem mil bolivianos, que constituem a força de trabalho do país, pelo menos quatrocentos mil estão sem trabalho (cerca de 20%).

No campo, a situação não é melhor. Faltou incentivo governamental aos camponeses beneficiados com a reforma agrária, que ficou estagnada, feita pela revolução de 1952. Isso fez com que muitos dos assentamentos rurais estejam hoje subaproveitados, produzindo apenas uma agricultura de subsistência. A reforma agrária não destruiu o latifúndio, na Bolívia. Segundo o dirigente da COB, Carlos Camargo Chávez, 53% da população são camponeses e só têm 20% das terras. Os 80% restantes das propriedades rurais se concentram nas mãos de 20% dos bolivianos. O pior é que já se passaram mais de três décadas, desde primeira distribuição de terras. Não houve novos assentamentos. As famílias acabaram subdividindo o seu lote entre os filhos, parcelamento que tem levado algumas regiões a um grande esgotamento das terras.

Esse processo expulsou a população camponesa para as áreas urbanas, que sofreram um inchaço, com a consequente deterioração do nível de vida e o surgimento de quadros graves de subnutrição, entre as crianças das áreas mais carentes.

"De 1985 até hoje, surgiu uma nova Bolívia", assinala, com toda razão, Carlos Camargo. Hoje, pouco resta de pé da estrutura econômica e social, criada pela revolução de 1952, liderada pelo MNR, e, em particular por Siles Zuazo e Estenssoro, na década de 50. Por ironia da história, quem desmontou essa estrutura foi o próprio MNR, dividido nas facções de Zuazo e Estenssoro, após a etapa das ditaduras dos anos setenta. Ao ex-presidente Zuazo cabe a responsabilidade pelo descumprimento - e há

muitas razões para que isto tenha ocorrido - do compromisso de mudança social, assumido na campanha eleitoral da União Democrática Popular-UDP, pela qual se elegeu presidente, em 1980.

Quanto ao presidente Estenssoro, foi a política liberalizante do decreto 21.060, que praticamente acabou com a Comibol, congelou a Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos-YPFB (estatal do petróleo) e liquidou a empresa de financiamento do Estado, a Corporación Boliviana de Fomento-CBF, encarregada do crédito aos pequenos produtores. Esse tripé era o instrumento básico de ação do Estado boliviano, desde a revolução de 52, para implementar a política nacionalista e orientá-la com a bússola da justiça social.

Faltam propostas novas

Também em termos demográficos, a NPE provocou alterações. Na região de El Chapare, por exemplo, no departamento de Cochabamba, a população passou de nove mil pessoas para 80 mil, desde 1985. A brusca mudança deve-se ao fato de que muitos mineiros e funcionários públicos desempregados emigraram para a região, onde passaram a viver, muito modestamente, da agricultura em geral e, fundamentalmente, da plantação de coca. "Não podemos negar que esse fenômeno se deu", admite Pérez.

Também não há como negar o fato de grande parte dos desempregados se terem transformado em camelôs, engrossando a economia invisível do país. Muitos bairros importantes de La Paz e outras cidades parecem agora verdadeiros mercados persas.

É o grande problema do subemprego, misturado com o contrabando, que entra sem maiores riscos na Bolívia, segundo denuncia o filho do presidente Estenssoro, Ramiro Paz Cerruto, que, atualmente, está ligado ao MIR/Nova Maioria e mantém apenas relações formais com o pai. Para esse economista, que já foi consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento-BID, o contrabando entra sem problemas pelo aeroporto internacional de Viru Viru, em Santa Cruz de la Sierra, de onde, sob a vista grossa da aeronáutica, é distribuído por todo o país.

O volume do contrabando é tão alto, que permite ao governo mostrar um precário equilíbrio na balança comercial. No ano passado, a Bolívia exportou 600 milhões de dólares e importou 580 milhões, segundo dados oficiais. "Na verdade", afirma Paz Cerruto, em conversa com **terceiro mundo**, "o nível das importações permanece em torno de 1 bilhão de dólares ao ano, como antes de 1985. A diferença entre ambas as cifras é o volume de mercadorias de contrabando, já que o nosso país tem uma indústria débil, que necessita de insumos do exterior, e grande parte do que consumimos também vem de fora". O contrabando é, fundamentalmente, proveniente da Argentina e do Brasil.

"O grande problema é que a Bolívia atual responde a um projeto de país implementado, de forma bem consciente, pelas classes dominantes, enquanto as forças da esquerda continuam a utilizar a retórica e os esquemas de análise da década de cinquenta e não tem propostas para a Bolívia do ano 2.000", lamenta-se Carlos Camargo Chávez, dirigente do sindicato dos professores uni-

É alto o custo social do saneamento econômico do MNR. Na foto, mineiros despedidos



versitários e secretário de bem-estar social da COB.

À frustração, em que vivem os sindicalistas mais atuantes, pela perda de força e protagonismo da central operária, soma-se a da impotência diante das milionárias campanhas eleitorais realizadas pelo MNR e pelo general Bánzer. "Fizeram tanta propaganda sobre os benefícios do modelo econômico que nos impuseram, e criaram tanto medo, de que se não votassem neles poderíamos cair novamente na hiperinflação, que o povo votou contra seus próprios interesses", constata Alfredo Gómez García, dirigente do sindicato ferroviário e da COB.

"Sem dúvida, parte da responsabilidade de não podermos ter maior peso na escolha do futuro presidente é da dispersão do voto da esquerda, dividida entre várias candidaturas", reconhece Gómez García.

Miragem da estabilidade

Mas, terá sido apenas consequência das campanhas milionárias no rádio e na televisão o resultado eleitoral, que beneficiou duas candidaturas, que, salvo diferenças de matizes, propunham basicamente a continuidade do modelo econômico? O próprio candidato a vice-presidente na chapa do MIR-Nova Maioria, Gustavo Fernández, acha que não. Na véspera da eleição, em conversa informal com **terceiro mundo**, ele descrevera assim as três principais opções que essa eleição apresentava ao povo boliviano: "Primeiro, está a opção nostálgica, o sonho da volta ao passado, com um governo autoritário, que pode mostrar índices econômicos favoráveis, porque ainda estavam altos os preços do estanho e do petróleo. Esse candidato é o general Bánzer. Depois, está a ilusão da estabilidade presente, a opção que oferece manter tudo como está, inclusive o decreto 21.060. O candidato é o "Goni" Sánchez de Lozada. Finalmente, está a opção de mudança, com os olhos postos no futuro. Este candidato é Jaime Paz Zamora."

Mas, Fernández intuíva, que, entre uma opção de mudança, que sempre gera incerteza, e uma de continuísmo,

com a oferta de estabilidade econômica, o povo podia ver-se tentado a protelar os seus anseios de melhorar de vida, pensando que, pelo menos, agora estava melhor que em 1983, quando o dinheiro não tinha mais valor.

A opção do povo

Este efeito psicológico – estabilidade *versus* incerteza e risco de retorno à inflação, que aumentava 2% ao dia – sem dúvida teve o seu peso na hora do voto. E explica, em parte, a recuperação do MNR, que, após o péssimo desempenho da eleição municipal de 1987 – quando foi praticamente arrasado pela polarização do eleitorado entre a esquerda, representada pelo MIR, e a direita, do general Bánzer – obteve, em 1989, votação superior à da campanha presidencial de Víctor Paz Estenssoro, em 1985.

Outro aspecto importante da eleição boliviana é a perda de substância da candidatura do general Bánzer. Nesse seu quinto intento de chegar ao Palácio Queimado pelo voto, Bánzer baixou o seu percentual de votos, dos 33% de 1985 a pouco mais de 25%, agora. Este resultado – que não era esperado pela Ação Democrática Nacionalista, nem muito menos pelo ex-ditador, que na própria noite de 7 de maio, com apenas um terço dos votos apurados, se proclamara vencedor do pleito – libera o congresso de uma grande responsabilidade.

Como se sabe, na Bolívia, a constituição estabelece que, para eleger-se no primeiro turno, um dos candidatos à presidência terá que obter a maioria absoluta de votos, isto é, 51%. Caso contrário, cabe ao poder legislativo – cujos membros são escolhidos de forma simultânea à eleição presidencial – a decisão num segundo turno, a ser realizado após a instalação do novo congresso, no mês de agosto. Em 1985, Bánzer foi o primeiro colocado, porém não atingiu os 51%. E os parlamentares optaram por conceder a vitória a Víctor Paz, o segundo colocado, protelando as ambições do general. Desta vez, Bánzer não iria aceitar que se repetisse a cena de 85.

"Acatarei o que estabelece a Consti-

tuição. Mas, que fique claro que a exceção não se pode converter em regra", declarou à imprensa, quando se aproximava do seu local de votação. E, a partir daí, numa Bolívia, que, em pouco mais de 160 anos de vida independente, já teve 189 golpes de Estado, o fantasma da quebra institucional começou a rondar. "A ADN pode tentar adiar a decisão do congresso de forma indefinida e isso facilitaria uma intervenção das forças armadas", já nos advertira Ramiro Paz.

Mas, as coisas mudam, se Bánzer, mesmo que seja por 1% dos votos, sair em segundo lugar. Por isso, este quase tríplice empate, mas com discreta vantagem para o MNR, é um fato significativo. Como o é também, que o MIR-Nova Maioria – coligação de esquerda, que em 1985 obteve só 8% dos votos – tenha atingido agora um patamar superior a 20%.

"O Movimento da Esquerda Revolucionária-MIR é o partido que mais cresceu nesta eleição. Passa a ser a força com mais potencial de futuro, sem mencionar que seremos decisivos em toda negociação do legislativo", afirma Emma Obleas de Torres, eleita primeira deputada por La Paz pelo MIR. Dona Emma é a viúva do general Juan José Torres, ex-presidente da Bolívia, assassinado no seu exílio de Buenos Aires em 1976, após ter sido derrubado por Bánzer.

Agora, começa uma etapa de árduas negociações entre todas as forças políticas do país, visando à eleição indireta no congresso.

Mas o resultado é quase previsível. A esquerda, mesmo no caso – improvável – de se unir no segundo turno em torno do candidato do MIR, Jaime Paz Zamora, dificilmente chegará a obter a maioria necessária para fazê-lo presidente (79 dos 152 parlamentares). Descartada, também, a hipótese de Bánzer vir a ser eleito pelo Congresso que ele avassalou, quando foi presidente de fato, resta então a ratificação de Sánchez de Lozada. Assim sendo, o Parlamento confirmaria o leve favoritismo nas urnas, obtido pelo candidato governista. ●

* Bánzer chefiou o golpe de 1971, contra o general Juan José Torres, e se manteve no poder até 1978, quando, sob pressão popular, convocou eleições



A eliminação da esquerda colombiana é um processo permanente, que o governo de Barco não consegue controlar

Massacre na violência política

O crescimento do número de assassinatos coloca a Colômbia à beira da desagregação social e exige que o governo e as forças de oposição façam um acordo para encontrar o caminho da paz

Guillermo Segovia Mora

Anno de 1988 passará à história da Colômbia como um dos mais violentos. Na guerra civil não-declarada, ou guerra suja, que o país vive há cinco anos, os executores de um plano de extermínio introduziram uma macabra modalidade de assassinato contra a esquerda e os setores populares organizados, incluindo mesmo os moderados e progressistas dos partidos tradicionais: os massacres. O objetivo é

dizimar grupos de simpatizantes da esquerda, que, supostamente, estariam dando cobertura às organizações guerrilheiras.

Nos anos anteriores, tinham sido registradas manifestações isoladas desse tipo de ação criminosa. Mas, desde março de 1988, passaram a ocorrer massacres de trabalhadores nas plantações de bananas da região de Urubá, onde 36 pessoas foram assassinadas por grupos encapuzados. Os massacres, tragicamente, tornaram-se fatos habituais.

A classificação de massacre foi dada

pelos próprios pesquisadores da violência, que assim qualificam os assassinatos coletivos de mais de cinco pessoas. Nos últimos 12 meses, foram registrados mais de 70 massacres e o total de mortos chega a 500.

As ações dos grupos direitistas, que atuam com surpreendente facilidade, levaram o terror desde remotas zonas rurais até cidades de relativa importância.

Em Segóvia, Antioquia, norte do país, no dia 11 de novembro último o grupo paramilitar "Morte aos Revolucionários do Nordeste", um dos 140 existentes na Colômbia, segundo um ministro do governo, crivou de balas 40 pessoas, vingando-se, porque a maioria dos habitantes de Segóvia simpatiza com a União Patriótica-UP, de esquerda. Às alarmantes estatísticas dos mas-

sacres se somam os assassinatos seletivos e os desaparecimentos, nos diversos pontos do país, de sindicalistas, camponeses, índios, militantes de grupos de esquerda e de organismos de direitos humanos, sacerdotes e funcionários do poder judiciário comprometidos com as apurações destes crimes. Dos 14 mil assassinatos, que, segundo as autoridades, aconteceram em 1988, quase três mil foram crimes políticos.

A esquerda responsabiliza tanto as forças armadas pela guerra suja, quanto denuncia os militares pela convivência com os narcotraficantes, latifundiários e setores da extrema-direita, que incrementam a violência sem precedentes no país.

Já o governo, impotente para deter a onda de criminalidade, diagnostica a situação como "uma reação dos proprietários de terra de algumas regiões, que, cansados de pagar "impostos" à guerrilha e de sofrerem permanentes sequestros, decidiram criar grupos de autodefesa". As autoridades culpam também os traficantes, que, para defender as áreas de cultivos de cocaína, buscam atemorizar a justiça e os setores sociais que são contra a sua atividade.

Para fundamentar esta última hipótese, o governo cita cifras recentes levantadas por entidades de empresários urbanos: nos últimos dez anos, para limpar o dinheiro proveniente do narcotráfico, a máfia investiu 5,5 bilhões de dólares em terras e imóveis, tanto em zonas rurais como urbanas da Colômbia. As terras adquiridas pelos narcotraficantes chegam a um milhão de hectares, a maioria situada em regiões tradicionalmente de conflito, devido à presença de guerrilheiros e à luta camponesa, como no médio Magdalena, no Departamento de Santander, no norte de Antioquia e nas planícies orientais. Nessas regiões, tem sido particularmente intensa a guerra suja para desalojar os camponeses, os guerrilheiros e outros ativistas da esquerda.

A responsabilidade militar

São vários os indícios de militares envolvidos nos massacres. As investigações judiciais, determinadas pelo governo, e as declarações do procurador-

geral da República, do diretor nacional de instrução criminal e ainda os documentos do Departamento Administrativo da Segurança-DAS comprometem as forças armadas, tanto por ação, quanto por omissão.

Nas apurações sobre os massacres de Honduras e La Negra, em Urubá, o DAS vinculou os membros do Batalhão Voltígeros, sediados na região, como participantes diretos e colaboradores dos assassinatos. Meses depois, a juíza que assumiu o caso responsabilizou vários oficiais, um prefeito e os mafiosos do narcotráfico Gonzalo Rodríguez Gacha, Pablo Escobar Gaviria e Fidel Castaño.

Segundo a investigação, os narcotraficantes formaram escolas para treinamento de jagunços na região do médio Magdalena. De lá, com a ajuda de militares e de autoridades civis, movimen-



Os cartéis da cocaína transformaram-se em poder paralelo, que contamina a própria vida política do país

tam-se para realizar os massacres. A juíza foi ameaçada de morte e teve de fugir, abandonando o país, enquanto os acusados continuam em liberdade e os militares envolvidos não sofreram punição alguma.

No caso de Segóvia, a procuradoria concluiu que tanto o exército, quanto a polícia local contribuíram, pelo menos por omissão, para facilitar a ação do grupo paramilitar. A juíza que cuidava do caso expediu ordens de prisão contra vários militares. Após solicitar foro militar, o alto comando, atendendo à ordem da Suprema Corte de Justiça, permitiu que alguns dos implicados fossem julgados pela justiça civil.

O governo comprometeu-se, reiteradamente, a investigar e punir os civis e militares envolvidos, advertindo, com respeito aos militares, que se trata de atitudes individuais, que não comprometeriam o bom nome do exército.

Apesar de alguns resultados positivos, os grupos paramilitares e jagunços continuam atuando livremente.

Fim da justiça independente

Como se já fosse pouco, a guerra suja atingiu os membros do próprio Poder Judiciário. Em janeiro passado, juízes e funcionários que investigavam vários assassinatos em La Rochela, Santander, foram interceptados pelo grupo paramilitar MAS. Desarmados e algemados, foram executados ali mesmo. A conclusão lógica é alarmante: a guerra suja não preserva sequer representantes do Estado, como a advertir os que procurem esclarecer e punir os crimes.

No último 3 de março, em pleno aeroporto El Dorado, de Bogotá, enquanto conversava com o senador e pré-candi-

dato presidencial liberal Ernesto Samper, foi assassinado por um pistoleiro o jovem dirigente da União Patriótica, José Antequera. O senador Samper saiu ferido. A reação foi significativa. Ao contrário do que ocorre rotineiramente, ante as declarações dos partidos tradicionais sobre os quase 800 crimes contra dirigentes da UP e massacres de centenas de ativistas populares, o assassinato de José Antequera provocou uma comoção política, levando a uma mesma manifestação de repúdio à violência tanto dirigentes liberais e conservadores, quanto integrantes da UP, comunistas, sindicalistas, membros do M-19 e de diversas outras organizações sociais.

Todos os setores do país, e não só as já tradicionais vítimas, começam a sentir os efeitos da guerra suja, cujos executores não dão mostras de pretender suspender seus desígnios.

Esperança de paz

Em meio à louca onda de violência, renascem as possibilidades de uma solução política para o conflito interno



Guerrilheiros do M-19 aguardam as negociações de paz, observando uma trégua em Cauca

Ante o fracasso do processo de pacificação no governo de Belisario Betancur (1982-86), a administração do liberal Virgílio Barco limitou-se, em seus dois primeiros anos, a anunciar uma política de "mão estendida, mas pulso forte" em relação às organizações guerrilheiras. Tal política consiste em dar garantias, sem contrapartidas, a quem optar por reincorporar-se à vida política, e em intensificar o combate contra os que persistirem na luta armada para a mudança do regime. Para facilitar eventuais negociações com a guerrilha, o governo criou o Conselho de Reconciliação, Normalização e Reabilitação, organismo que, neste período, limitou-se a fiscalizar o cumprimento da trégua acertada entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia-Farc e o então presidente Betancur. Até que a trégua se rompeu, devido a sucessivos confrontos armados e a progressivo distanciamento do governo.

As Farc se uniram às demais organizações guerrilheiras (M-19, Exército de Libertação Nacional-ELN, Exército Popular de Libertação-EPL, Partido Revolucionário dos Trabalhadores-PRT, Pátria Livre e Quintín Lame) na Coordenação Nacional Guerrilheira Simón Bolívar-CNGSB, intensificando a atividade da insurgência.

Ante o recrudescimento da violência, as posições de distintos setores se pola-

rizaram ao redor de duas opções. Por um lado, algumas entidades empresariais, setores partidários tradicionais, grupos de comunicação e membros da ativa e da reserva das forças armadas decidiram-se por uma solução militar: aumentar o orçamento e reequipar exército, simultaneamente à intensificação das medidas de controle e repressão ao movimento popular.

Por outro lado, grande parte da opinião pública colombiana pronunciou-se pela adoção de medidas eficazes para deter a violência, o que incluiria garantias políticas para a ação pública de partidos e organizações populares, além de acordos negociados com a guerrilha.

Em maio do ano passado, o M-19 sequestrou o influente dirigente conservador Álvaro Gómez Hurtado, libertando-o em agosto, ante o compromisso assumido por diversos setores de que se reativaria uma saída política para a crise colombiana. O governo manteve-se à margem desses acordos, desculpando-se com a afirmação de que não avalizaria pactos extra-constitucionais.

A proposta do governo

Libertado Gómez Hurtado, porém, o conservadorismo e as entidades patronais esqueceram-se do entendimento, fazendo naufragar a iniciativa de paz.

Em setembro passado, a administra-

ção Barco apresentou ao país um plano destinado a reincorporar os grupos armados à vida institucional. A iniciativa estabelece três etapas: distensão, transição e reincorporação. No período de distensão, a guerrilha deverá demonstrar, com atos e declarações, sua vontade de participar do processo, seguindo-se, então, diálogos diretos para o estabelecimento de procedimentos, responsabilidades dos dois lados e compromissos mútuos.

Na transição, serão determinados os mecanismos de incorporação, será firmado um acordo definitivo de fim das operações guerrilheiras e se darão garantias por parte das forças armadas. Por último, o governo outorgará o indulto e dará garantias políticas, assistência econômica e proteção para a reincorporação.

Embora o plano tenha sido apoiado pela elite dirigente, foi rejeitado pela esquerda, pelas organizações populares e pela guerrilha, que o consideraram um projeto de rendição, sem contrapartidas sociais ou políticas, e inviável, por omitir um compromisso oficial de dismantelar os grupos paramilitares.

No final do ano passado, após sua terceira conferência, a Coordenação Nacional Guerrilheira Simón Bolívar propôs ao presidente Barco "conversações diretas com as lideranças guerrilheiras, para um acordo pela vida, pela demo-

cracia e pela soberania nacional".

O ministro de Defesa, Rafael Samudio, contrapôs-se à iniciativa, logo após um contingente militar sofrer uma emboscada da guerrilha. O ministro apoiara publicamente a criação de grupos paramilitares e aproveitou para exortar seus subordinados a uma ofensiva total contra a guerrilha, divergindo assim dos pronunciamentos do governo. Isto levou à demissão de Samudio. Para seu lugar foi o general Jaime Guerrero Paz, conhecido militar da "linha dura". Mas, suas excessivas cautelas na condenação aos grupos de extremismo (aos quais chamou de "grupos civis de justiça privada") e sua quase indecisão em apoiar a política oficial, Guerrero Paz fez aumentarem as dúvidas sobre o acatamento militar da política de Barco.

M-19 aceita dialogar

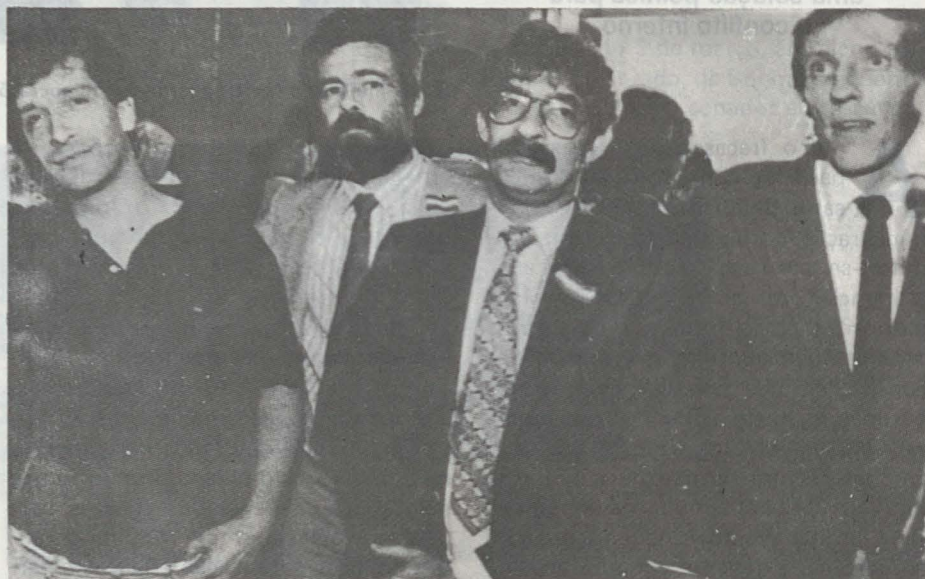
O único grupo que manifestou interesse em dialogar foi o M-19, que declarou uma trégua unilateral. Suas propostas de paz coincidiram em alguns aspectos com as do governo.

A realização de encontros regionais sugeridos pela organização permitiu um primeiro diálogo direto entre o M-19 e o governo colombiano, no dia 10 de janeiro passado, quando o dirigente máximo do movimento, comandante Carlos Pizarro, e o conselheiro presidencial Rafael Pardo assinaram um documento. Neste, o M-19 reitera o compromisso da organização com o diálogo e a reconciliação e ambos, governo e guerrilha, exortam os partidos políticos e os outros grupos insurgentes à busca "de um caminho político para a solução do conflito da nação colombiana, expresso num itinerário claro em direção à democracia plena e à desmobilização guerrilheira, com as garantias necessárias".

Em cumprimento a esta "carta de intenções", o M-19 fixou parte de suas forças no distante povoado de Santo Domingo, no Departamento de Cauca, previamente definido com o governo como "zona neutra". Em 18 de março, com a presença do ministro de Governo, Raul Orejuela, do Conselheiro para a Paz Rafael Pardo, do comandante Car-

los Pizarro e numerosos jornalistas, foi assinado o Acordo de Santo Domingo. O tratado estabelece, entre seus pontos principais, a desmobilização do M-19 e o cronograma político para sua reincorporação à vida civil.

O M-19 nomeou 12 representantes, os quais, com garantias do governo, iniciaram atividades públicas, visando a viabilizar a participação de diferentes setores em grupos de trabalho, cujo objetivo final é o estudo de reformas que serão apresentadas ao parlamento. Se o processo não sofrer tropeços, o M-19 estará reintegrado à atividade política ainda antes das eleições presidenciais de 1990.



As negociações de paz com o governo colombiano começaram num encontro no México

Enquanto avançam as negociações com o M-19, as demais organizações guerrilheiras manifestaram já a disposição de também passarem ao diálogo, sob certas condições.

Os outros grupos

A nível oficial, foram evitados contatos diretos com as Farc e o ELN, porque "estas organizações não deram demonstrações suficientes de desejarem a paz", ao continuarem com as ações militares. No caso das Farc, o problema envolveu a tentativa frustrada de introduzir no país 2.000 armas, provenientes de Portugal, no início deste ano.

Em fevereiro, as Farc declararam uma trégua unilateral, ao mesmo tempo em que propunham a criação de uma comissão que estudasse as condições de um possível diálogo. A comissão - integrada pelos ex-presidentes Alfonso López, liberal, e Misael Pastrana, conservador, e ainda pelo cardeal Mário Revollo, pelo presidente da Associação Nacional de Industriais, Fábio Echeverri, e pelo diretor do jornal El Tiempo, Hernando Santos - aceitou a proposta e designou Echeverri como principal interlocutor das Farc. A esta iniciativa somaram-se o EPL e uma declaração do ELN, que até agora quer negociações apenas para humanizar a guerra.

O processo em marcha é visto pelos colombianos com esperança, mas também com ceticismo, devido ao fracasso dos acordos de paz do governo de Belisario Betancur, que resultaram na intensificação da violência. Por outra parte, é indiscutível que, ao participar do diálogo, muitos de seus atores estão fazendo um investimento para o próximo pleito, no qual o tema da paz será determinante para influenciar o eleitorado.

Os colombianos, fartos de tanta matança, sabem que, se não se conseguirem acordos que detenham a violência, o país submergirá - se já não está - num processo anárquico de consequências imprevisíveis.

Anseio nacional

Reformar o modelo econômico, tornar a ordem pública uma questão da cidadania e não das forças armadas, e instaurar uma democracia participativa são os objetivos que o M-19 pretende alcançar nas negociações com o governo



Carlos Pizarro (de chapéu) assina acordo com Orejuela, à esquerda

Em Santo Domingo, Cauca, **terceiro mundo** entrevistou, com exclusividade, o comandante do M-19, Carlos Pizarro León-Gómez. Na localidade, concentra-se a maioria dos integrantes do movimento, à espera dos avanços das negociações.

O diálogo iniciado com o governo significa um adeus às armas?

— A paz é um anseio nacional, que exige a procura de fórmulas políticas. Toda a sociedade tem interesse nesse objetivo, incluindo as forças políticas. O fundamental deve ser não a desmobilização — que é uma consequência de pactos e acordos que eventualmente surgirem — mas a busca de soluções verdadeiras. Se não houver interesse em modificar as condições políticas, econômicas e de ordem pública, será muito difícil avançar no processo. As portas para a negociação estão abertas. Não aproveitar tais condições seria enterrar, sem pena ou glória, uma possibilidade histórica para todos, na qual o povo pode sair ganhando.

Que condições tornam este momento propício ao diálogo e às negociações?

— São a situação geral do país, a intensificação do confronto, o surgimento de novos focos de violência, a vontade manifesta, embora nem tão sólida e real, de todos os setores do país.

A negociação surgiu devido a alguma debilidade do M-19?

— Nós a procuramos em um momento de grande afirmação de nossa força, como foi o sequestro de Álvaro Gómez. Pensamos que não podíamos continuar atraídos pelo tema da paz, vendo o país desintegrar-se, sem fazer um gesto concreto para a reconstrução. O que define a força de uma organização é manter vivas as propostas que defende. O resto é um problema secundário e simplesmente circunstancial.

Que temas propõe o M-19 nas negociações com o governo?

— Três temas são básicos. Primeiro, a busca de um modelo de ordem pública diferente. O problema da ordem pública não pode continuar sendo manejado apenas pelas forças armadas. É um assunto da sociedade colombiana que exige discussão permanente e sistemática. Exige-se uma política clara em relação ao paramilitarismo e ao monopólio de armas pelo Estado.

O segundo tema básico refere-se a nosso modelo de desenvolvimento. Propomos mecanismos de entendimento, que, com a presença ativa da nação, permitam planejar nosso desenvolvimento. E terceiro, reformas que viabilizem a democracia participativa real. Não pretendemos alcançar uma reforma total, mas, pelo menos, dar

passos firmes na direção da paz.

Há um reexame do seu lema, que diz "Com o povo, com as armas, ao poder"?

— Nenhuma organização está obrigada a utilizar as armas indefinidamente. O lema é válido em determinados momentos, mas, quando surgem outras alternativas, é preciso tentá-las.

Como define o M-19, ideologicamente?

— Nós nos entendemos como uma organização nacionalista, bolivariana — na perspectiva da unidade latino-americana — democrática, pluralista e partidária de um modelo de economia mista. Na Colômbia, existe o contra-senso de que se tenha que pegar em armas, para defender muitos dos postulados aceitos pelos partidos tradicionais.

Não achamos que nosso futuro seja o socialismo, nem cremos na alternativa de um socialismo de Estado forte. Precisamos de mudanças, que dinamizem a sociedade dentro de um capitalismo de maior responsabilidade social.

Como avalia estes 15 anos de ações político-militares?

— O M-19 conseguiu introduzir na sociedade colombiana uma dinâmica de renovação política e ideológica, em muitos setores. Muitas das exigências que formulamos estão hoje em vigência. Se não ocorresse este fenômeno de permanente comoção — consequência da presença nossa e de outras organizações na história colombiana — estaríamos vivendo a rotina paralisante da frente nacional bipartidária (o revezamento no poder dos partidos Liberal e Conservador), sem alternativas para a sociedade. Vivemos hoje um instante altamente tenso e violento, mas, é em tais momentos que os povos encontram possibilidades de traçar novo destino. ●

G.S.M.

Partidários da União Patriótica prometem a Antequera continuar sua luta



O reencontro com o peronismo

A vitória de Carlos Menem marca a volta ao poder da mais expressiva corrente de opinião política da Argentina, no último meio século, e aponta a possibilidade de um período de mudanças, reclamado pela difícil situação econômica do país

Neiva Moreira

Na véspera das eleições, o governador da província de Buenos Aires, Antonio Cafiero, pediu aos eleitores que votassem por Perón. "No domingo, quando votarem, pensem que o estão fazendo por Perón". O líder desaparecido não era candidato e o apelo

podia parecer um irrealismo. Mas, não era. Elegendo a chapa Carlos Menem-Eduardo Duhalde, os argentinos reafirmaram sua devoção - mais que sua lealdade - ao peronismo, que as forças conservadoras tentam inutilmente sepultar no esquecimento do povo.

Na festa da vitória, garotos de 15 a 20 anos desfilaram com os seus bumbos, aos gritos de "Viva Perón e Evita". Se fossem dar ouvidos às opiniões correntes nos meios de comunicação sobre Juan Domingo Perón e sua combativa mulher, só teriam motivos para renegá-los. O sentimento dos adultos não era diferente do entusiasmo dos jovens. Na província de San Luiz, o governador decretou a segunda-feira, 16 de maio, festa da vitória, como dia de guarda a "San Perón".

Uma corrente imperceptível, a conversa na família, o testemunho anônimo das ruas, o inato sentimento de justiça dos jovens mantiveram viva a chama do peronismo, revigorando a correia de transmissão da história. Um fenômeno argentino? Nessa profundidade, sim.



Alfonsín passará para Menem problemas estruturais desafiadores

Mas, há outros exemplos bem assemelhados, com a gratidão e o respeito dos seus povos por líderes populares, como Augusto Cesar Sandino, na Nicarágua; Getúlio Vargas, no Brasil; Velasco Alvarado, no Peru; Omar Torrijos, no Panamá - para citar apenas alguns que estão hoje intimamente ligados ao presente e ao futuro desses países.

"Mas, não foi apenas o sentimento peronista do povo. Luder é também peronista e perdeu as eleições de 1983, para Alfonsín", me dizia um dirigente justicialista. É verdade. O peronismo assegurou a Menem as bases do triunfo, mas a vitória eleitoral ele teve que conquistar, revelando, nessa dura tarefa, muita competência.

O novo presidente é governador de La Rioja, a menor e a mais pobre província argentina, famosa por seus caudilhos nacionalistas, lutadores duros contra a influência estrangeirizante (diga-se, melhor, britanizante) do porto de Buenos Aires, o mais famoso dos quais foi Juan Facundo Quiroga, que Menem admira e cujo exemplo sempre invoca.

Em mais de dois anos, o governador de La Rioja dinamizou e motivou o partido, "cozinhou" alianças, conquistou adversários, consolidou apoios, projetou-se como uma figura nacional.

Em fevereiro de 1986, fui com o uruguaio Geronimo Cardoso, então um dos diretores da edição do Rio da Prata de **terceiro mundo**, entrevistá-lo num hotel,

que ainda agora é um dos centros de atividades do seu staff.

Descrevi assim o ambiente que o rodeava: "No Hotel Bauern, em Corrientes, no centro de Buenos Aires, a presença de Menem foi um rebuliço. Os garçons, os jovens que bebiam sua cerveja no bar, a gente que num salão especial festejava a chegada do natal, a ninguém passou despercebido aquele filho de imigrantes turcos, baixo e robusto, moreno bronzeado como se estivesse saindo da praia, admirador de Gardel e cujas abastadas suíças (*patillas*) são a marca histórica dos velhos caudilhos de La Rioja".

Perguntei ao governador de La Rioja se considerava que sua popularidade resultava da contradição entre a província e o porto, o federalismo e a república unitária, a cultura européia e elitista das grandes cidades e o interior crioulo e latino-americanista, apegado às tradições e aos seus valores históricos.

Respondeu ele: "Bem, é possível que haja algo disso, mas não é tudo. A Argentina aspira a uma reafirmação na-

cional, quer liberdade, mudanças econômicas profundas e justiça social. Esses sentimentos não são diferentes, hoje, em Buenos Aires e nas províncias". E concluiu: "Creio que, em 1989, será minha vez". E foi. Terminei a entrevista com a seguinte previsão: "Embora seja um movimento que apenas se inicia, observadores bem colocados em Buenos Aires, mesmo entre os amigos de Alfonsín, consideram que Menem é um fenômeno popular, com o qual se deve contar daqui para diante".

Seguiram-se, desde aquele dia, muitas lutas internas num partido turbulento e contraditório, como o são os nossos, na América Latina. Nas prévias de julho de 88, Menem enfrentou prestigiosos líderes do peronismo, especialmente o governador Cafiero, um dirigente de grande respeitabilidade dentro e fora do peronismo, e que era também candidato à presidência da República.

Quando a direita se assanhava à espera do "racha" entre os dois líderes, as forças vitoriosas conduziram Cafiero à presidência do Justicialismo, e Menem o indicou como coordenador de sua campanha. Carlos Grosso, outro contendor seu nas lutas internas, será o novo prefeito de Buenos Aires.

A vitória eleitoral de maio foi espetacular. Menem obteve quase oito milhões de votos, contra menos de cinco e meio milhões dos radicais, o partido de Alfonsín. A direita, de Álvaro Alsogaray, que é uma espécie de Roberto Campos portenho, recebeu pouco mais de um milhão, e a Esquerda Unida, cerca de quatrocentos e vinte mil votos.

O sistema eleitoral argentino prevê a eleição de delegados que, em uma espécie de segundo turno parlamentar, decidem a eleição, se nenhum candidato obtém mais de 50% dos votos. O Justicialismo e seus aliados elegeram maioria absoluta, de delegados, ou seja, em torno de 53% por cento. Com isso, evitou-se a chicana pós-eleitoral, os cambalachos que poderiam frustrar o resultado das urnas.

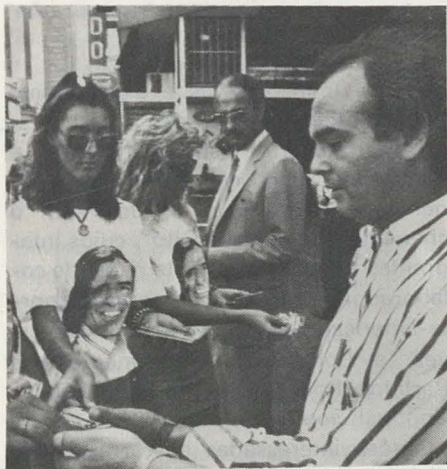
O difícil presente

"E agora?" Essa é uma pergunta que se ouve muito em Buenos Aires. Sim, e agora?

A Argentina está vivendo uma crise grave. Os preços disparam, os salários não os alcançam e o país vive à mercê de uma especulação financeira dramática, diante da qual a ciranda brasileira é um jogo de principiantes. A economia está dolarizando-se a galope. Até o jornalista ou o vendedor de caramelos estabelece seus preços na moeda norte-americana. Pela primeira vez, os bancos estão no vermelho, o que não deixa de ser divertido e sintomático.

Mas, o país não desapareceu. Nem as vacas, nem as fábricas, nem aquelas imensas pradarias de terras negras e humus fecundo.

Há no país problemas estruturais desafiadores: a adaptação do ensino às novas necessidades nacionais, a modernização da indústria e da agro-indústria, a reformulação do sistema bancário, a reorganização das empresas estatais, para que cumpram com eficácia seu papel, enfim, situações comuns ao Ter-



ceiro Mundo e que meras medidas paliativas não resolvem.

Projeta-se sobre tudo isso um desafio básico: a integração econômica. O presidente Menem foi claro na resposta à pergunta que lhe fizemos: seu governo dará todo impulso à integração econômica com o Brasil, como uma etapa da integração maior, que conduza ao Mercado Comum Latino-Americano.

Terá o combativo e tenaz governador de La Rioja condições políticas para concretizar essas mudanças e ir a fundo nas soluções que o povo reivindica?

Menem chega à Casa Rosada com forte apoio político e popular, e tem revelado, ao longo desses tempos de luta, desde os seus seis anos de prisão no enfrentamento com a ditadura até a vitória nas urnas, uma grande capacidade negociadora. É possível que dessa combinação de fatores surjam as soluções, através de um pacto político e econômico que amplie a sustentação parlamentar e viabilize o programa de reformas, sem que o novo governo renuncie aos seus princípios, nem se afaste do compromisso popular.

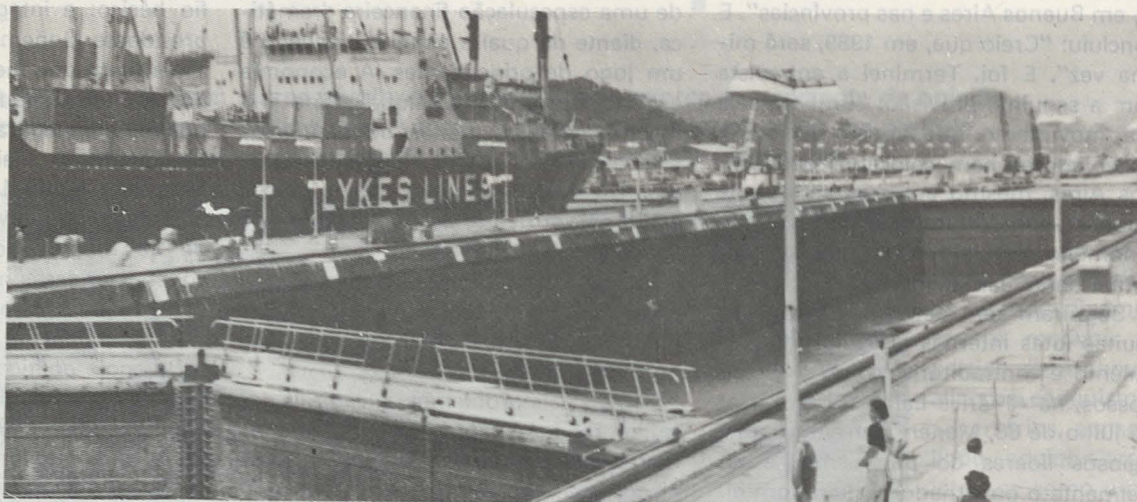
A posse do novo presidente só se verificará em dezembro. Sete longos meses propícios às manobras, especulações e até ao golpismo, que tem sido uma constante na vida institucional argentina. Para Menem, esse é mais um problema: além de condições para governar, necessita assegurar a transição.

A campanha e a boca de urna que antecederam a festa da vitória



Novos meios para velhos objetivos

A política exterior norte-americana modifica apenas os meios, mas mantém os objetivos permanentes de dominação continental



O Canal do Panamá é o pomo da discórdia, por sua importância econômica e militar, que torna os EUA inflexíveis

Nils Castro

Recentes acontecimentos políticos evidenciam que a nova administração norte-americana não renunciou aos objetivos para a América Latina, que caracterizaram o governo de Ronald Reagan. O que presenciamos é um esforço de modificar métodos de dominação unilateral, que fizeram afundar o grupo Shultz-Abrams, por outros melhor adaptados às condições de crise generalizada de que padecem tanto os Estados Unidos, quanto a América Latina.

O método consiste, em essência, em obter a colaboração de governos, organizações e personalidades latino-americanas para atingir os objetivos da política exterior de Washington. Para tanto, a administração de George Bush vem atuando em três direções simultâneas.

A primeira baseia-se em obter apoio político de governos e setores empresariais, em troca de promessas de ajuda financeira para enfrentar a crise econômica. A segunda consiste em instrumentalizar tal apoio, subordinando a seus objetivos os organismos de coordenação latino-americana, criados na década passada sob a inspiração de líderes nacionalistas e revolucionários, como o

general Omar Torrijos e o presidente Jaime Roldós, entre outros.

A estratégia de estimular divisões e confrontos entre os países do continente já alcançou resultados com o chamado "Grupo dos Oito", cujos integrantes assumiram o triste papel de colaboradores indiretos da agressão norte-americana contra o Panamá. Por sua vez, a Conferência Permanente dos Partidos Políticos da América Latina-Coppal soube enfrentar, com êxito, pressões interessadas em arrastá-la a divisões e cumplicidades semelhantes.

Esta nova estratégia é de tipo ideológico. Procura complementar, a partir do interior da América Latina, a atividade de propaganda e desinformação desenvolvida através dos meios de comunicação dos setores dominantes. Com tal propósito, e contando com o apoio de organismos como o "Comitê Nacional Republicano de Assuntos Internacionais", o "Comitê Nacional Democrata de Assuntos Internacionais", o "Conselho de Chefes de Estado Livremente Eleitos" ou uma "Fundação Cubano-Americana", estão sendo realizados na América Latina eventos de cunho "cívico-acadêmicos", que convocam diri-

gentes políticos e empresariais, altos funcionários públicos e intelectuais, para discutir temas de interesse regional, com ênfase na democracia formal e nos direitos humanos.

O objetivo é o de modelar uma opinião pública favorável à colaboração dos governos da região com os interesses da política externa dos Estados Unidos. Em particular, interessa ao imperialismo ajudar o triunfo de seus aliados nos pleitos eleitorais, que estão e ainda vão se desenvolver em diversos países do hemisfério neste ano e no próximo, e nos quais seus interesses estão sendo afetados pela reaparição de movimentos nacionalistas, revolucionários e democráticos, que superam os setores oligárquicos e direitistas comprometidos com a política norte-americana.

O caso do Panamá

O caso do Panamá, onde se trava a primeira dessas contendas entre patriotas e entreguistas, é sempre tema especial em reuniões específicas, como a realizada em Caracas, sob o título de "Continuismo ou democracia", ou figura na agenda geral de outros encon-



Bush segue Reagan e quer anular o tratado de devolução feito por Carter e Torrijos

tros, como o que se efetuou em Bogotá, sob o tema "América Latina: revolução ou democracia". Tanto mais perto o instante das eleições, mais o imperialismo pretende multiplicar o número desses foros, que, de acordo com o programa de guerra psicológica preparado com tal objetivo, ocorrerão em breve na Venezuela, Uruguai e Brasil.

Em todas essas ocasiões, quem "representa" o Panamá são elementos vinculados à agressão norte-americana contra o país. Pela parte norte-americana atuam, de maneira cada vez mais aberta, personagens ligados a Elliot Abrams e o célebre "Comitê de Santa Fé", aos quais se juntam integrantes de organizações ultradireitistas, como a Frente Democrática, do Peru, e o Partido de Ação Nacional, do México, se-

melhantes em seus métodos e propósitos à chamada Cruzada Civilista Nacional, que serve de fachada política aos setores empresariais mais reacionários do Panamá.

Para entender a importância política e propagandística que Washington atribui a estas atividades, é preciso recordar a natureza profundamente antinacional – e perigosa para a América Latina – dos objetivos que o "Documento de Santa Fé II" estabelece com relação ao Panamá.

Na proposta nº 10, o documento norte-americano diz que "a derrubada de Noriega e a realização de eleições não são suficientes para criar um regime democrático no Panamá". Para criar "uma sólida relação panamenho-norte-americana", continua, torna-se neces-

sária "a reforma das forças de defesa, o apoio a um poder judiciário independente", e afirma ainda que "as leis financeiras devem ser revisadas...a constituição panamenha deve ser reformada...". Mas, além disso, os Estados Unidos e o Panamá, uma vez instaurado um regime democrático, devem começar a planejar seriamente uma apropriada administração do Canal e, ao mesmo tempo, deve-se discutir a respeito de uma "defesa realista" da passagem transoceânica, depois do ano 2.000.

Tais entendimentos, naturalmente, deveriam incluir a permanência dos Estados Unidos em algumas instalações no Panamá, principalmente a Base Howard e a Base Naval de Rodman, "para uma adequada projeção da força norte-americana no hemisfério ocidental".

Para qualquer patriota latino-americano, é evidente que esses objetivos colonialistas somente podem ser impostos mediante uma intervenção estrangeira. Precisamente por isso, Washington manipula o tema "democracia" como um recurso de disfarce, des-



Noriega: o novo alvo de Washington

Ao ver fracassado seu plano de derrubar o general Manuel Noriega do comando da Guarda Nacional, após o cerco financeiro e diplomático que impôs ao Panamá, o então presidente Ronald Reagan decidiu-se pelo golpe sangrento, que seria liderado pelo coronel Eduardo Herrera, que vive exilado em Miami. O golpe somente não se consumiu,

Plano do golpe

devido à oposição de parlamentares integrantes da comissão de segurança do senado norte-americano, que vetaram o plano, por envolver o assassinato do general Noriega. Diante disso, os passos seguintes contra o Panamá ficaram de ser definidos pelo próximo presidente, no caso George Bush, que desde fevereiro liberou a concessão de ajuda de milhões de dólares à chapa opositora, deixando de lado, ao menos por enquanto, a opção de ação militar. As revelações saíram no jornal "The New York Times", de 24 de abril último.

Segundo o jornal norte-americano, o plano secreto de Reagan contra Noriega foi examinado pela comissão de segurança do senado em julho de 1988, no auge da tentativa de desestabilizar o regime nacionalista panamenho. Uma força rebelde, sob o comando do coronel Eduardo

Herrera, exilado em Miami, e com apoio norte-americano, tentaria o golpe, que incluía a eliminação física do general Noriega. O senador Bill Bradley, democrata de Nova Jérsei, e William Cohen, republicano do Maine, foram dois dos parlamentares que se insurgiram contra o plano, argumentando que existe uma ordem presidencial que impede a participação de norte-americanos em assassinatos, o que atinge não só homens do serviço secreto em ação pelo mundo, mas também as pessoas que atuam sob suas ordens.

Com a rejeição do plano, decidiu-se na Casa Branca que o assunto passaria à alçada do presidente a ser eleito em novembro. Eleito George Bush, os Estados Unidos começaram a financiar a campanha eleitoral dos candidatos da direita, investindo milhões de dólares, desde fevereiro, segundo o NYT.

O clima da campanha

As eleições que se realizaram no último dia 7 de maio tiveram uma campanha de preparação, que mostrou bem o quanto as forças da direita e o governo norte-americano empenharam-se na tentativa de derrotar as forças progressistas panamenhas. Os acontecimentos relatados a seguir ocorreram todos em abril.

1 - Um dos principais dirigentes da aliança oposicionista, o empresário direitista Carlos Eleta - dono da maior empresa de televisão do país - foi preso nos próprios Estados Unidos, quando se preparava para introduzir lá uma carga de 600 quilos mensais de cocaína, numa operação avaliada em 300 milhões de dólares.

2 - Pouco depois, a Comissão Kerry, do senador norte-americano, revelou que a administração Reagan relaxou a repressão ao narcotráfico, permitindo a ação dos traficantes que destinavam dinheiro para os "contras" nicaraguenses, ao mesmo tempo em que desfechava uma campanha política contra o general Manuel Noriega.

3 - Prevendo a derrota nas urnas, autoridades norte-americanas e per-

tinado a conseguir que a intervenção estrangeira contra o Panamá seja admitida ou solicitada pelos próprios governos latino-americanos, e mesmo vista como um serviço à democracia pelos grupos que se prestam a colaborar na execução dos mencionados eventos "cívico-acadêmicos".

Um combate da guerra latino-americana

No Panamá trava-se, hoje, o primeiro combate da guerra da América Latina pelo direito de seus povos à autodeterminação, ao exercício efetivo de sua soberania e, sobretudo, pela defesa de sua dignidade. A agressão desatada contra o Panamá não é apenas econô-



A luta panamenha envolve não só o caráter do regime, mas a restauração da plena soberania

sonalidades democrata-cristãs orquestraram uma campanha de desinformação no continente, segundo a qual a vitória governamental no Panamá decorreria de fraude eleitoral. O objetivo é desacreditar os resultados das urnas e justificar uma eventual intervenção estrangeira.

4 - Um agente norte-americano, Frederick Muse, foi preso, quando dirigia a instalação de oito ultramodernas estações clandestinas de rádio e tevê. Os equipamentos tinham sido importados pela brigada de informação das forças norte-americanas no canal, através de uma de suas bases militares. Entre o material, vídeos e

mensagens gravadas, com chamadas a um levante no dia das eleições, 7 de maio, e nos dias seguintes.

5 - Um grupo de jovens, filhos de militares e funcionários norte-americanos, foi surpreendido por ferroviários panamenhos, quando sabotava a ferrovia que liga as cidades do Panamá e de Colón.

6 - Tropas dos Estados Unidos bloquearam a estrada de acesso à cidade de Veracruz, para impedir a realização de um comício da Coalizão de Libertação Nacional, logo depois de deixar passar os dirigentes democrata-cristãos que iam para o comício oposicionista.

mica: incluiu também os mais vis métodos da guerra psicológica, a propagação e a desinformação.

A agressão ideológica tem um alcance que ultrapassa o confronto entre o Panamá e os Estados Unidos. Seu propósito evidente é o de incitar à divisão e ao enfrentamento entre latino-americanos, promovendo a criação de situações que lembram aquela que precedeu a invasão da República Dominicana pelos Estados Unidos em 1965, sob a cobertura de uma ultrajante "Força Interamericana de Paz", que já faz parte, para sempre, da história universal da infâmia.

O imperialismo está consciente de que o tempo favorece a luta dos povos da América Latina. Por isso, tenta no

Panamá uma vitória que lhe permita alterar a história de sua própria decadência. Podemos esperar, assim, que nas próximas semanas, a guerra de Washington contra os panamenhos e o continente alcance níveis de grande intensidade, no esforço de mobilizar todas as forças da reação continental contra este pequeno país.

O povo panamenho batalha hoje por todos os povos latino-americanos, e confia neles, tanto quanto confia em si próprio. Por isso mesmo, lança um apelo à solidariedade continental nesta nova e difícil etapa de nossa luta comum de libertação nacional, que terminará apenas quando forem livres todas as nações do continente.



O voto verde ganhou em Montevideu e será decisivo para a esquerda nas próximas eleições

Quem ganhou o plebiscito?

A vitória do voto amarelo no plebiscito de 16 de abril não invalida o esforço de mais de 40% dos cidadãos, que, ao se pronunciarem contra a lei de anistia aos militares envolvidos em torturas e outras violências, não só abriu um precedente quanto ao tema dos direitos humanos, como também mostrou um caminho de unidade suprapartidária, que pode servir de lição aos que pretendem criar uma opção de mudança

Roberto Remo Bissio

Quando os partidos políticos de esquerda começaram a debater, em janeiro de 1987, se apoiariam ou não a coleta de assinaturas para convocar um plebiscito contra a lei de anistia aos militares, que acabava de ser aprovada no parlamento (ver **terceiro mundo**, edição nº 104, "Uruguai: E depois das assinaturas?"), o sociólogo Cesar Aguiar, diretor de uma empresa de pesquisa de opinião, aconselhou o general Lfber Seregni, presidente da Frente Ampla, a não aderir à iniciativa: "É melhor poder protestar a cada ano contra este *estropício* de lei - argumento - do que enfrentar depois uma lei legitimada pelo voto popular".

Aguiar previa que seria muito difícil, quase impossível, reunir as assinaturas de 25% do eleitorado exigidas pela

Constituição uruguaia para convocar, pela primeira vez na história do país, um referendo contra uma lei. E que, se estas fossem conseguidas, jamais poderia obter-se a metade mais um dos votos contra o que 75% dos políticos haviam aprovado.

Mas, os familiares dos desaparecidos políticos e os ex-prisioneiros tupamaros, que primeiro lançaram a idéia, não faziam este tipo de cálculos de custos e benefícios políticos, mas pensavam apenas na necessidade de encontrar canais para expressar o repúdio à anistia, que grande parte da opinião pública rechaçava, e que fechava quase todas as portas legais aos reclamos de verdade (o esclarecimento, em primeiro lugar, da situação dos desaparecidos) e de justiça.

Dois anos mais tarde, as previsões de Aguiar se concretizaram. A lei - chamada "de Caducidade da Pretensão Punitiva do Estado", para encobrir com este

eufemismo o termo anistia, que os autores haviam rechaçado expressamente pouco antes - foi ratificada por 55% dos cidadãos. No entanto, a Comissão Nacional Pró-Referendo (CNPR) avalia que o esforço "valeu a pena".

"Queriam um ponto final, uma atitude de que aqui não aconteceu nada", explicou à imprensa Matilde Rodríguez de Gutiérrez Ruiz, uma das três presidentes da comissão e sua imagem pública mais popular. "Mas, o que houve foi o voto positivo de 43% da população. Um índice de 43% conseguido com a participação popular, apesar do silêncio dos meios de comunicação. E a esses cidadãos devemos somar a atitude de muitos dos que votaram a favor da lei, mas sem esquecer, nem aprovar os delitos de lesa-humanidade cometidos durante a ditadura militar".

Três vertentes

Os argumentos a favor do voto amarelo (cor da cédula a favor da manutenção da lei de anistia) se dividiram em três vertentes: a da direita, que expressou com isso sua aprovação a tudo o que aconteceu durante o "processo" (como o governo uruguaio chama a ditadura); a daqueles que reclamavam perdão completo, sob o argumento de que, se os tupamaros saíam da prisão, também os militares teriam que ser perdoados); e a daqueles que preferiram julgar os violadores de direitos humanos, mas não ao custo de arriscar as instituições, já que os militares ameaçavam com eventuais desacatos, para não comparecer aos tribunais civis, nem como testemunhas.

Não repetir o passado

A ratificação da lei por votação popular foi reconhecida por todos os que votaram na cédula verde, que pretendia anular a anistia. Mas, "também deve aceitar-se como um compromisso de alcance nacional, de que, jamais e sob nenhuma circunstância, poderá se repetir na república a violação dos direitos humanos, cujo julgamento dos delitos anteriores a 1985 não mais se realizará", sustentou a CNPR, em comunicado lido com emoção por Matilde Rodríguez, à

meia-noite do dia 16 de abril, dia da realização do plebiscito.

"Vamos continuar na luta pela verdade, pela justiça e pelas crianças", disse Luz Iarburu de Recagno, do Comitê de Familiares de Desaparecidos Políticos. A própria lei - tramitada em tempo recorde, ante a ameaça militar de desacatar a convocação para um julgamento civil, marcado para 22 de dezembro de 1986 - excluiu expressamente de sua proteção alguns crimes notórios, como o desaparecimento de várias crianças e o assassinato de ex-parlamentares. Até o momento, o governo tem sido muito lento ou omissivo nas investigações sobre estes fatos, o que sem dúvida lhe será cobrado pelos partidários do voto verde.

Além disso, em alguns tribunais tramitam ações por perdas e danos contra o Estado, impetradas por algumas das vítimas de sequestros e torturas. A lei de caducidade impede castigar os militares ou policiais que cometeram esses delitos, mas não exige de responsabilidade o Estado, que poderá ser obrigado a pagar indenizações.

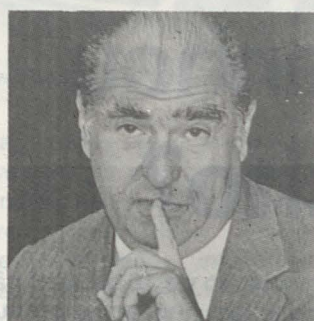
No trâmite judicial dessas causas, será inevitável que alguns militares sejam obrigados a depor, como testemunhas, e nesse momento é que se verá se o plebiscito mudou alguma coisa, quanto à decisão militar de não se apresentar para depoimentos à justiça civil, e quanto à atitude compreensiva do governo ante esse anunciado desacato.

A caixa de Pandora

Convocado em torno do tema dos direitos humanos, o referendo adquiriu dimensão muito maior na sociedade uruguaia. "Não sei, se os dirigentes estão conscientes da caixinha de Pandora que se abriu", quando, pela primeira vez, os cidadãos se transformaram em co-legisladores, comentou o analista político Juan Rial. A seu ver, os parlamentares, que antes só pensavam nos cidadãos a cada cinco anos, durante a época das eleições, agora precisam ficar alertas a algum repentino questionamento.

Politicamente, o voto amarelo recebeu apoio da quase totalidade do Partido Colorado (só um deputado, Víctor Vaillant, do partido do governo, votou contra a lei) e de dois terços do Partido Nacional. Já o voto verde foi apoiado por todas as frações em que acaba de se dividir a Frente Ampla, mais o setor "blanco" (do Partido Nacional) liderado por Carlos Julio Pereira, o Movimento de Libertação Nacional (Tupamaros) e o já mencionado deputado colorado.

A campanha pelo voto amarelo, a favor da lei de caducidade, baseou-se quase que exclusivamente em mensagens pela televisão feitas pelos dirigen-



Matilde Ruiz e Sanguinetti: confronto entre verde e amarelo

tes políticos, em alguns casos apenas invocando a fidelidade dos eleitores que confiaram neles em 1984 e de quem esperam obter os votos outra vez, nas eleições gerais de novembro próximo.

O voto verde, contra a lei, dispôs apenas de um quarto do espaço concedido ao amarelo, seja por haver produzido menor volume de propaganda, seja por ter sido boicotado abertamente pelos programas jornalísticos. A campanha baseou-se assim na pura militância: visitas de porta em porta, o que mobilizou milhares de ativistas, majoritariamente jovens e mulheres que fizeram assim sua primeira experiência política, organizados fora das estruturas partidárias.

Vitória de Pirro

Por isso, muitos analistas consideram que o triunfo do voto amarelo, por 55% do eleitorado, foi uma vitória de Pirro para os partidos que o defenderam e que, nas eleições de 1984, tiveram, em conjunto, 70% da votação. O

voto verde teve mais seguidores que os que elegeram o presidente Julio María Sanguinetti há cinco anos, com um mapa político tripartidário. E vencerá as eleições deste ano, se se expressar politicamente unido. Esta hipótese, porém, é quase uma quimera, num país onde - conforme o senador Hugo Batalla, que acaba de abandonar a Frente Ampla - "votam juntos os que visitam as mesmas tumbas, mas não os que pensam igual sobre o futuro".

Com efeito, a legislação eleitoral permite que os grandes partidos acumulem votos em sublegendas e apresentem vários candidatos rivais para a presidência, mas impede que, por exemplo, os votantes do verde façam coalizão suprapartidária em torno de um só candidato.

Se não houver novidades no tabuleiro político uruguaio, os 800 mil cidadãos que votaram verde - a maioria em Montevideo e percentual significativo de vários departamentos do interior - terão que optar entre as correntes em que se dividiu a Frente Ampla (sem possibilidades de conseguirem, isoladamente, qualquer cargo executivo) ou apoiar setores minoritários dos partidos tradicionais. Destes, o Partido Nacional vê-se debilitado pelo conflito interno entre partidários do verde e do amarelo, o que faz com que o Partido Colorado tenha possibilidades de ganhar folgadamente a presidência, mesmo sem alcançar maioria parlamentar.

"O país precisa, desesperadamente, ser governado de forma coletiva e não autoritária, nem através de alianças feitas em troca de cargos e embaixadas", declarou Matilde Rodríguez ao semanário "Brecha". "O país precisa de acordos políticos que surjam das bases, (...) um governo de coalizão entre todos os setores que estão dispostos a realizar uma verdadeira mudança", assinalou.

Pela autoridade que lhe conferiu a liderança do movimento cívico, de uma magnitude nunca antes vista no Uruguai, talvez sem paralelos em todo o mundo, a exortação dela não deveria passar despercebida. ●

ATENDENDO A PEDIDOS

Solicite agora os livros e discos de sua preferência, por telefone ou carta, independente dos que estão à venda em nosso catálogo. Acreditamos que, desta forma, estamos prestando mais um serviço aos nossos leitores e assinantes.

Ligue: (021) 252-7440 e faça seu pedido.

terceiro mundo

POSTAL
CULTURAL

GUIA 89

Nos próximos dias, nas principais bancas do país, GUIA DO TERCEIRO MUNDO/89. Reserve já o seu exemplar.

ANO III - 1989 - Nº 22

Preços desta edição válidos até 15.07.89

CONVERSAS COM BETINHO

Um livro alegre, luminoso, pra cima!



“E o Brizola, afinal, recebeu ou não recebeu dinheiro de Fidel Castro? Nesse período de divisão entre insurreição e guerrilha, o antigo líder da Rede da Legalidade adotou a posição de permitir as duas estratégias, liberando os adeptos de cada uma a fazerem o que bem entendessem. Houve, então, um apoio de Cuba ao movimento encabeçado por Brizola, tendesse ou não para a guerrilha. Foi por aí que veio algum recurso, destinado a passagens, treinamento de pessoal e despesas que surgissem no processo. A primeira ida a Cuba, para fazer este tipo de articulação, fui eu quem foi, no princípio de 65. Minha missão era estabelecer a relação Cuba-Brizola. Uma viagem fantástica.”

Esta é apenas uma das revelações contidas num livro muito interessante, escrito numa linguagem jornalística e sem pretensões dogmáticas nem proselitistas. As *Conversas com Betinho*, de Ricardo Gontijo, faz luz sobre muitos episódios de uma etapa decisiva da nossa história contemporânea.

Afonso Romano de Sant'Anna escreve o seguinte, na apresentação do livro:

“Há uma certa candura neste livro. E uma juventude irremissível. Aí, a narrativa de como o irmão de Henfil e Chico Mário derrota a morte diariamente. É um livro alegre, luminoso, pra cima.”

Betinho não é apenas um líder sedutor e carismático. É uma inesgotável usina de utopias.”

E-195 NCz\$ 7,00

DOMINAÇÃO PELA FOME

De: Miranda Neto

O país que não cuida da saúde e da Educação de seu povo, está condenado ao subdesenvolvimento e à dependência político-econômica. Por questões sócio-culturais, o desperdício de alimentos no Brasil é muito grande. O problema é agravado ainda mais devido ao controle comercial sobre os produtos agrícolas, exercido por grupos envolvidos na compra, distribuição e venda dessas mercadorias.

Nesse livro, o economista Miranda Neto denuncia esse “tráfego de alimentos”, decorrente de uma escassez artificialmente provocada, com o objetivo de controlar preços e favorecer a lucratividade nesses setores que, por deterem o poder econômico, influem indiretamente no poder político.

Segundo Miranda Neto, as maiores vítimas dessa intrincada e complexa trajetória dos produtos – do campo à mesa – são o pequeno produtor, o varejista e o consumidor, que estão completamente desassistidos por causa de uma ineficaz política nacional para a produção de alimentos, ditada pela demanda externa. O mercado internacional é quem indica o que e quanto será plantado e colhido na próxima safra, em detrimento do abastecimento interno.

Para o autor, a fome é um problema de soberania nacional, na medida em que compromete toda uma geração. “É uma geração que não vai poder pensar ou discutir, pois não vai ter a formação completa do cérebro por causa da desnutrição, sua ou de sua mãe”, pondera o economista. O que distingue os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos não é somente a existência de recursos naturais, nem a disponibilidade de capital, mas, sobretudo, o surgimento de ideias e líderes que irão conduzir a uma organização social mais justa e democrática, livre da vergonhosa mancha da fome.

E-193 NCz\$ 9,50

HISTÓRIA VIVA

para ler e consultar



MEMORIAL DOS PALMARES
De: Ivan Alves Filho

Ao pôr abaixo toda uma estrutura que, poderíamos chamar de igualitária, a qual prevalece até a segunda metade do século XVI, o processo de colonização abre a via para a sociedade dividida em classes sociais antagônicas no Brasil. A partir daí, todas as propostas visando a modificar as condições de existência do povo brasileiro se darão no quadro de uma realidade classista onde os grupos humanos se definem pelo lugar que ocupam na esfera produtiva. Nessa perspectiva, todos os movimentos sociais, desde os mais autoritários aos mais democráticos, refletem as contradições objetivas da sociedade e tendem, sobretudo, a se posicionar no sentido da defesa dos interesses econômicos e políticos de uma classe historicamente determinada. O livro convida o leitor a examinar as peripécias dos palmarinos. A luta pela Abolição começa em Palmares. 204 pág.

E-191 NCz\$ 11,00



VENDAIVAL DA LIBERDADE
A Luta do Povo pela Abolição
De: Edmar Morel

Neste seu livro, Edmar Morel reconstitui o papel desempenhado pelo jagadeiro Francisco José do Nascimento, cognominado o DRAGÃO DO MAR, no contexto da luta pela abolição da escravatura no Brasil.

Estudo objetivo e seguro, mas animado de um frêmito de entusiasmo, o que dá à sua leitura especial interesse **Vendaival da Liberdade** é obra que revela a ação de um bravo pioneiro no grande combate contra a exploração do trabalho escravo, ainda existente em tantos recantos do mundo, mormente naqueles em que o Imperialismo ou governos impopulares exercem a sua poderosa e opressiva dominação. 217 pág.

E-171 NCz\$ 8,00

CANUDOS: A Guerra Social
De: Edmundo Moniz

É a primeira história geral sobre o movimento sertanejo, na Bahia, que mobilizou o país inteiro e teve o seu ponto culminante no final do século XIX.

Edmundo Moniz ocupou-se das origens do movimento, de seu aspecto econômico e social, do seu sentido utópico, das expedições militares, mostrando o que ele significava na vida estadual e nacional. 307 pág.

E-170 NCz\$ 16,00



LIVROS DE SUCESSO



AFUNDAÇÃO
ROBERTO MARINHO
De: Roméro C. Machado

O livro, oferece, não só ao público tradicionalmente leitor, mas também ao julgamento de toda a sociedade brasileira, talvez o título mais polêmico das últimas décadas. Num empreendimento editorial de enorme ousadia, um notável trabalho de investigação jornalística. Sucesso absoluto que se expressa já na 3ª edição em poucos meses. 255 pág.

E-179 NCz\$ 12,00



O CASO PANTHER
De: José Joffily

José Joffily está prestando um serviço extraordinário ao nosso país, sobretudo à sua juventude, exumando com um metódico e competente trabalho de pesquisa e interpretação, episódios que a história oficial achou mais conveniente sepultar.

Seu último livro foi "O caso Panther", a história da invasão de Itajaí, Santa Catarina, em 1905, por tripulantes daquela poderosa canhoeira alemã, em completo desrespeito à soberania brasileira. A ação dos invasores durou 50 dias e foram necessários 82 anos para que fosse conhecido em toda sua extensão e gravidade.

O mais curioso é que nem na Marinha nem no Arquivo Nacional o autor encontrou elementos para sua pesquisa. Mas não desanimou e, depois de quatro anos, nos oferece, agora, um trabalho documentado sobre um momento crucial do expansionismo germânico no novo mundo. 217 pág.

E-185 NCz\$ 11,00



CARTAS AO PLANETA BRASIL
De: Geneton Moraes Neto

O que se narra neste livro é dramaticamente real. São depoimentos inéditos, publicados na íntegra, rigorosamente sem cortes que expõem o pensamento completo dos entrevistados: Anthony Burgess, Arnaldo Jabor, Daniel Cohn-Bendit, Francisco Julião, Gilberto Freyre, Gilberto Gil, Gregório Bezerra, Henfil, Hélder Câmara, João Cabral de Melo Neto, João Saldanha, Luiz Gonzaga, Pete Best, Roberto Carlos/Caetano Veloso, Ronald Edwards.

Um documento sobre a história brasileira recente. Fatos e testemunhos até hoje desconhecidos do público. 264 pág.

E-181 NCz\$ 12,00

MIGO
De: Darcy Ribeiro

Em **Migo** o personagem central é uma força da natureza, um homem em permanente conflito consigo mesmo, capaz da maior vilania ou de diálogo com o absoluto. Raros personagens em nossa literatura fundem com tamanha propriedade e particular e o universal. Humano e comovente, Ageu Rigueira, o Gê, é a confirmação de que todo romance transfigura a vida.

O romance é a reconstrução admirável de uma vida e de um tempo brasileiro.

Darcy Ribeiro - filho de Minas, antropólogo e educador - mais uma vez surpreende seus leitores. 422 pág.

E-178 NCz\$ 10,00

Assine terceiro mundo

Descontos
Promocionais
e
Brindes

**É PRESENTE O ANO INTEIRO...
PRA TODA A VIDA**



Desconto
Progressivo

OFERTA VALIDA ATÉ 15.07.89

Nº DE ASSINATURAS	VALOR POR ASSINATURAS NCz\$	TOTAL A PAGAR NCz\$	BRINDES
1	27,00	27,00	-
2	24,00	48,00	-
3	23,00	69,00	-
4	23,00	92,00	1 Livro de nossa escolha
5	21,00	105,00	1 Livro de nossa escolha

- Assinatura (6 meses) NCz\$ 15,00
- Assinatura (2 anos) NCz\$ 42,00
- Renovação NCz\$ 19,50
- Exemplar avulso NCz\$ 2,50
- Atendimento Assinante: tel: (J21) 252-7440

Preencha os cupons em letra de forma. Junte cheque(s) nominal(is) ou vale postal (ag. Lapa) no valor dos pedidos, de acordo com a tabela acima e envie para a Editora Terceiro Mundo.

1 Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.: Remessa por () cheque nominal ou () vale postal - ag. Lapa	4 Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.: Remessa por () cheque nominal ou () vale postal - ag. Lapa
2 Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.: Remessa por () cheque nominal ou () vale postal - ag. Lapa	5 Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.: Remessa por () cheque nominal ou () vale postal - ag. Lapa
3 Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.: Remessa por () cheque nominal ou () vale postal - ag. Lapa	REMETENTE Nome: Endereço: Bairro: Cidade: Estado: CEP Tel.:



BRASÍLIA: A HISTÓRIA DE UMA AVENTURA

O livro foi escrito entre 1960 e 1961, o período Jânio, em plena "república dos bilhetinhos" e depois escondido junto com outros papéis durante quase vinte anos, para escapar à repressão da ditadura, e só recuperados alguns anos depois da anistia.

"Publiquei-os como os entontrei" - declara o autor. "Hoje, seguramente não saberia reconstituir o fascinante momento". 73 pág.

E-184 NCz\$ 6,00

COMBATE NAS TREVAS
De: Jacob Gorender

Combate nas trevas, de Jacob Gorender, é a história da esquerda brasileira que pegou em armas contra os governos ditatoriais instalados no Brasil a partir de 1964.

Baseado em exaustiva pesquisa e inúmeras entrevistas com ex-militantes, o autor faz revelações inéditas e apresenta novas versões de acontecimentos marcantes, entre eles a morte de Marighella e o atentado contra a comitiva do general Costa e Silva no aeroporto de Recife. 228 pág.

E-188 NCz\$ 9,00

UM DESAFIO CHAMADO BRASIL
De: Arnaldo Mourthé

O livro consegue não só traduzir em linguagem acessível toda a complexidade da atual crise brasileira como, também, apresentar soluções consistentes para que o Brasil não se transforme definitivamente no pasto do capitalismo internacional, como querem nossas elites no poder. 107 pág.

E-172 NCz\$ 6,50

SALA 4
De: Maria Werneck

Maria Werneck consegue com este livro lembrar com afeto e carinho o nome de suas companheiras da "Sala Quatro" e, na medida do possível, retratá-las, contar-nos o que era a vida diária na prisão, as idéias que trocavam e, até mesmo, as características pessoais de boa parte delas.

O livro descreve cenas dramáticas da retirada da cela da mulher de Prestes, entregue por Getúlio Vargas à Alemanha nazista, onde morreu num campo de concentração.

E-192 NCz\$ 10,00

O HOMEM E SUA FICHA
De: Jesus Soares Pereira

Soares Pereira teve seus direitos políticos cassados por dez anos, em abril de 1964, sem qualquer justificativa para tal violência.

Viu-se obrigado a emigrar do Brasil. Antes de abandonar a pátria, no entanto, elegeu o povo brasileiro como Tribunal de Honra e a ele submeteu a candente declaração de princípios e a imprescindível folha de serviço que é este livro.

E-180 NCz\$ 10,00

MAIS DEMOCRACIA MAIS SOCIALISMO
De: Mikhail Gorbachiov

77 pág.

E-155 NCz\$ 4,00



A HISTÓRIA SECRETA DA REDE GLOBO
De: Daniel Herz

Há um lado da Rede Globo que é invisível para os que se relacionam com essa empresa simplesmente como telespectadores. Há algo que só se percebe por trás da Globo. Há um sentido oculto, no que a Globo representa, que só pode ser percebido quando se tem na mão o atestado de antecedentes dessa empresa. 300 pág.

E-168 NCz\$ 13,00

A INTERNACIONAL CAPITALISTA: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DO EMPRESARIADO TRANSNACIONAL 1918-1986
De: René Armand Drefuss

Em a "Internacional Capitalista" René revela as articulações das "elites orgânicas" - um núcleo de agentes planejadores e executores da ação política das classes dominantes internacionais. 544 pág.

E-165 NCz\$ 16,50

NICARÁGUA NICARAGÜITA - UM POVO EM ARMAS CONSTRÓI A DEMOCRACIA
De: Mirian Goldenberg

156 pág.

E-144 NCz\$ 6,50

OUTUBRO E A PERESTROIKA
De: Mikhail Gorbachiov

86 pág.

E-153 NCz\$ 4,00

UM OPERÁRIO BRASILEIRO EM CUBA
De: Isaque Fonseca e Sandra Mayrink Veiga

Isaque, um operário, e Sandra, de classe social localizada na outra ponta do novo, se unem para traçar juntos essa aventura: a de um operário brasileiro em Cuba. 172 pág.

F-183 NCz\$ 6,00

DO EMBUSTE DAS DÍVIDAS EXTERNAS AO ABSURDO DOS PRIVILÉGIOS ÀS EXPORTAÇÕES
De: Jacques Dezelin

Este livro prova que as dívidas externas são um engodo e que os privilégios às exportações servem, exclusivamente, aos interesses dos países desenvolvidos. 352 pág.

E-166 NCz\$ 9,00

TRANSFORMAÇÃO E CRISE NA ECONOMIA MUNDIAL
De: Celso Furtado

"A decisão de reunir esses ensaios (...) foi motivada pelo desejo de imitar a nova geração a retornar aos estudos dos problemas globais, sem o que estaremos murados no provincianismo intelectual, e continuaremos caldatários de alguma visão do mundo recortada sob medida para que nos conformemos com nossa secular situação de dependência". (Celso Furtado) 289 pág.

E-156 NCz\$ 12,00

O ESPÍRITO DAS ÉPOCAS
De: Edmundo Moniz

Esta obra evidencia que, para Edmundo Moniz, a poesia, o teatro e o romance não são categorias estéticas que se produzem abstratamente, projetadas para uma dimensão metafísica, mas sim a equação dialética que resulta da interação entre criação espiritual e realidade objetiva de uma determinada época histórica, refletida na inteligência e sensibilidade dos escritores. 216 pág.

E-182 NCz\$ 10,50

• Desejo receber pelo reembolso postal os livros e discos assinalados, com desconto que tiver direito.

() assinante () não-assinante

Nome

Endereço

Bairro Cidade

Estado CEP Tel.:

Profissão

comprador

TABELA DE DESCONTOS

- 5% Para pedidos acima de NCz\$ 30,00
- 10% Para pedidos acima de NCz\$ 35,00
- 15% Para assinantes com pedidos acima de NCz\$ 35,00
- 20% Para pagamento antecipado de pedidos acima de NCz\$ 45,00

terceiro mundo postal cultural nº 22

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 15.07.89

CÓDIGO	QUANTIDADE	CÓDIGO	QUANTIDADE	CÓDIGO	QUANTIDADE	CÓDIGO	QUANTIDADE	CÓDIGO	QUANTIDADE

Suharto perde o controle

As forças da Fretilin intensificam as ações diretas contra as tropas indonésias, enquanto, a nível diplomático, conseguem que Portugal reassuma um papel ativo, visando a apressar um acordo para pôr fim à ocupação militar da ilha

Beatriz Bissio

Durante anos, Mari Alkatiri, um dos dirigentes históricos da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente-Fretilin, exerceu importantes tarefas no exterior, entre as quais a de primeiro-ministro do governo proclamado no exílio (hoje não mais vigorando, uma vez que a direção da luta passou novamente a ser exercida desde o interior do país). Recentemente, fez parte do grupo que negociou a formação da Convergência Nacionalista, aliança formalizada entre a Fretilin e a União Democrática Timorense, para conjugar os esforços de ambas as organizações e apressar uma negociação diplomática, que permita pôr fim à guerra nessa ilha do Índico ocupada pela Indonésia na década de 70. Esta experiência na arena diplomática, somada à sua trajetória no movimento de libertação de Timor-Leste, o converte num dos mais autorizados porta-vozes do povo maubere, a cuja causa dedica a vida.

Em entrevista exclusiva a **terceiro mundo**, Mari Alkatiri avalia as perspectivas militares, políticas e diplomáticas da questão de Timor-Leste, e mostra as linhas da estratégia que a Fretilin desenvolve atualmente.

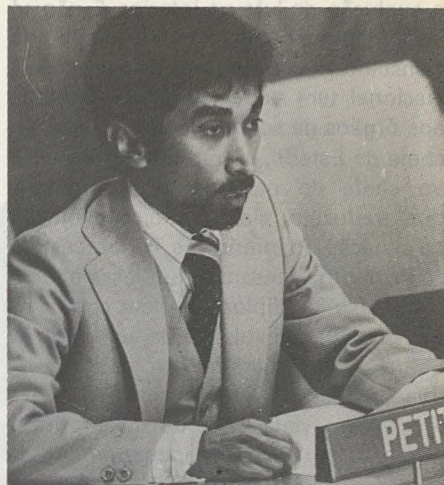
Qual é a situação da questão de Timor-Leste no plano diplomático?

— Nos últimos anos, definimos, como ponto principal da nossa diplomacia, conseguir mudar a posição de Portugal. Constitucionalmente, a questão de Timor-Leste está ligada a Portugal. Existe um artigo na Constituição portuguesa

que une Portugal a Timor-Leste, e a nível de comunidade internacional Portugal continua sendo reconhecido como a potência administradora da ilha. Portanto, existem disposições legais importantes que prendem um país ao outro.

Concentramos toda a nossa atenção nesse objetivo, levando em consideração que Portugal iria ser membro da Comunidade Econômica Européia-CEE e, portanto, poderia ajudar a influenciar os países do Mercado Comum Europeu. Por outro lado, definimos um triângulo para o trabalho de esclarecimento da causa timorense, com um vértice em Washington, outro em Lisboa e o terceiro em Camberra (Austrália). Em Washington, concentramos nosso trabalho no Congresso e os resultados estão à vista com um avanço na compreensão da questão de Timor-Leste. Em Portugal, dedicamos nossa atenção em criar grupos de apoio por todo país e trabalhar profundamente no parlamento, para, através dele, criar um grupo de pressão sobre o governo e o presidente.

Tivemos muitas dificuldades no período do presidente Ramalho Eanes, mas felizmente, com a alteração da correlação de forças a nível interno de Portugal — onde, pela primeira vez, pode-se ver um governo que, embora de direita, é estável — a situação melhorou. Até dois anos atrás, trabalhávamos com governos sempre de vida muito curta. A partir do momento em que o PSD, de Cavaco Silva, conseguiu a maioria do parlamento, achamos que era oportuno reforçar ainda mais a nossa representação em Portugal. E, simultaneamente, seguimos orientações do comitê central da Frente Revolucionária de Timor



Mari Alkatiri: avanços na luta nacional

Leste Independente-Fretilin, emitidas do interior do nosso país, e do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional (CRRN), para avançar na implementação da política de unidade nacional. Esse conselho, como a própria palavra bem diz, visa a unir todos os patriotas e nacionalistas de Timor-Leste numa plataforma comum de ação, contra a ocupação indonésia de nosso país. E, assim, iniciamos um processo de contatos com a União Democrática Timorense-UDT. A UDT, além da Fretilin, é a única organização com história, em Timor-Leste, tendo sido criada em 1974/75.

Mas ela está em Timor?

— O contato foi feito com a direção deles, que se encontra fora do país, em Lisboa. Estabelecemos o que chamamos de Convergência Nacionalista, uma plataforma de ação, para que, ao invés de nos criticarmos mutuamente, esquecendo o inimigo, possamos trabalhar juntos, com os mesmos objetivos. De certo modo, podemos dizer que essa união facilitou a Portugal a tomada de uma posição mais ativa no apoio à nossa causa. Eu digo facilitou, porque decisiva mesmo é a resistência levada dentro do país e liderada pela Fretilin.

Nesse sentido, um dos feitos mais importantes dos meses recentes é que restabelecemos a comunicação com o interior do país: agora temos comunicações cada vez mais regulares e conseguimos, com continuidade, acompanhar

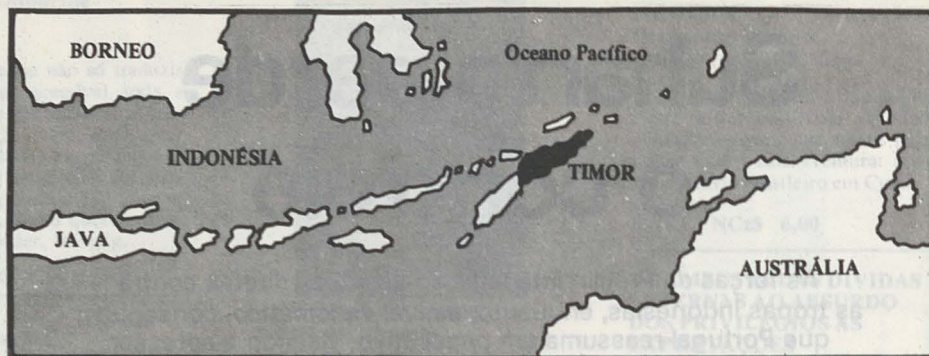
a evolução da luta no interior. E não só isso. Ultimamente, o presidente do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional tem endereçado, diretamente aos órgãos de soberania portuguesa, ao chefe de Estado, ao primeiro-ministro e ao chefe do parlamento, mensagens que traduzem, claramente, a evolução da situação no interior de Timor-Leste.

Portanto, pensamos que essa alteração a nível da diplomacia tem como razão principal a evolução da luta interna. Se até uns anos atrás Portugal ainda tinha dúvidas de que existia uma resistência com viabilidade de ser vitoriosa, hoje não tem mais. A opinião geral dos membros dos órgãos da soberania portuguesa é que, se não existe solução militar para os patriotas de Timor-Leste, também não existe solução militar para a Indonésia. Nessa base, Portugal lançou, há um ano e meio, sua ofensiva diplomática, conseguindo ganhar apoio junto aos seus parceiros da CEE. Hoje, a nível do Parlamento Europeu e da CEE, existe uma posição em bloco, de apoio às reivindicações portuguesas, com relação a questão de Timor-Leste. Isto é: respeito pela autodeterminação do povo maubere e exigência de uma solução negociada, internacionalmente aceita, de rejeição à situação de fato que a Indonésia pretende criar em nosso país.

Paralelamente a isso, temos procurado desenvolver, nos cinco países africanos de língua oficial portuguesa – nossos aliados históricos – um trabalho cada vez mais profundo, e também junto a outras nações, particularmente africanas e, geralmente, integrantes do Movimento dos Não-Alinhados. Assim, conseguimos, recentemente, mais uma vitória, em Nicósia.

Na reunião ministerial dos Não-Alinhados, em Chipre?

– Sim. Repetimos a vitória que tínhamos conseguido nos Não-Alinhados em Harare, no Zimbábue, e em Luanda, Angola. Portanto, três vitórias consecutivas. Como se sabe, a Indonésia aspirava a obter a presidência (rotativa) do Movimento dos Não-Alinhados nos próximos três anos. Mas, ficou claro, para o regime de Jacarta, que, enquanto ocupar Timor-Leste, dificilmente poderá ter liderança no movi-



Timor Leste tem 14.874 km², pouco mais de 600 mil habitantes e vive guerra por 14 anos

mento. Isso se conseguiu, em Nicósia, através de uma coordenação perfeita dos trabalhos realizados pelos países africanos de fala portuguesa e por Portugal, que, apesar de participar como observador, atuou no trabalho de corredores a nosso favor.

Qual é a situação no interior de Timor-Leste?

– De 1983 para cá, estamos experimentando, no interior do país, um aumento da capacidade tática ofensiva. Num único dia, 30 de dezembro passado, a resistência abateu, em Dili, a capital, 34 soldados indonésios. Ultimamente, a Indonésia tem propalado, a nível internacional, que há uma certa abertura em Timor-Leste. Nós nunca acreditamos nessa hipótese. Mesmo as-

sim, se a Indonésia agora fala de abertura, está reconhecendo que antes não existia. E, quando falam em abertura, falam de sete dos treze distritos de Timor-Leste, que correspondem a apenas um terço do país, inclusive em termos de população, o que é bastante revelador.

Então há um reconhecimento da força da Fretilin?

– Sim. Um reconhecimento do poder da Fretilin e do controle dela sobre o terreno. Mas, em vez de abertura, na prática reforçaram a segurança. Tudo isso se deve, fundamentalmente, às últimas ações militares, entre elas o aniquilamento total de três posições inimigas. Nós continuamos a realizar ofensivas de caráter tático, visando sempre à derrota do inimigo.

A luta está nas ruas

E nas áreas urbanas? Qual é o comportamento da população civil?

– No ano passado, verificou-se o início da luta de massas nas ruas. É preciso assinalar que não se trata de mobilizações em cidades livres, com representações diplomáticas e correspondentes das agências de informação internacionais. Dili, a capital, está completamente isolada de todo o mundo. Por isso, para chegar ao ponto que se chegou, é porque o poder das forças de ocupação está decadente. Diante da luta de massas, recuaram.

Hoje, em Dili, os estudantes saem à rua, incendeiam viaturas, destroem residências de oficiais, tudo isso, sem que as forças armadas tenham sido ca-



Suharto: enfrentando maiores perdas

pazes de disparar um único tiro. Foi um teste da nossa rede clandestina, nas zonas ocupadas. Era necessário saber qual o nível de coesão interna das forças armadas. Agora, estamos completamente convencidos de que eles perderam a iniciativa, que não sabem como sair dessa situação. A moral da tropa é baixa.

Suharto visitou Timor-Leste em 1978, e voltou no ano passado. Na primeira vez, não demorou mais que 24 horas, a situação não permitiu. Agora, iria visitar várias cidades, mas ficou em Dili e só por 23 horas. Passados dez anos, o presidente Suharto continua sem controle sobre o território. Quantos ministros e quantos chefes militares já foram demitidos? Nesse momento, os generais indonésios tentam, novamente, uma política de ação psico-social: sabendo que, nas zonas ocupadas, os dois apoios principais que nós temos são a juventude e a igreja católica, eles trabalham sobre esses dois setores. E se dá essa situação paradoxal: a Indonésia, que é um país muçulmano e que há dois anos privilegiava a construção de mesquitas em Timor-Leste, hoje quase que proíbe a construção de mesquitas. E Suharto nomeou, como comandante das forças armadas, um general muçulmano que, ao chegar pela primeira vez a Timor-Leste, em maio do ano passado, fez sua apresentação pública numa igreja e foi hóspede do bispo de Dili, tentando levar a igreja a apoiar os indonésios. Até a construção de uma catedral o governo financia. Tudo na tentativa de ver se ainda lhe é possível obter o apoio da igreja.

E como se comportam os jovens?

- Desde o início, centenas e centenas de jovens foram enviados para a universidade indonésia. E lá reforçaram suas convicções, o seu nacionalismo. Por isso, a situação interna é totalmente insustentável para o inimigo.

A nível diplomático, quais os próximos passos?

- Depois dos acordos entre Estados Unidos e União Soviética, verificamos que se experimentaram acordos de paz em várias regiões do mundo, incluindo o caso do Saara, que nesse momento está em processo de negociações. Claro,



A guerrilha da Fretilin aumenta atuação no interior do país, causando baixas aos indonésios

nós temos consciência de que, nem direta nem indiretamente, a nossa luta se insere no conflito Leste-Oeste. Esta talvez seja uma das razões por que, até hoje, se fala de todas as lutas, menos da nossa.

A Fretilin acredita que o caso do Saara, país africano ocupado por um país vizinho (no caso, o Marrocos), pode ser tomado como ponto de referência para uma solução em Timor-Leste? Seria um exemplo próximo?

- Sim, nós estamos acompanhando muito de perto os acontecimentos no Saara. É um exemplo. A Convergência Nacionalista tem como base um plano de paz, que propõe um referendo em Timor-Leste, tal como se propõe para a questão no Saara. Numa fase de transição, as Nações Unidas assumiriam a responsabilidade em conjunto com Portugal, reconhecido como potência administradora de Timor-Leste. E, a nível internacional, se deveria exercer pressão sobre a Indonésia, para que o secretário-geral das Nações Unidas possa cumprir a tarefa que lhe foi imposta em 1982, através da resolução 37/80, do Conselho de Segurança.

A resolução estabelece que, sob a supervisão do secretário-geral, deve-se encontrar uma solução negociada, que

envolva todas as partes interessadas no conflito em Timor-Leste. Entendemos, como partes interessadas no conflito, a Indonésia como agressora, Portugal como potência administradora, e, naturalmente, como parte legítima, o povo de Timor-Leste com seus representantes. O secretário-geral tem feito alguns esforços nesse sentido, mas não tem encontrado resposta positiva por parte da Indonésia.

Não se inclui a retirada de tropas?

- O plano engloba as formas de retirada das tropas indonésias e as formas de se estabelecer uma administração transitória, para se preparar o referendo, as eleições gerais, ou qualquer outro processo aceitável internacionalmente. Essa resolução e o nosso plano de paz são as bases, sobre as que nós vamos trabalhar, com mais força ainda, agora que Portugal vai assumindo, mais claramente, suas responsabilidades.

A América Latina tem algum papel a desempenhar nisso? E o Brasil, particularmente, como país de língua portuguesa?

- Nós acreditamos que a América Latina tem um papel a desempenhar, particularmente o Brasil. Estamos convencidos de que é do interesse do Brasil que se alarguem as fronteiras dos países de língua oficial portuguesa. Com o

apoio dos cinco países africanos de língua portuguesa, e com Portugal assumindo suas responsabilidades plenas, é de se pensar seriamente que o Brasil deverá um dia se juntar a nós.

O papel dos Estados Unidos e Austrália

Fora o trabalho diplomático junto ao governo português, a Fretilin reconhece ter definido, como outros dos alvos prioritários os Estados Unidos e a Austrália. Qual é o trabalho desenvolvido nesses dois países?

— Nos Estados Unidos temos bastante apoio no congresso. Recentemente, foi aprovada uma moção, subscrita por 180 deputados e mais de 40 senadores, dirigida ao então secretário de Estado George Shultz, solicitando que a administração norte-americana se oferecesse para mediar uma solução negociada, em Timor-Leste. O apoio é bem significativo. Portanto, vamos continuar a investir nessa direção, porque vai contribuir bastante na solução da questão.

Na Austrália, os 20 mil timorenses também se organizam. Paralelamente à isso, continuamos a trabalhar junto aos partidos políticos e ao parlamento. Mas, o governo da Austrália está altamente comprometido com a Indonésia, em função de interesses econômicos. Recentemente, Austrália e Indonésia chegaram a um acordo para exploração de nosso petróleo.

O acordo já foi formalizado?

— Penso que ainda não foi aprovado pelos respectivos parlamentos. Mas, naturalmente, o da Indonésia o aprovará, pois é um parlamento fictício. Em função desses grandes interesses econômicos que a Austrália tem em nosso



Mário Soares e o papa: Lisboa retoma papel e igreja apoia timorenses

petróleo, ela vê na Indonésia uma aliada imediata. Claro, isso não significa que, a nível de opinião pública australiana, tenhamos perdido o apoio. Pelo contrário; vem crescendo. Recentemente, um dos nossos dirigentes, Roque Rodrigues, esteve na Austrália e constatou, mais uma vez, que temos bastante apoio popular em todo o país. Mas, na Austrália não conseguimos as vitórias que obtivemos na Europa, via Portugal, e nos Estados Unidos. Mas, apesar de tudo, as duas pontas principais desse triângulo nós atingimos. No fundo, por mais relações que a Austrália possa vir a ter com a Indonésia, o governo de Jacarta depende mais dos Estados Unidos e da Europa do que da própria Austrália.

Em relação à igreja católica definiu-se algum papel específico? Fez-se algum pedido de intermediação ao papa?

— O papa tem se referido, várias vezes, ultimamente, à questão de Timor-Leste. Até aqui, está clara a posição do Vaticano em não reconhecer a integração de Timor-Leste à Indonésia, tanto assim que o esforço que a igreja católica da Indonésia tem feito, no sentido de

integrar a de Timor no conselho episcopal indonésio, tem encontrado sempre resistência por parte do Vaticano. Portanto, o reconhecimento da integração não existe.

A nível das organizações católicas e cristãs em todo o mundo, temos bastante apoio, o que tem permitido uma maior divulgação de nossa luta a nível internacional.

A conferência de cúpula dos Países Não-Alinhados, que se celebrará em setembro em Belgrado, não é também um foro adequado para discutir o problema de Timor-Leste?

— Nós, ainda recentemente, fizemos uma reunião da delegação da Fretilin em serviço no exterior, em Lisboa — que é a maior caixa de ressonância para divulgação da luta do povo timorense — e constatamos ser prioritário o desenvolvimento de um trabalho político e diplomático, visando às próximas conferências dos não-alinhados. Não há o perigo de a Indonésia apresentar novamente a sua candidatura na Iugoslávia: se apresentar, será derrotada, já que a correlação de forças está cada vez mais desfavorável à Indonésia. Mas, há a necessidade de se passar da fase de derrotar a Indonésia, para uma outra, mais avançada: a de se obter o reconhecimento do movimento para as nossas organizações. Para isso, teremos que encontrar formas de coordenação cada vez mais estreitas, entre nós e os cinco países africanos de expressão portuguesa, para termos um projeto comum de ação, até lá. E é isso que pretendemos propor a esses cinco países e a outros, no sentido de encontrarmos uma plataforma de ação comum, ficando cada um com sua tarefa até a reunião de Belgrado.



Somente a destruição de plantações não é a solução



Existe possibilidade de surgirem lavouras alternativas rentáveis

Coca: problema e solução

A chave para resolver o problema está em obter maior ajuda internacional para desenvolver lavouras de rentabilidade similar à da coca, com mercados seguros e preços garantidos, ao mesmo tempo em que se radicaliza o combate ao narcotráfico, num esforço conjunto com os próprios agricultores organizados



O retorno econômico de alguns cultivos impede expansão da coca

Roger Rumrill

Os velhos mitos andinos talvez já prenunciassem o destino da folha de coca através dos tempos: passar de folha sagrada a folha maldita, por obra do narcotráfico. Mas, a perspectiva varia, de acordo com a lupa com que se examina o problema.

Para os Estados Unidos, que tem hoje cerca de 40 milhões de consumidores de drogas, entre as quais a cocaína, a folha de coca — matéria-prima do crack ou pasta básica da cocaína não-refinada e do cloridrato de cocaína — é sem dúvida uma planta maldita.

De acordo com Bruce Bagley, pesquisador da universidade de Miami, o consumo de drogas está provocando uma menor produtividade econômica, correspondente a uma perda anual que varia de 60 a 90 bilhões de dólares, além do aumento do crime em todo o país. Além disso, o consumo do crack — a versão ianque do famoso kete peruano — pela juventude e pelos setores mais pobres da população norte-americana,

multiplica-se com a velocidade de um rastilho de pólvora.

Têm, pois, suas razões as autoridades norte-americanas em qualificar a coca como planta maldita, já que a causa fundamental do flagelo que agora açoita a população de lá está na produção da folha. Quanto a este ponto, há uma duplicidade de enfoque para a questão.

Para os Estados Unidos, a solução incluiria não só o desestímulo e a repressão ao consumo da cocaína, mas também a destruição das lavouras de coca. Este propósito parece guiar todos os seus esforços, com os frustrantes resultados já conhecidos.

Para o Peru, ao contrário, a ótica deve ser diferente. Para nós, em primeiro lugar, a coca não é uma planta maldita, mas um cultivo ancestral, ligado de modo indissolúvel à história e à cultura de nosso país. Como a ayahuasca na cultura amazônica, a coca é a chave para se entender o sistema cultural andino. Isto, porque, como produto milenar no Peru antigo e moderno, a coca não apenas teve uso ritual, mas também alimentar para a vasta população dos Andes.

Em consequência, não temos por que assumir os esquemas que satanizam a folha, que é um recurso de enorme valor na estrutura agrícola peruana de todos os tempos. O que deve ser condenado, reprimido, rejeitado é o narcotráfico, ou seja, o uso ilegal do valioso recurso agrícola. Ocorre, porém, que o narcotráfico não se originou no Peru, mas fora de suas fronteiras. Coca sempre existiu no Peru, através de milhares de anos. Mas, o narcotráfico, este é recente, da década de 70, decorrente da abertura do mercado consumidor norte-americano.

Todos os esquemas e estratégias de luta contra o narcotráfico, cujo eixo é a erradicação da coca, fracassaram e agravaram o problema no país, como é possível provar. No início do ciclo do narcotráfico, nos anos 70, a superfície de coca no Alto Hualaga, a área coca-leira mais importante do mundo, não passava de 5.000 hectares. Agora, este vale amazônico abriga algo em torno de 100.000 hectares da planta, praticamente a metade de toda a lavoura de coca existente no Peru. Não houve apenas um crescimento de superfície ocu-

pada, apesar dos esforços governamentais para a erradicação, com apoio norte-americano, mas agora o fenômeno do narcotráfico liga-se estreitamente à subversão política, configurando um quadro de conflito que ameaça mesmo a segurança nacional.

Então, por que não modificar a estratégia? Por que não mudar os esquemas e os enfoques, partindo da ótica dos interesses nacionais? Na conjuntura atual, a folha sagrada da coca poderia fazer o milagre de contribuir para a salvação do campo peruano, sem que isso signifique renunciar à condenação moral do seu uso ilícito pelo narcotráfico.

Otoniel Velasco, funcionário peruano das Nações Unidas, apontou com clareza que há, na situação atual, duas condições favoráveis: a tese da corresponsabilidade no fenômeno da traficância, já aceita pelos países consumidores, os Estados Unidos à frente. E, em segundo lugar, a crise estrutural que abala o Peru, como um terremoto.

No primeiro caso, a aceitação de uma responsabilidade compartilhada por parte das grandes nações consumidoras permitirá ao Peru negociar - com os Estados Unidos, Japão, Mercado Comum Europeu e Conselho de Assistência Mútua Econômica-Came, dos países socialistas - de longo prazo a juros baixos, com a destinação específica de implantar, nas áreas cocaleiras, cultivos alternativos, como cacau, coco, seringueiras e pimenta, entre outros.

Seja como for, a agroindústria mais próspera do Peru, Bolívia e Colômbia, hoje em dia é, sem dúvida, a da cocaína. Mas, especialmente por um motivo que se liga à lógica do mercado: preços e comercialização. A coca deve ser no Peru o único produto que tem comercialização assegurada, antes mesmo da semeadura.

Por isso, uma estratégia de estímulo a cultivos alternativos deve levar em conta, como condição indispensável, um acordo sobre mercados externos e preços de garantia assegurados. De outro modo, serão remotas as possibilidades de êxito das propostas econômicas que visam à substituição da coca. E pode ocorrer o que se passou na Costa do Marfim, segundo contou a este cronista o jornalista francês Alain J. Abrousse: os

países europeus ajudaram o país africano a substituir lavouras de maconha por cacau. Mas, os baixos preços para o novo cultivo praticamente obrigaram os camponeses a semear maconha outra vez.

O segundo caso relaciona-se com a crise estrutural do Peru. O mesmo Otoniel Velasco qualifica a situação atual como a queda final de um modelo: particularmente para o campo, nas últimas décadas, significa a agonia do modelo importador de alimentos e subsidiador do consumo urbano, em detrimento do produtor rural.

Como se sabe, esta tendência à importação e ao subsídio chegou a seu clímax nos dois primeiros anos do governo de Alan García, com as desastrosas consequências que hoje sofremos.

Ouvir os camponeses

A história da coca e sua relação com o narcotráfico não têm mais que duas décadas. No Peru, começou na década passada. Nesta curta história, há uma lição que foi esquecida e, por isso, levou a situação ao nível de dificuldades de hoje: a opinião dos camponeses produtores de coca e suas próprias alternativas.

Desde a década de 70, diferentes organizações camponesas de todas as regiões cocaleiras do país propuseram soluções, muitas delas definitivas. Parece que essas propostas adormeceram nos carpetes dos gabinetes dos ministros e parlamentares peruanos e nunca mais se soube delas.

Mas, nem a advertência do sangue parece ter efeito no Peru. É preciso dizer, ao menos uma vez: não haverá solução para o cultivo da coca e seu uso ilegal, sem a decisão do campesinato produtor.

O caso da Bolívia é exemplar. O país tem cerca de 70 mil hectares de

Encurralado por tal situação, o regime aprista está tratando de reduzir drasticamente o subsídio alimentar, tomando tal medida, paradoxalmente, como um êxito de sua política de correção econômica, embora o motivo real seja a quase absoluta escassez de divisas, que limita à força a importação de alimentos.

Mas, esta dolorosa circunstância tem a inesperada virtude de criar condições políticas e econômicas favoráveis para ensaiar alternativas para a coca, sem o risco de que a importação neutralize ou liquide seus efeitos.

"O governo norte-americano está disposto a apoiar programas de substituição do cultivo de coca, e isto se mostra pelo maior apoio que estamos dando agora ao programa da FAO, das N-



Vender folha de coca é altamente lucrativo

coca e hoje existe um programa de substituição de lavouras, visando a reduzir a apenas 10 mil hectares a área plantada de coca, o que é considerado suficiente para o consumo tradicional e demais usos legais.

Mas, o programa de redução está acertado com os próprios camponeses organizados em sindicatos, nas regiões do Chapare e Los Yungas. Os camponeses organizados não apenas são interlocutores legítimos do governo na solução do problema, mas também a mais sólida alternativa frente às opções violentas e criminosas do narcotráfico.

ções Unidas", dizia-nos há pouco tempo o representante oficial daquele organismo em Lima. O mesmo discurso foi repetido pelo novo ministro da Justiça dos Estados Unidos, Richard Thornburgh, em resposta a uma pergunta que lhe formulamos durante recente teleconferência.

Mas, este mesmo funcionário e outros e pressam suas dúvidas, quanto ao êxito de qualquer programa de desenvolvimento nas áreas cocaleiras sujeitas a um contexto de violência, como o que se verifica no Alto Huallaga, na região do Ucayali (Pucallpa) e outras zonas da Amazônia, onde a coca e seu correlato de guerra se expandem como um incêndio.

Na verdade, é praticamente impossível estabelecer projetos alternativos à

coca, em áreas como o Alto Huallaga ou na região cortada pela rodovia Aguaytia-Pucallpa, devido ao controle político-militar que a subversão exerce, sobretudo agora, quando o Sendero Luminoso, na lógica da guerra, converteu a coca em uma arma estratégica, tanto para adquirir recursos para a insurreição, quanto para conquistar a simpatia dos camponeses que produzem coca, e "envenenar o imperialismo" com a exportação da pasta básica e do cloridrato de cocaína.

Neste contexto, a possibilidade de estabelecer e desenvolver alternativas econômicas para o cultivo da coca passa, em primeira instância, por uma solução para a conjuntura política, caracterizada por uma espécie de feudalização do poder, decorrente da crise de hege-

monia, no plano nacional. Em segunda instância, está a solução para o problema regional, que passa também pela transferência das decisões econômicas e políticas aos governos regionais, fortalecendo simultaneamente os governos locais e criando espaços de vida democrática e de segurança, nos locais onde devem desenvolver-se os projetos alternativos à coca.

Projetos preventivos

Mas, talvez seja preciso ainda mais. Segundo o engenheiro Juan Del Aguila Sabell, especialista em problemas do desenvolvimento agropecuário na região amazônica e atual chefe da Comissão Executiva para o Controle de Drogas, é preciso pôr em marcha projetos

A experiência da Federação Provincial de Camponeses de Convenção e Lares (Cusco), uma das organizações de mais extensa tradição de luta no Peru, pode ser o exemplo, para que, finalmente, o Estado peruano e os governos estudem, discutam e assimilem as propostas dos lavradores.

Como se sabe, Convenção e Lares é um vale produtor de coca há muito tempo. Não há cifras exatas sobre a superfície cultivada na zona, mas talvez alcance 40 mil ou 50 mil hectares. O certo é que, na última década, que coincide com o ciclo do narcotráfico, a superfície cocaleira ilegal cresceu enormemente. Apesar dessa expan-

são, Convenção e Lares não se transformou, como ocorreu no Alto Huallaga, em um espaço dominado pelo narcotráfico ou pela violência política. E não ocorreu por uma única razão: a organização camponesa foi um fator de resistência política e social.

A face oposta desta medalha é o Alto Huallaga, onde se cultiva a coca com maior índice de alcalóide do mundo, na maior superfície ilegal e onde, como se sabe, jamais existiu uma tradição organizativa do campesinato, mas apenas uma migração incessante de lavradores que a repressão do Estado tornou ilegais e marginais, ou seja, transformou em base social do narcotráfico e da subversão terrorista.

A presença do campesinato organizado de Convenção e Lares permitiu a realização da primeira experiência de substituição de coca por açafrão, com apoio financeiro das Nações Unidas, através do Convênio de Desenvolvimento dos Vales de Convenção e Lares (Codeva). A ONU também executa outro projeto de substituição de coca por cacau em Tingo Maria, com a cooperativa Naranjillo, uma experiência que o contexto de violência política da zona torna cada vez mais difícil.

A Federação Provincial dos Cam-

poneses de Convenção e Lares enviou um projeto de lei ao congresso, recentemente, onde sugere uma solução integral para a questão da coca no país. "Este tratamento - diz um dos pontos do projeto - inscrever-se-á no marco da reativação e desenvolvimento do setor agrário, bem como no processo de descentralização regional, para poder superar as condições materiais que sustentam a expansão indiscriminada da atividade cocaleira".

O documento apresentado pelos camponeses também exige, com lucidez, "o tratamento integral da problemática da coca, para distinguir com clareza tanto a produção, comercialização, industrialização e o consumo legal da folha de coca - vinculados a diversas dimensões sócio-culturais da população andina e etno-amazônica - da atividade ilícita do narcotráfico. Ambas exigem um tratamento diferenciado".

Nesta perspectiva, a federação propõe, igualmente, a criação do Instituto Nacional da Coca (Inco), como uma instância de entrosamento entre o Estado, os produtores e os consumidores, para planejar e conduzir com racionalidade o cultivo de coca no país. Oxalá o governo, pela enésima vez, não fique surdo e cego ante as propostas camponesas.



Políciais acham laboratório da droga na selva

preventivos nas zonas de alta migração de camponeses, com recursos do Estado e apoio financeiro dos países responsáveis. Só assim, segundo o especialista, o camponês pobre obteria a oportunidade de melhorar seus níveis de vida na própria região de assentamento, sem precisar migrar para as zonas cocaleiras, com as consequências que hoje conhecemos.

O desenvolvimento de alternativas econômicas e sociais para o campesinato, que hoje é o produtor majoritário da folha, e, em muitos casos, involuntariamente base social da subversão, pode mudar substancialmente a situação do problema da coca no Peru, nos aspectos social, político e econômico. Social, porque o camponês pode deixar de ser o pária, o marginal e o contraventor ante o Estado. Político, porque a democracia não pode empurrar os camponeses à violência, por uma irresponsabilidade dos governos e de seus enfoques repressivos. Econômico, porque, pela primeira vez, o Estado nacional poderia oferecer ao agricultor a solução material para sua situação de pobreza, no lugar de repressão e violência.

Os principais produtos substitutivos ou alternativos à coca são os seguintes: cacau, pimenta, seringueira, coco e café, entre outros. Uma das críticas mais constantes, que se formulam contra estas alternativas, refere-se à alta rentabilidade da matéria-prima do cloridrato de cocaína, que, de acordo com os cálculos mais conservadores, está em torno de 4.500 dólares por hectare, em quatro safras anuais. Para entender melhor o que isto significa, basta indicar que, no vale do Alto Mayo, departamento de San Martín, a lavoura do arroz irrigado rende menos de 500 dólares anuais por hectare.

"Mas, há plantações mais rentáveis que o arroz, como o coco e a seringueira", diz o engenheiro Carlos Fernández Paniagua, que já chefiou a Corporação de Desenvolvimento do Ucayali.

li. Ele calcula uma renda média anual de 3 mil dólares para o coco e para a seringueira, com a vantagem adicional de que ambos os produtos têm mercado garantido no próprio Peru. O país tem apenas 11 mil hectares de coqueiros, necessitando ainda de outros 9 mil hectares para garantir o próprio abastecimento. Quanto à seringueira, a indústria peruana consome 12 mil toneladas anuais, mas o país só produz 60 toneladas, o que levou à importação, no ano passado, de mais de 20 milhões de dólares do produto asiático.

Ainda assim, a rentabilidade da coca continua sendo mais alta que a do coco

camponês certamente optaria pela segunda alternativa.

Os projetos alternativos devem ser parte de uma estratégia global de tipo econômico, político e social, como já se disse. Assim, por exemplo, no plano político, policial e militar, o Estado deveria assentar golpes mais severos ao narcotráfico, principalmente em sua infra-estrutura de refino e transporte, para desestimular a produção e tornar proibitivos os seus custos.

Este fenômeno já ocorre, de algum modo, não como parte de uma estratégia, mas pelas mesmas leis da oferta e da procura, a lógica do mercado. A saturação do mercado norte-americano já provocou bruscas quedas de preços da cocaína, que desceu de 65 mil dólares por quilo, em 1986, para a faixa de 10 a 12 mil dólares, atualmente em Nova Iorque e Miami.

Estas quedas sucessivas, como é lógico, alarmaram os cartéis colombianos, que dominam o refino e a comercialização do entorpecente. Por exemplo, isso os obrigou, já em 1984, a estabelecer uma rota aérea direta entre as áreas de produção no Alto Huallaga e os centros de processamento final na Colômbia, para baixar os custos de produção. Como os preços continuavam baixando, em 1986 os cartéis tomaram outra medida destinada a reduzir ainda mais os custos, para manter suas margens de lucro: instalaram os primeiros laboratórios de refino nas próprias zonas produtoras.

Embora esta atividade criminosa use a mais sofisticada racionalidade do capitalismo, uma estratégia de luta bem aplicada pode continuar tornando seus custos de produção cada vez mais altos, tão altos, que poderia chegar o dia em que um hectare de coqueiros ou de cacau seria mais rentável que um hectare de coca.

Tal dia não está muito longe. E o milagre pode realizá-lo a mesma folha sagrada que hoje, por se transformar em cloridrato de cocaína, transformou-se em folha maldita.



Venezuela: posto de fronteira combate narcotraficantes

ou da borracha.

Aumentar custo do tráfico

Mas, entre receber 4,5 mil dólares pela coca, com o risco de sobreviver entre os fogos da subversão, do narcotráfico e da polícia, ou ficar com 3 mil dólares por um hectare de coqueiros ou de seringueiras, mas viver em paz, o

Informação contra a paz

O aumento do controle mundial da informação pelos países ricos está diretamente vinculado ao crescimento das empresas transnacionais e ao seu domínio sobre as nações do Terceiro Mundo

Enrique González Manet*

A primeira reflexão que se deve fazer sobre os meios de comunicação e a luta pela paz diz respeito ao caráter, natureza e tendência dos fluxos de informação, no mundo. Uma análise nesse sentido precisa incluir não só as estruturas do poder transnacional e seu impacto qualitativo, como também os fenômenos de dependência e desigualdade, que afetam os países do Terceiro Mundo.

No momento em que as novas tecnologias multiplicam de forma exponencial a difusão das mensagens, em escala global, dois terços da humanidade têm acesso a apenas 10% dos meios de comunicação e se encontram submetidos a um fluxo único de informação, procedente dos países industrializados, em particular dos Estados Unidos.

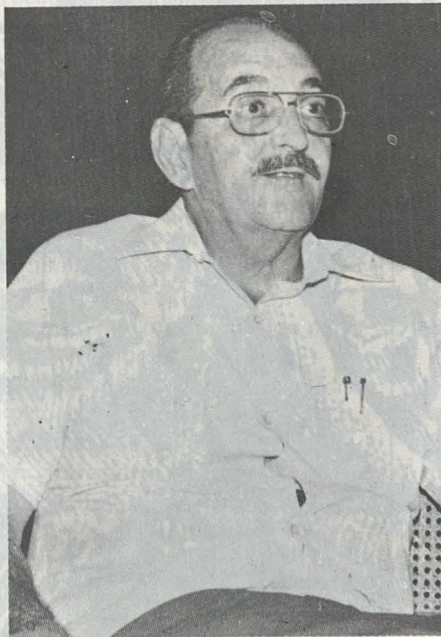
As pesquisas de organismos internacionais e instituições não-governamentais, realizadas nos últimos dez anos, mostram que os centros de informação mais importantes do ocidente, em vez de promoverem a distensão e a paz, têm favorecido a instabilidade, a incerteza e o militarismo, entre as nações mais pobres.

A informação, atualmente, converteu-se em verdadeiro campo de batalha, orientando a conquista da opinião pública mundial, de forma jamais vista. Essa estratégia mantém estreita relação com o avanço das grandes corporações transnacionais e com o esforço do ocidente, no sentido de consolidar e ampliar o sistema de economia de mercado.

Os países subdesenvolvidos têm pouca noção da magnitude e influência dos sistemas atuais de comunicação. Em 1980, o professor da Universidade de Paris, Bruno Lussato, advertiu, no livro "O desafio da informática", que uma revolução silenciosa já tinha começado a transformar o mundo e poucos sabiam disto.

Uniformizando as mensagens

O fenômeno se explica, porque o surgimento de novas tecnologias de telecomunicação instantânea é muito recente e, em geral, ignorava-se o caráter integrativo e convergente dos bancos de dados, microcomputadores, cabos de fibras óticas, satélites de transmissão



Gonzalez Manet: o perigo da manipulação

direta e sistemas integrados de redes digitais. Além disso, uma campanha intensa de sofisticação e de desinformação, no uso destas tecnologias, tem impedido a tomada de consciência, quanto aos meios de comunicação como mecanismos de dominação neocolonial.

Segundo um informe do Programa Internacional da Unesco para o Desenvolvimento da Comunicação, que circulou restritamente em janeiro de 1988, as vendas da indústria mundial de informação foram estimadas em 450 bilhões de dólares, em 1984, e em 1,1 trilhão de dólares, em 1986. O documento afirma que essa tendência de crescimento está bem documentada e que a sua evolução dará lugar a grandes trocas estruturais em termos de elaboração, administração e distribuição de bens e serviços, afetando a vida particular, as formas de trabalho e o tempo livre de cada um de nós.

Pode-se distinguir três setores, no moderno aparato de comunicação social, cada vez mais concentrado e menos humanizados: os meios de massa, a prestação de serviços e a indústria de equipamentos, tudo controlado por gigantescos grupos financeiros internacionais, de caráter multi-setorial. Em 1986, a indústria dos meios de massa movimentou 315 bilhões de dólares; a prestação de serviços, 380 bilhões de dólares, e a de equipamentos, 490 bilhões. Os gastos mundiais em publicidade chegaram a 220 bilhões de dólares. Os Estados Unidos, Japão e a Comunidade Econômica Européia-CEE abarcam 70% do produto mundial bruto e 90% da produção de bens e serviços da informação.

Na recente III Conferência Mundial

de Rádios Comunitárias, em Manágua, Nicarágua, o especialista belga Guy Stuckens, funcionário do Banco Central de Bruxelas, afirmou que, nos próximos anos, a Europa corre o risco de ver-se dominada por grandes grupos empresariais, que concentram enormes investimentos nos setores financeiros e de comunicação. Stuckens observou que não se passa uma semana, sem que se tenha notícia de um grande conglomerado financeiro absorvendo jornais, redes de rádio e de televisão, editoras, produtoras de vídeo e disco, etc., o que pode conduzir a uma perigosa uniformização das mensagens veiculadas. Isso, segundo ele, poderá ser um fator de promoção de tensão social e, no mínimo, de um vácuo de informação de interesse público. "Se essa estratégia continua", alertou Stuckens, "a única possibilidade real de conseguirmos nos informar será através da imprensa alternativa e da rádio comunitária. Esse desafio exige uma ampla mobilização da opinião pública, para se organizar a cidadania a nível local, regional e nacional".

Informação e soberania

Mas, que tipo de informação flui dessas estruturas monopolistas de poder? Tudo indica que não há mudanças na estratégia hegemônica que consagra a propaganda militarista e o uso da força como mecanismo de negociação.

O projeto norte-americano de imposição do "livre fluxo" foi barrado na Unesco e Nações Unidas pela proposta da Nova Ordem Internacional da Informação e Comunicação, respaldada pelo Movimento dos Não-Alinhados, pelo Grupo dos 77 e pelos países socialistas e progressistas. A resposta implacável dos Estados Unidos foi a desestabilização da Unesco a chantagem contra as

Nações Unidas.

Uma vez neutralizada (ou quase) a luta por uma Nova Ordem Informativa Internacional, os Estados Unidos e os países ocidentais pressionam agora o Acordo Geral de Comércio e Tarifas-Gatt e a União Internacional da Telecomunicação-UIT, para impor, como nova categoria comercial, a chamada "exportação de serviços", que não é outra coisa senão o livre fluxo de informações entre satélites e computadores.

Tudo isso mostra que é urgente a necessidade de se acompanhar as mudanças e tendências das informações e reatualizar as estratégias de luta pela paz, pela cooperação e pelo desarmamento. As novas tecnologias da informação, das quais o Terceiro Mundo só tem acesso a 5%, segundo a Unesco, são imprescindíveis para o desenvol-

vimento. Não pode, entretanto, haver desenvolvimento sem cooperação e soberania. Isso quer dizer que se abrem, assim, formas de lutas mais complexas, devido ao inter-relacionamento dos processos econômicos e sociais.

Nesse sentido, um dos anticorpos fundamentais para neutralizar a contaminação das mensagens alienantes e distorcidas é reforçar a identidade cultural, os valores humanos e o amor pela paz e pelo progresso social.

Apesar das desigualdades e das limitações do Terceiro Mundo em relação aos países industrializados, é preciso aprender a desmontar os mecanismos da propaganda hegemônica. É necessário enraizar e esclarecer os princípios éticos e solidários que identificam uma sociedade construtiva. As perspectivas de paz, que decorrem das gestões do desarmamento geral e de um eventual fim das guerras chamadas de "baixa densidade", nos chama a participar de outra guerra, a das idéias e dos conceitos, que é a melhor garantia de defesa da nossa idoneidade, soberania e desenvolvimento. ●



SUPLEMENTO

BRASIL



A sucessão presidencial entra na curva decisiva dos atos oficiais das candidaturas e a campanha eleitoral começa a desenhar seus contornos, para ganhar as ruas dentro de algumas semanas. A fervura política exercida por esta proximidade e por outras condicionantes da conjuntura, particularmente a situação econômica, determina, a cada instante que passa, a cristalização dos objetivos centrais de

cada grupo social. Os interesses de um desses grupos você verá na reportagem com o vice-presidente da recente Convergência Democrática, o empresário Sérgio Quintela, que descreve as linhas gerais do que pretendem os homens de negócios para a próxima etapa da vida política nacional, a se definir em novembro. E como pensam influir nos rumos da sucessão, desde já, embora se digam, no momento, órfãos de candidaturas.

Outra reportagem importante suscita o debate em torno do transporte urbano, uma chaga aberta em todas as principais cidades brasileiras. Irrracionalidade e atraso tecnológico formam a base sobre a qual se erguem os serviços de transporte de passageiros. Nas metrópoles do país, e mesmo em médias cidades, os deslocamentos das grandes massas humanas significam altas perdas econômicas e sociais, pelas falhas de tais serviços, em função de demoras e desconforto excessivo. Tudo isso é agravado pela opção pelo transporte rodoviário, o que significa, nas cidades, o absoluto predomínio do ônibus no transporte dos que se deslocam, principalmente na ida e no retorno do trabalho. Em cidades que crescem sem parar, haverá ruas o suficiente para que o ônibus se encarregue de transportar as massas humanas?

O transporte é um dos desafios das cidades brasileiras na próxima década. Outro é a violência, cujo surto no Rio de Janeiro ganhou as manchetes de todos os jornais do país e até no estrangeiro. Como entender o morticínio e arquitetar soluções?

Panorama Nacional

Destaques da vida nacional
p. 48

O programa dos empresários

Na rota da sucessão, o que querem os homens de negócio
p. 52

Como anda o brasileiro

O drama dos transportes urbanos não tem data para terminar
p. 56

Pacote urbano

Um projeto para minorar a crise habitacional do país
p. 59

A desorganização social

A violência explode nos grandes centros, como uma guerra
p. 60

O trabalho que enfeita o teatro

O cenógrafo, seus projetos e perspectivas
p. 63

Artes na Universidade

Criatividade faz a estética do lixo e do improvisado
p. 64

A mulher na crise do Terceiro Mundo

A mulher estuda a realidade e redefine seu papel
p. 65

O discurso da diferença e da subordinação

Revelações do pensar científico sobre o feminino
p. 67

Opinião

Paulo Ramos Derengoski comenta a nova direita nos 200 anos da Revolução Francesa
p. 68



O ato de selvageria não deverá prejudicar o processo sucesório brasileiro desse ano

Contra a democracia

Menos de 10 horas após ter sido inaugurado, como parte das comemorações do Dia do Trabalho (1º de maio), foi destruído, com uma bomba de alto teor explosivo, o monumento que, construído na praça principal de Volta Redonda, homenageava os três operários mortos na repressão militar à greve de novembro de 1988, na Companhia Siderúrgica Nacional-CSN. O monumento, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, custou quase Cz\$ 70 mil, pesava 15 toneladas e tinha seis metros de altura. Mal passado esse susto, a população de Volta Redonda, menos de 36 horas depois, teve novo sobressalto: o principal dos três altos-fornos da CSN explodiu, matando três operários, ferindo outros e cobrindo o centro da cidade com uma fumaça negra.

O acidente do alto-forno, apesar das mortes e do prejuízo de Cz\$ 1 milhão, teve sua repercussão limitada às denúncias dos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgi-

cos de Volta Redonda de que o equipamento estava em situação inadequada de manutenção e isto teria originado a explosão. A resposta da CSN, uma empresa em decadência, foi a promessa de abertura de sindicância para apurar as responsabilidades.

A explosão do monumento aos trabalhadores, no entanto, desencadeou um clima de forte tensão política, no país, devido, principalmente, às diversas greves que naquele momento eram realizadas por trabalhadores mobilizados contra as perdas salariais dos últimos meses, sobretudo após o plano Verão. Somando-se a isso tudo, o governo se preparava para enviar ao Congresso a medida provisória que regulamenta o direito de greve.

A tensão aumentou muito

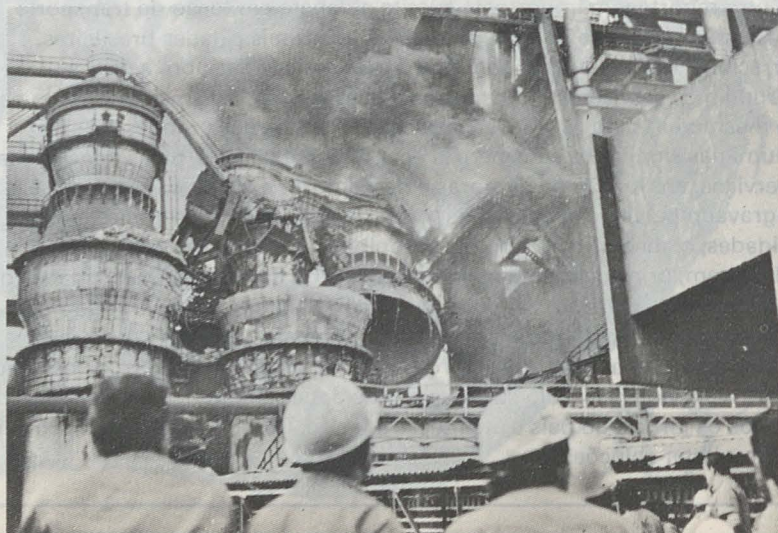
quando os meios de comunicação divulgaram as acusações dos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, que responsabilizaram o Exército pelo atentado. Luis Vieira Albano, diretor do sindicato, disse que a explosão "foi obra de especialistas, assim como aconteceu no Rio Centro. O Exército está por trás do atentado, porque ele tem esses especialistas". O ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, atribuiu a explosão a "uma reação da direita, tomada em contrapartida a

posições radicais. Ninguém vai fazer desse episódio outro Riocentro. O que está acontecendo neste país é que há vários segmentos que se negam a obedecer à lei e à ordem. Mas é certo que eles receberão a punição dos órgãos governamentais".

O presidente José Sarney tão logo foi informado sobre o incidente, nas primeiras horas da manhã, recebendo a notícia do ministro chefe do Serviço Nacional de Informação, general Ivan de Souza Mendes, telefonou ao ministro da Justiça, Oscar Dias Correia, determinando que a Polícia Federal se empenhasse na apuração do fato.

"Foi um ato de selvageria". Assim, o presidente do Partido Democrata Trabalhista-PDT, Leonel Brizola, definiu o atentado de Volta Redonda. Ele disse não acreditar que o ato tenha sido praticado por militares, mas por grupos de direita. "Foi algum cérebro perverso que fez isso, até mesmo para deixar mal o Exército e os militares, e tentar jogá-los contra a opinião pública. Vamos reconstruir o monumento e montar guarda junto a ele para que isto não

A explosão do alto-forno: sabotagem ou problemas de manutenção?





Borja, Barco e Sarney passeiam pelo rio Amazonas

aconteça de novo. Muitos monumentos, como a cartatamento de Getúlio Vargas, foram destruídos, em várias partes do país, e houve casos em que civis praticaram a destruição e deixaram até pedaços de fardamento do Exército, tentando culpar os militares”.

Brizola afirmou que o atentado não deverá prejudicar o processo eleitoral e lembrou a Argentina, que passou por episódios mais graves e teve suas eleições realizadas em clima de normalidade. Mário Covas, candidato do Partido Socialista Democrático Brasileiro-PS-DB à presidência da República, também é de opinião que nada irá impedir o processo democrático que o país vive. “Episódios como esse de Volta Redonda”, assinalou ele, “têm acontecido sistematicamente nos anos eleitorais e são provocados por certos grupos, que insistem em prejudicar a democratização do país. Espero que dessa vez se vá ao fundo da questão e não se deixe impunes os culpados”.

O candidato do Partido dos Trabalhadores-PT à presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, incrédulo e irritado, disse que o ato foi “uma provocação da direita, que está perdendo o seu auto-controle e a própria credibilidade. Estão partindo para a ignorância. É preciso reafirmar a necessidade de uma campanha pacífica”.

Lula lembrou que os trabalhadores nunca destroem monumentos. “A direita”, assinalou ele, “dá nome a ruas, homenageia seus heróis em placas, ergue estátuas e nunca a esquerda explodiu nenhuma destas coisas”.

Pacto histórico

“Os países desenvolvidos devem traduzir sua preocupação com a conservação do meio ambiente através de medidas concretas, tais como a concessão de empréstimos e assistência tecnológica. Em lugar de imposição, esperamos ver a criação de novos fluxos de recursos para projetos de proteção ambiental”.

Esse é um dos principais pontos do documento assinado pelos presidentes dos países amazônicos Alan Garcia (Peru), Rodrigo Ceballos (Equador), Carlos Andrés Pérez (Venezuela), Virgílio Barco (Colômbia), Hugh Desmond Hoyte (Guiana), Ramsewak Shankar (Suriname) e pelo chanceler boliviano, representante do presidente Paz Estensoro, ministro Valentin Abecia Baldivieso, além do presidente José Sarney, que foi o anfitrião do encontro, realizado em Manaus, logo no início de maio.

O documento, denominado *Declaração de Manaus*, deixou bem claro que, se forem mantidas as condições atuais em relação à dívida externa dos países da Região Amazônica, ficará impossível para eles saldarem seus compromissos.

Para o presidente Sarney, é de responsabilidade dos brasileiros preservar a Amazônia e mantê-la íntegra, não aceitar as ingerências que, a título de defender o meio ambiente, desejam exercer interesses subalternos. Os países da bacia amazônica, segundo ele, estão abertos à ajuda financeira das nações desenvolvidas para executar programas de defesa da ecologia, desde que não tenham de abdicar de sua soberania.

Os presidentes anunciaram a criação de um instituto de integração dos países amazônicos, com sede na fronteira Brasil-Guiana-Venezuela, para supervisionar a política que agora os países da região adotaram para explorar aquela área de forma racional. O encontro de Manaus foi o primeiro, a nível presidencial, desde a criação do Pacto Amazônico, em 1978.

Coincidiu com a realização do encontro a divulgação, pelo Instituto de Pesquisas Espaciais-Inpe, em São Paulo, de um relatório no qual seus dirigentes admitiram ter subestimado a devastação da Amazônia em estudo, divulgado dia 6 de abril. De acordo com os no-

vos números, o desmatamento sobe de 251,4 mil quilômetros quadrados para 343,9 mil quilômetros quadrados, cifra 36,8% maior que a apresentada anteriormente. Os 92,5 mil quilômetros quadrados de diferença correspondem ao dobro da área do Estado do Rio de Janeiro. Em termos percentuais, sobe de 5,12% para 9,3% a área devastada da floresta amazônica.

A reunião dos países da região amazônica, realizada em Manaus a 5 de maio, foi um acontecimento diplomático marcante. Estiveram presentes os seguintes chefes de Estado: José Sarney, do Brasil, Alan Garcia, do Peru, Rodrigo Ceballos, do Equador, Carlos Andrés Pérez, da Venezuela, Virgílio Barco, da Colômbia, Hugh Desmond Hoyte, da Guiana, Ramsewak Shankar, de Suriname, e o ministro das relações exteriores da Bolívia, Valentim Abecia Baldivieso, que representou o presidente Paz Estensoro, impossibilitado, pelas eleições, de sair de La Paz.

As decisões da conferência tomaram em consideração os sentimentos dos povos da região, que exigem uma nova política para a Amazônia, que harmonize desenvolvimento econômico com defesa do meio ambiente e submeta cada projeto ao crivo da soberania de cada país. No tema dos discursos e na declaração sobre a reunião essas condições foram não apenas retoricamente citadas, mas enfati-

camente definidas.

Foi, sem dúvida um passo importante na maneira de encarar o problema amazônico. Seria ineficaz encarar a situação da região como um problema de cada país, mas não foi fácil concentrar esforços para uma avaliação comum e o lançamento das bases de uma política que comprometa a todos.

Sempre esteve aí a dificuldade maior. A posição dos EUA nesse tema, como em tudo o que se refere à América Latina, é clara: se pode, veta; e, se não tem condições, pelo menos se opõe à unidade dos Estados interessados, preferindo que cada governo atue isoladamente. Algo parecido com a dívida externa e o intercâmbio comercial.

O expressivo êxito dessa reunião foi o fato de que se realizou e a um nível tão representativo, com um idioma comum e propósitos muito assemelhados.

O Suriname ou o Equador têm muito mais a dizer sobre a preservação da floresta do que o sr. Bush. Se a região avança para alguns princípios comuns, na formulação de uma política para toda a América, com a defesa do meio ambiente, o racional aproveitamento das suas riquezas e o desenvolvimento econômico independente, não há dúvidas de que será mais fácil encontrar recursos financeiros e tecnológicos, que transformem a região num formidável instrumento de progresso para os países que a integram, com a preservação de um dos maiores bens naturais da humanidade.

Por tudo isso, o novo pacto amazônico foi um acontecimento de extraordinária significação histórica.

A opção ferroviária

O último número do boletim da Associação Brasileira da Indústria Ferroviária-Abifer circula com um lembrete em destaque: *Ferrovia bem equipada evita quebra-quebra*. O conselho é inteligente e correto, ao contrário dos que vêm nas frequentes crises de humor dos passageiros ferroviários suburbanos apenas uma explosão de má educação a ser reprimida a golpes de castete.

O transporte ferroviário nas regiões metropolitanas atende hoje a pouco mais de quatro milhões de passageiros/dia, quando já deveria estar transportando pelo menos o dobro. Fatalmente, dentro de quatro anos os passageiros de trens suburbanos serão oito milhões/dia, e não se conhecem planos adequados para dar atendimento à futura demanda. Enquanto isso, a demanda excedente é atendida por um crescentemente louco sistema de ônibus, que já não cabe direito nas ruas e que torna viagens urbanas e intermunicipais de poucos quilômetros exercícios diários de tortura rodoviária. (Veja, a propósito, reportagem sobre a questão do transporte urbano, à página 56).

Enquanto isso, a Alemanha Federal, que tem marco para queimar em gasolina nas rodovias, prefere ampliar suas linhas ferroviárias: no momento, estende sua malha por mais 1.000 km. A Alemanha Federal, que tem território inferior a 4% do Brasil, já possui 27,4 mil km de ferrovias, tanto quanto o nosso país.



Ferrovias deficientes nas metrópoles

Desrespeito à Carta

A Constituição brasileira determina turno de seis horas de trabalho e jornada de 44 horas semanais, mas nem as empresas estatais cumprem isto. As pequenas e médias empresas privadas, que são obrigadas a pagar encargos trabalhistas relativamente elevados, fraudam descaradamente a nova Carta, enquanto as grandes empresas o fazem de maneira mais sofisticada. Mas o desrespeito constitucional, no país, não pára por aí. Os juros, por exemplo, estão fixados em 12% ao ano, o que, aliás, foi objeto de intensa polêmica, quando esta decisão foi votada pelos constituintes. Agora, vê-se que tudo não passou de brincadeira, perto do que se tem cobrado de juros (no início do plano Verão, a taxa chegou a mais de 20%, ao mês!), na ciranda do mercado financeiro, que tomou conta do país.

A Constituição foi desfigurada pelo próprio governo: como ela veio regulamentar também a concessão de rádio e tv, pouco antes de sua promulgação, o poder

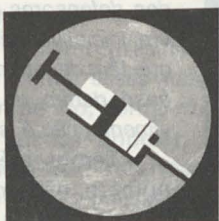
executivo distribuiu quase 400 canais de rádio, sendo 29 de emissoras de televisão. Funcionários públicos têm sido contratados sem concurso e fora renovados incentivos fiscais sem a anuência do Congresso. Os governos estaduais, por sua vez, agora proibidos de veiculação de propaganda com dinheiro público já se adaptaram a esta nova realidade. O governador paulista, Orestes Quéricia, por exemplo, agora tem sua publicidade feita pela Associação São Paulo em Ação, movimento dirigido pelo ex-ministro do Trabalho Murilo Macedo.

Até hoje, o Brasil já teve sete constituições, uma no Império e seis em cem anos de República. Uma mais outras menos, todas elas tiveram pontos importantíssimos, principalmente nos chamados capítulos dos Direitos Sociais, sempre desrespeitados. A questão é política: bem ou mal, a atual Carta Magna do país traz avanços significativos, que não se pode deixar perder como "letras mortas" sobre folhas de papel.



Contra as drogas

Os profissionais da área de saúde mental de São Paulo vão ter um centro de formação e capacitação no tratamento de drogados, para atendimentos assistencial nas comunidades e nos bairros. A luta contra o uso de drogas, tanto das ilícitas (álcool, por exemplo), como das ilícitas (maconha e cocaína), estará centrada em três pontos: prevenção por meio da educação, tratamento hospitalar na desintoxicação e readaptação à sociedade. A questão das drogas, entre os paulistas, já vem sendo tratada em diferentes órgãos estaduais, em esforços isolados, que passarão agora a ser aglutinados no novo centro. Segundo o coordenador do Programa de Saúde Mental de



São Paulo, o psiquiatra Nilson Ferraz Paschoa, toda a experiência acumulada no combate às drogas está dando origem a um documento para ser incluído na próxima Constituição estadual. Outra iniciativa nessa área é o contato sistemático que vem sendo feito junto a empresas para que sejam contratados ex-drogados, como parte do processo de reabilitação.

Os credores do Brasil

O Citicorp, controlador do Citibank, é o maior credor brasileiro privado. O grupo tem 3,3 bilhões de dólares para receber do Brasil. O ex-ministro das Fazendas, por dois governos, durante o regime militar, Mário Henrique Simonsen, um dos responsáveis pelo enorme crescimento da dívida externa brasileira, ocupa hoje uma das diretorias desse banco, tendo assento no board que se reúne duas vezes por meses, em Nova Iorque, para dirigir os investimentos do grupo no mundo inteiro.

Depois do Citicorp, o grande credor do Brasil é o Bank Of America (2,5 bilhões de dólares), seguido do Chase Manhattan (2 bilhões de dólares), Hanover Trust (1,9 bilhões) e o Midland Bank, este da Inglaterra, com 1,7 bilhão de dólares.

O Brasil deve a 261 bancos privados, na sua grande maioria pequenas instituições financeiras de atuação regional, nos seus países de origem. O valor oficial da dívida, em dezembro do ano passado, era de 114,9 bilhões de dólares, segundo a publicação "Brasil Programa Econômico", editado trimestralmente pelo governo, com os números oficiais das contas nacionais. Quanto à composição por moedas da dívida do país, 68% são dólares, 11,2% são ienes e 7,6% correspondem a marco. O restante é de moedas diversas.

Gravidez mata

No Rio de Janeiro, morrem anualmente cerca de 200 mulheres, na faixa entre 20 e 29 anos de idade, em consequência de problemas na gravidez ou na hora do parto. A superintendente de Saúde Pública da secretaria estadual de Saúde, professora Diana de Carvalho, dispõe de estudos que mostram que esse número pode crescer de 30% a 50%, quando consideradas outras causas de morte, que, à primeira vista, não parecem ter ligação com gravidez ou parto. "No atestado de óbito", explica ela, "consta, por exemplo, que uma mulher morreu de parada cardíaca. Isso não diz nada. Quando vamos investigar, descobrimos que foi resultado de problemas de parto".

A mortalidade de parturientes, no Rio, é de 62 em cada 100 mil mulheres que dão à luz. No Brasil, a média é de 150 por 100 mil partos, taxa dez vezes maior do que a registrada na Inglaterra.

Segundo Diana de Carvalho, o número de consultas para acompanhamento pré-natal é bem menor do que deveria ser, revelando, em parte, a falta de assistência existente no setor. Os problemas que aparecem na gravidez são eclâmpsia e toxemia gravídica (hipertensão que se inicia nesse período), que, se não forem controlados, podem matar.

Repúdio a Komeini

Os escritores brasileiros repudiaram publicamente a decisão do aiatolá Komeini de instigar o assassinato do poeta Salman Rushdie. "Não apoiamos ofensas à concepção religiosa das pessoas. Mas, é inaceitável que ainda se incitem adeptos a que matem o autor de um livro, em troca de dinheiro e salvação eterna". Assinaram o documento, entre outros, o jornalista e escritor Clóvis Sena, colaborador de **terceiro mundo**, Fernando Henrique Cardoso, senador paulista, senador Mário Maia, do PDT do Acre, e o reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque.

Até que enfim

O Brasil estabeleceu relações diplomáticas com a República do Vietnã. As negociações foram realizadas em Havana e a delegação brasileira foi chefiada pelo secretário geral do Itamarati, embaixador Paulo de Tarso Flexa de Lima.

A guerra do Vietnã terminou na década passada e, desde então, o país tem um governo internacionalmente reconhecido, estável e representativo.

Naturalmente, deve-se saudar como positivo este ato diplomático, mas lamentar que o reconhecimento ocorra com tanto atraso. A demora deve significar que, até agora, predominaram não as nossas razões, mas as pressões norte-americanas contra a nossa aproximação com o Vietnã.

O programa dos empresários

Dispostos a influir na sucessão presidencial, os empresários reunidos na Convergência Democrática dizem estar ainda atrás de um candidato, que se comprometa com a modernização da sociedade brasileira

Antônio Carlos da Cunha

Ao consagrar nas urnas o próximo presidente da República, a nação brasileira estará legando ao escolhido suas esperanças e a responsabilidade de resolver a extensa gama dos imensos problemas com que se depara o país, nos campos social, na economia, no funcionamento institucional.

Cada grupo tem seus interesses e uma identificação mais ou menos imediata com algum candidato. Mas, a 15 de março do próximo ano, estará assumindo o governo um presidente que necessariamente estará identificado com uma maioria, mas não com a unanimidade. Na administração de um país que se considera na soleira do desenvolvimento, ele terá que adotar as providências adequadas para o empuxe final. Serão reformas profundas? Serão medidas que contemplem detalhes hoje em segundo plano? Seja quem for o eleito, terá de um lado a pressão social, de outro a pressão empresarial, os dois pólos que parecem inconciliáveis no Brasil.

Abaixo, o leitor acompanhará uma entrevista com o empresário Sérgio Quintela, vice-presidente da Convergência Democrática, o grupo político surgido recentemente, com o declarado objetivo de expressar os anseios do alto empresariado, no correr do jogo sucessório e durante o próximo governo.

O que querem estes empresários? Que Brasil projetam? Como esperam ver o próximo governante assumir políticas que considere essenciais para a so-



Quintela: movimento de idéias

tidário, nos termos da Constituição, que não só legaliza, como estimula movimentos de cidadania. A Convergência reúne pessoas de variadas ligações partidárias e posições na sociedade. Temos professores, juristas, médicos, economistas, empresários, etc..

Mas, os empresários defensores da livre iniciativa são os que têm de fato maior peso dentro do movimento, não é isto?

- Temos até um número não muito

grande de empresários. Todos os que subscreveram a Convergência podem ser definidos como empresários nacionais, ligados à liberdade de iniciativa e preocupados com a eliminação dos dualismos social, econômico e político, que vivemos dentro da sociedade brasileira.

O que o Sr. chama de dualismo?

- O Brasil tem hoje uma parcela muito grande da sua população vivendo em condições realmente lamentáveis, sobretudo considerando que somos uma economia já expressiva, estamos

O que é a Convergência Democrática?

- É um movimento político, não par-

entre as 10 principais do mundo. O dualismo social aí está entre uma sociedade moderna, em alguns centros importantes, como São Paulo, Rio, Minas, Sul do país e interior de alguns Estados, e, de outro lado, um contingente enorme de pessoas marginalizadas, com níveis excessivamente baixos de renda e condições deficientes de habitação, saneamento, educação, saúde, alimentação, etc..

Já o dualismo econômico, altamente perigoso, é o Estado brasileiro, absolutamente incapaz de exercer suas funções mais elementares, no campo da saúde, transporte, educação, habitação e até mesmo em termos de segurança pública. Isso, de um lado. Do outro, há o setor empresarial moderno, seja na agricultura, pecuária, indústria, comércio ou serviços.

Quanto a dualismo político, complexo de ser resolvido, foi criado pela Constituição. Temos um regime em que o parlamentarismo não apenas assumiu enorme responsabilidade, quase de co-gestão, juntamente com o executivo, mas em que as fronteiras de autoridade não estão adequadamente definidas. Ou seja, um poder legislativo muito forte, mas que não é um regime parlamentarista. Temos um presidente da República que não dispõe, como deveria, num regime presidencialista, dos instrumentos necessários à condução da coisa pública.

O próximo presidente, portanto, terá de enfrentar esses dualismos com grande empenho, contando com o respaldo não apenas popular, mas, sobretudo, político. São reformas eminentemente estruturais e necessárias para que o país se modernize.

Para o Século XXI

Que tipo de colaboração a Convergência espera levar ao novo governo para que esse objetivo seja atingido?

— Somos um movimento de idéias, sem a pretensão de substituir os partidos políticos, que têm a sua finalidade, organização e o objetivo de alcançar o poder, para que a sua doutrina vingue e o seu programa de governo seja implantado. A Convergência quer mobilizar a sociedade brasileira, para que ela mesma corrija os seus dualismos

e suas distorções de forma não radical. As transformações devem ser feitas sem traumatismos.

O Brasil precisa ingressar na década de 90 e no século 21 como um país moderno. Caso contrário, correremos o risco de entrarmos na mesma rota de deterioração, empobrecimento e atraso que muitos países do Terceiro Mundo vivem hoje, como o Peru, a Colômbia e começa, perigosamente, a ser o caso da Argentina. Há 40 anos, a Argentina era um país próspero e com todas as condições de entrar para o Primeiro Mundo. Tinha renda superior à Itália e pujança econômica que superava a

intervenha de forma a inibir as iniciativas do cidadão.

(N.R.: A propósito dos países chamados tigres asiáticos, veja edição nº 117, p. 51: "Como se faz um tigre").

A Convergência já escolheu o seu candidato a presidente da República?

— Ainda não. Quando formamos o movimento, no final de 1988 e no início deste ano, a nossa meta era primeiro aglutinar as forças de centro, não comprometidas com partidos políticos. A escolha será feita após o conhecimento do programa de governo do candidato.

O que certamente vai pesar nessa escolha é a coerência do programa de governo com o passado do candidato. O nosso apoio, senão decisivo, pelo menos poderá contribuir para que esse candidato amplie sua faixa de penetração no centro democrático brasileiro.

Muitos de vocês que criaram a Convergência são oriundos do Partido da Frente Liberal-PFL. Por que esse afastamento do partido?

— O que ocorre, no PFL, é idêntico ao que acontece em

" Todos os outros partidos (à exceção do PT e PDT) estão fragmentados. Isso porque não souberam captar o que a sociedade deseja, porque se acomodaram no clientelismo e fisiologismo, que são métodos arcaicos de se fazer política. "

Espanha. Hoje, está no 50º lugar, na relação das principais economias do mundo ocidental.

O que seu movimento acredita que deva fazer o próximo governo para tirar o Brasil das dificuldades atuais?

— A Convergência tem o papel de aglutinar pessoas em torno daquilo que entendemos ser idéias modernas e liberais, no sentido do que está ocorrendo na Europa e em países asiáticos. Isso significa, numa palavra simples, liberdade, não apenas política, mas sindical e de empreender, de realizar, de poder conduzir sua vida, sem que o Estado

quase todos os outros partidos. Praticamente, isso não se deu apenas com o PT — por ser um partido fortemente ideológico, de doutrina muito clara, na medida em que todos os seus dirigentes são marxistas — e com o PDT, pela indiscutível liderança e uma chefia incontestável do ex-governador Leonel Brizola. Todos os outros partidos estão fragmentados. Isso porque não souberam captar o que a sociedade deseja, porque se acomodaram no clientelismo e fisiologismo, que são métodos arcaicos de se fazer política. Portanto, são partidos que não respondem aos anseios da sociedade brasileira. É claro

que, dentro desses partidos, há pessoas que são identificadas com o que existe de melhor e de mais moderno na vida pública do país. Mas, os partidos perderam a sua capacidade de formular programas, doutrinas e de serem confiáveis, como instituições partidárias capazes de levar um projeto ao seu fim.

A questão amazônica

As disputas dentro dos partidos são positivas para a democracia, o Sr. não concorda?

— É claro. Na verdade, estamos um pouco desacostumados em relação a disputas dentro dos partidos. Deve-se entender que democracia se faz com a vitória da maioria e o respeito pela maioria. Também é preciso que se respeite a minoria. Se todas as vezes que há uma disputa e quem perde fica zangado e sai, não teremos democracia, que se forma dentro de partidos que tenham coincidência de doutrina. Se não, em vez de partido, é uma frente, porque deixa de ter unidade doutrinária. Aqueles, que acham que expressam melhor a doutrina e a proposta do seu partido, disputam a liderança partidária. Ganhando, assumem a chefia e viram candidatos. Os que perderem deverão tentar ganhar da próxima vez. Se não nos habituarmos a isso, nunca faremos nem partidos fortes, nem uma democracia estável.

Qual a expectativa da Convergência em relação ao segundo turno das eleições deste ano?

— Se possível, não deveremos ter candidato conservador disputando o turno final. É preciso que tenhamos uma disputa eleitoral que leve à presidência da República uma pessoa preocupada em proceder a mudanças, que imponha abertura e alterações no *status quo*. Essas transformações, entretanto, não devem atrelar o país a opções atrasadas.

Estamos vivendo uma polêmica mundial em torno da Amazônia e o meio ambiente. Como o Sr. vê essa questão?

— Com preocupação. É clara a necessidade de defendermos as nossas riquezas e a nossa ecologia. É fundamental

que não destruamos a natureza, não apenas na Amazônia, mas no país inteiro. Entretanto, olhamos um pouco atravessado o súbito interesse internacional pelo problema. Aliás, o termo súbito é impróprio, porque o processo de tentar influenciar o futuro daquela região é antigo. Tem pelo menos 100 anos, que sucessivas levadas de colonizadores buscam moldar a Amazônia. Precisamos ficar atentos. Há interesse por trás disso. A importância da região, com suas riquezas minerais, agrícolas e no fornecimento de energia elétrica, sempre despertou cobiça. Todo cuidado é

sobre o que foi feito com as riquezas florestais ou minerais dos Estados Unidos ou Europa, e nem tinha porquê. O dia em que um país transferir a outro as decisões sobre o seu território, este país perdeu sua soberania e entrou definitivamente na linha das nações colonizadas.

Estancar sangria da dívida

O próximo governo deve ou não pagar a dívida externa?

— As dívidas externa e interna fazem parte de alguns mitos que se vêm criando,

no país. Temos um PIB de 320 bilhões de dólares e uma economia paralela de mais uns 30%. Portanto, estamos falando de PIB em torno de 430 bilhões de dólares. Isso quer dizer que o Brasil deve entre 21 e 22% desse PIB. A Austrália, por exemplo, deve 38%. A Coreia, 40%. A Argentina, 50%. O México, 60%.

Vê-se, assim que a dívida externa não é um peso expressivo sobre a nossa economia, basta que consigamos nos organizar, internamente. É claro que não podemos

**" Se possível,
não deveremos ter
candidato conservador
disputando o turno final.
É preciso que tenhamos
uma disputa eleitoral que leve
à presidência da República
uma pessoa preocupada
em proceder a mudanças,
que imponha abertura
e alterações no "status quo". "**

pouco, para não sermos ingênuos e, a pretexto de defesa ecológica, passarmos a instrumentos úteis e inocentes dos interesses econômicos internacionais. Nossas fronteiras econômicas naturais estão no Centro-Oeste e na Amazônia e ninguém vai impedir o desenvolvimento brasileiro.

O que se deve esperar do próximo governo em relação ao problema?

— Uma postura firme na defesa da ecologia e na ocupação racional da Amazônia. Uma recusa absoluta em relação a qualquer tipo de intervenção externa. Aliás, não demos uma palavra

ficar eternamente sujeitos a flutuações nas taxas de juros, sobre as quais não temos nenhum grau de influência. É importante que o futuro presidente, com o respaldo da maioria absoluta do eleitorado, como a Constituição prevê, enfrente esse problema com muito realismo. É inútil, quase infantil, partir para um confronto, na linha da moratória, que a nada levará, a não ser ao isolamento brasileiro.

De outro lado, é preciso não ceder de forma absoluta aos interesses dos credores. Existe, no mundo, sobretudo nos setores não-financeiros e nas classes políticas, a compreensão de que o pro-

blema da dívida deixou de ser restrito entre credor e devedor. A dívida é uma responsabilidade coletiva e, como tal, deve ser partilhada. Um governo que enfrente com seriedade os problemas internos, que equacione os nossos desregramentos no setor financeiro, vai ter autoridade muito grande para buscar a negociação adequada e soberana. Isso tem que ser feito, particularmente quanto aos juros, que são remetidos para o exterior e que, se limitados no seu fluxo, abrirão espaço para o crescimento econômico que tanto precisamos.

O país tem demonstrado uma vitalidade enorme na geração de superávit comercial, que não pode mais ser utilizado só para o pagamento dos juros. O superávit deve abrir espaços para importações, não só porque assim se viabiliza o combate à inflação, mas porque isto permite que o país venha a se modernizar pela compra de equipamento e tecnologia. O novo presidente, com a autoridade das urnas e das reformas internas, negociará de forma adequada o fluxo de juros compatível com as nossas necessidades de crescimento econômico.

O que fazer com a dívida interna, hoje quase 80% da externa?

— O Reino Unido, o Japão, os Estados Unidos e outros países têm dívidas internas maiores que a do Brasil. O nosso problema é a forma de financiar essa dívida. Enquanto nesses países as dívidas são financiadas a prazos longos, de 18 até 20 anos, a nossa, aqui no Brasil, é financiada por 24 horas, por falta de certeza na economia, porque as instituições públicas e o governo não têm credibilidade, e por causa da inflação.

A rolagem da dívida por 24 horas exerce pressão absolutamente insuportável sobre as contas públicas e a poupança nacional. O novo presidente terá que mudar o perfil da dívida, para um prazo razoável de financiamento. No momento em que voltar a credibilidade nas instituições e no governo, a dívida interna deixa de ser problema.

Mobilizar a terra ociosa

O que a Convergência espera que o novo presidente da República faça na questão da terra? A Convergência acei-

ta a reforma agrária?

— A solução chega ao Brasil com muito atraso. A dualidade social tem origem na abolição da escravatura, que foi feita apenas no papel. Não foi transformada, há 100 anos, em medidas de natureza prática, que fizessem com que os grandes contingentes de escravos passassem a ser proprietários e elementos produtivos.

A reforma agrária, no entanto, não pode se transformar numa bandeira que afete aquelas unidades produtivas, que são responsáveis pelo dinamismo da agricultura brasileira, atualmente. Toda

Nossa expressiva riqueza hidrelétrica estará totalmente consumida em menos de 50 anos, muito no início do próximo século, portanto. Não somos país rico em carvão. Não temos ainda auto-suficiência em petróleo. O nosso caminho natural é a energia térmica nuclear. Devemos continuar os investimentos nesse setor e, se possível, em tecnologia que já esteja sob o nosso controle. Principalmente em São Paulo, nossos cientistas estão muito avançados nesse setor e precisam ser estimulados, evidentemente de acordo com o que a Constituição prevê, ou seja, uso pacífico da energia nuclear.

"Todo cuidado é pouco, para não sermos ingênuos e, a pretexto de defesa ecológica, passarmos a instrumentos úteis e inocentes dos interesses econômicos internacionais. Nossas fronteiras econômicas naturais estão no Centro-Oeste e na Amazônia, e ninguém vai impedir o desenvolvimento brasileiro"

Por que o empresário brasileiro volta tanto as costas para o Terceiro Mundo? Não seria mais lógica uma aproximação mais efetiva, a exemplo do que vem acontecendo com os países desenvolvidos, que estão se fechando em megamercados?

— A economia, sobretudo internacional, não tem mais condição de operar em círculos muito fechados. Não pode mais ficar dentro do próprio país de origem, independente do tamanho do mercado

interno deste país. Aí está o exemplo dos Estados Unidos, que, não obstante o consumo gigantesco, acabou de fazer um mercado comum com o Canadá e deverá integrar aí também o México. Temos o exemplo europeu, que, apesar da pujança das economias da França, Inglaterra, Alemanha, etc., decidiu-se pela integração, porque o mercado comum de 320 milhões de pessoas é muito mais importante do que o mercado de cada país. O Brasil, que é um país em expansão da sua fronteira econômica, não pode fazer alianças exclusivistas. Devemos integrar nossa economia com o que existe de mais moderno.

O Brasil parece caminhar para o domínio do ciclo do átomo. A política nuclear nacional está correta?

— Estamos a caminho do domínio completo do ciclo do átomo e ele não deverá ser abandonado pelo próximo governo. A energia nuclear é uma fonte que não pode ser por nós abandonada.

terceiro mundo — 55

Como anda o trabalhador

Com uma concentração urbana em torno de 75%, o Brasil terá agravadas as condições dos transportes, hoje considerados já inteiramente superados, caros, desconfortáveis e irracionais. Alguma solução à vista?

Bernadete Duarte

Como serão as cidades brasileiras no início do ano 2.000? Daqui a 12 anos, o número de cidades e megalópoles vai aumentar e a população — é natural — crescerá substancialmente. A previsão é de que o número da atual população brasileira (147 milhões) sofra um acréscimo de mais 40 milhões. Dos quase 190 milhões de brasileiros, viverão nas cidades cerca de 140 milhões, que, dentre outras coisas, precisarão de transporte, um dos pontos críticos já agora.

Haverá mudanças nos sistemas de transporte de massa, como trens, ônibus, barcas e metrô? Há pouco mais de uma década para a virada do século — tempo que seria suficiente para reestruturar ou modificar o sistema atual vigente — questões como essas permanecem sem resposta. O que existe de concreto é o sofrimento de pelo menos 55 milhões de brasileiros — o equivalente à população da França — que vivem diariamente a dura realidade de se utilizar de algum tipo de transporte coletivo: a maioria, desconfortável e onerosa.

Estamos às vésperas das eleições presidenciais e esse problema — que afeta significativo número de eleitores, é bom lembrar — deve ser analisado. Afinal, o caos já é denunciado e sentido nas ruas: no quebra-quebra dos trens atrasados, nos quilométricos engarrafamentos e nos ônibus superlotados dos horários de rush.

Para o engenheiro Benito Bruno, especialista em Planejamento Regional e de Transportes, essa situação é resultado da incompetência e inépcia dos governantes e do predomínio do poder econômico e da intenção única dos donos das empresas de ônibus particulares de obter lucro. Ele acha que a carga



O desequilíbrio entre as modalidades de transporte penaliza o deslocamento do trabalhador

horária dos trabalhadores deve ser registrada desde a saída até a chegada ao lar, de volta do trabalho e acrescenta: "As organizações sindicais deveriam pleitear isso. É um ônus pesado e vale destacar, provocado pela impossibilidade dos trabalhadores morarem próximo ao trabalho, em face dos baixos salários que lhes são pagos".

Segundo o engenheiro, é competência e obrigação do Estado operar o transporte de massa, o que ocorre em vários países europeus, como Suíça, França e Inglaterra. Criador de um projeto polêmico, Benito Bruno acredita que a solução está, em parte, no transporte gratuito e revela, nesta matéria, alguns itens de seu projeto até agora inédito. Se o programa for colocado em prática, beneficiaria todos os usuários de transporte coletivo.

Predomínio rodoviário

O sistema rodoviário predomina no Brasil, uma das distorções frequentemente apontadas, tanto no caso da movimentação de cargas, quanto no deslo-

camento das grandes massas de trabalhadores. Prevê-se, contudo, que o caminhão, de um lado, e o ônibus, de outro, continuarão ampliando seu predomínio, com todos os problemas que isso acarreta. Assim, o grande desafio do setor é realizar mudanças na atual distribuição modal.

A redução do crescimento econômico do país — afetado pela crise de combustíveis, a partir de 1977 — prejudicou o transporte de passageiros, tanto quanto o de carga. Suas taxas de crescimento foram bastante reduzidas, todavia a estrutura de atendimento à demanda de transporte continuou com predominância do rodoviário.

A rede rodoviária pavimentada no Brasil corresponde hoje a pouco mais de 120.000 km, isto é, apenas 7,0% do total. Um índice de extensão (km) por área territorial (km²) considerado ainda muito baixo (0,014km/km²), se comparado ao de outros países: o índice do México é duas vezes maior; o da Nigéria, três; o da Austrália, sete e o dos Estados Unidos, cinquenta vezes maior. Quais os efeitos da falta de manutenção nas

TRANSPORTES

estradas? Quando seu estado cai de bom para mau, o consumo de combustível aumenta 58%, o custo operacional dos veículos sofre um acréscimo de até 38%, o índice de acidentes é elevado em 50%, e o tempo de viagem pode ser ampliado em mais de 100%.

Quem depende de ônibus para ir ao trabalho, vive diariamente um pesadelo: filas enormes, estradas esburacadas, engarrafamentos, mudanças nos itinerários e, principalmente, o desconforto dos veículos. Os passageiros do Rio de Janeiro - mais de sete milhões - são transportados como animais, na avaliação dos técnicos, e isto se deve à deficiência no controle exercido pelo Estado e pelas prefeituras sobre o serviço prestado pelas empresas privadas de transporte e pela má qualidade dos veículos. Esse quadro pode ser observado em grande parte das cidades brasileiras. A maioria dos ônibus em circulação exibe atraso tecnológico de 30 anos. Observe o quadro adiante e compare.

A instabilidade do ônibus nas curvas - devido ao chassi alto, que eleva o centro de gravidade - causa tensão em muitos passageiros. Os mais nervosos interrompem a viagem, com medo, quando os motoristas trafegam em velocidade alta. Para analisar a situação, basta cumprir um percurso pequeno: a sensação é animalésca, de fera enjaulada. Dentro do veículo, a certeza de chegar ao fim da linha inexistente. Aliados ao mau humor e à irresponsabilidade de muitos motoristas, a força centrífuga e até um impacto lateral na carroceria podem tomar o ônibus antes do ponto final.

Desde 1985, a frota de ônibus de uma cidade como o Rio de Janeiro não aumenta, mantendo-se em 5,8 mil veículos (distribuídos em 600 linhas, pertencentes a 106 empresas), mas a demanda aumenta ano a ano e hoje aquela frota, já precária para quatro anos atrás, transporta diariamente cerca de sete milhões de pessoas.

A Avenida Brasil, principal via de acesso dos subúrbios e das cidades periféricas para o centro carioca, recebe hoje - nos seus 58 km de extensão - um dos maiores volumes de tráfego de rodovia no mundo: 240 mil veículos por dia.

Investir nas linhas do metrô é a solução? Para o arquiteto e urbanista Carlos

Nelson, do Instituto Brasileiro de Administração Municipal-Ibam, e o engenheiro Benito Bruno, do Clube de Engenharia, metrô é fantasia.

Segundo eles, trata-se de uma opção de transporte de massa cara demais para um país subdesenvolvido (70 milhões de dólares/km), que não atende aos vários desejos de deslocamento da população. Ambos deploram a ampliação das linhas do metrô do Rio em direção a Copacabana. O projeto, orçado em 1 bilhão de dólares - obras já iniciadas e conclusão prevista para 1991 - pretende ligar a Zona Sul da cidade à Pavuna, bairro localizado no limite do Rio com a Baixada Fluminense.

Benito Bruno observa que "o metrô no Brasil só beneficia as classes privilegiadas e é bastante discriminatório. Repare que só há ar condicionado nas composições que atendem a Linha 1, da Zona Sul. As composições que circulam na Linha 2, que servem à zona suburbana, não têm ar condicionado e são desconfortáveis".

Ele também condena a implantação do trem-bala no Brasil. "Não, nada de trem-bala. O país não dispõe de recursos financeiros para implantar um projeto como esse. O importante nessa fase de crise é recuperar e ampliar o número de vagões de passageiros suburbanos, melhorar a administração, dar mais segurança e oferecer conforto, como ar

condicionado nos vagões. Não é luxo, é necessidade. As pessoas que utilizam os trens da Central do Brasil são as mesmas que usam o metrô da zona sul. Naqueles, agem como selvagens; nestes, com urbanidade. Diferenças de educação? Não! De tratamentos", observa.

O sistema ferroviário

A malha ferroviária suburbana brasileira tem 785km de extensão e abrange as maiores regiões metropolitanas do país - com destaque para São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. As linhas participam com 9% do transporte urbano: 2.360.000 usuários.

Só na Grande São Paulo, atualmente com 15 milhões de habitantes, - no ano 2000 será a segunda maior metrópole do mundo - são feitas 40 viagens diárias, correspondentes ao transporte de mais de 800 mil passageiros por dia, número equivalente ao do Rio de Janeiro.

O atendimento aos usuários das ferrovias é tão precário, que dezenas de composições são destruídas e incendiadas pelos passageiros, todos os anos, devido aos atrasos. A Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), criada em 1984 e vinculada ao Ministério dos Transportes, está empenhada em aumentar e modernizar os sistemas de trens de subúrbio de São Paulo e Rio de

QUALIDADE DO TRANSPORTE

O transporte brasileiro não procura oferecer ao usuário um mínimo de conforto e evita incorporar avanços já antigos em outros centros. Compare os modelos básicos de ônibus em circulação nas metrópoles brasileiras e em Nova Iorque:

Cidades Brasileiras

- ônibus com chassi de caminhão e carroceria de chapas de aço
- motor com capacidade para 15 toneladas, mas somente cinco são transportadas, no máximo, o que o torna desconfortável
- degraus acima de 40 cm do solo
- centro de gravidade alto, o que provoca instabilidade nas curvas
- motor localizado na frente, perto da cadeira do motorista, causando fadiga e esgotamento nervoso

Nova Iorque

- estrutura da carroceria é apropriada, de duralumínio
- potência do motor condizente com o peso máximo transportado
- degraus baixos, a 20 cm do solo
- Centro de gravidade baixo
- Motor localizado na traseira do veículo, melhorando desempenho e reduzindo ruídos



Desconforto e perigo, o dia a dia

Janeiro, para permitir a duplicação de sua capacidade atual, bem como a ampliação dos novos sistemas de Recife, Belo Horizonte

e Porto Alegre. A CBTU elaborou um programa de obras de dois bilhões de dólares.

“O país precisa, urgentemente, investir em material rodante: peças, vagões, etc.. Sabe qual é a origem dos quebra-quebras? Desespero. As pessoas perdem um terço de seus dias nas estações, esperando trens que circulam com atraso ou não aparecem. O passageiro não é gado, mas é tratado como se o fosse. A indisciplina e a violência nascem da impaciência e do cansaço. O problema já começa na fila dos guichês, que não controlam o acesso das pessoas às plataformas de embarque, daí a

superlotação. Nessa batalha diária para se chegar ao trabalho, os desgastes físicos e psíquicos são grandes. Acho que as lideranças sindicais devem lutar para a jornada de trabalho ser contada a partir da saída do trabalhador de casa”, reafirma o engenheiro Benito Bruno.

Um projeto

Ele chama a atenção para um projeto que idealizou e que ainda espera ver um dia aplicado no país. Trata-se, em resumo, de um sistema gratuito de atendimento aos usuários de transporte coletivo. Em que consiste esse projeto?

“Você sabe - diz o engenheiro - como as empresas de ônibus foram criadas? Nasceram do interesse selvagem pelo lucro. O resultado é o lucro elevado que elas obtêm hoje com o sacrifício de milhões de pessoas, que utilizam esse meio de transporte. Quase todos os proprietários dessas empresas nem as gerenciam. Só “administram” o lucro em passeios pela Europa ou em seus iates. Só retornam para pressionar o



A PREVIDÊNCIA MUDA



Um peso no salário

O transporte coletivo no Brasil surgiu em 1838, com a fundação da *Companhia de Ômnibus*, no Rio de Janeiro. Na ocasião foram importados quatro carros de dois andares puxados por cavalos. O preço da tarifa, 200 réis, era altíssimo na época. Hoje a situação não mudou muito.

Segundo o economista Márcio Lassance, o problema está no salário: 65% dos trabalhadores gastam, em média, 30% do que ganham em transporte. Em Nova Iorque, por exemplo, uma passagem de ônibus custa 75 centavos de dólar, enquanto o salário mínimo gira em torno de 600 dólares. Este salário mínimo norte-americano paga o equivalente a 800 passagens, enquanto o mínimo brasileiro mal paga 400 passagens da tarifa mais barata do Rio de Janeiro (20 centavos).

O custo do transporte coletivo é o principal ponto de discórdia entre prefeituras e empresas de ônibus. Os prefeitos, geralmente, queixam-se de que seus cálculos nunca coincidem com os números apresentados pelos empresários.

governo - em conluio com as multinacionais montadoras de veículos - visando a aumentar as tarifas".

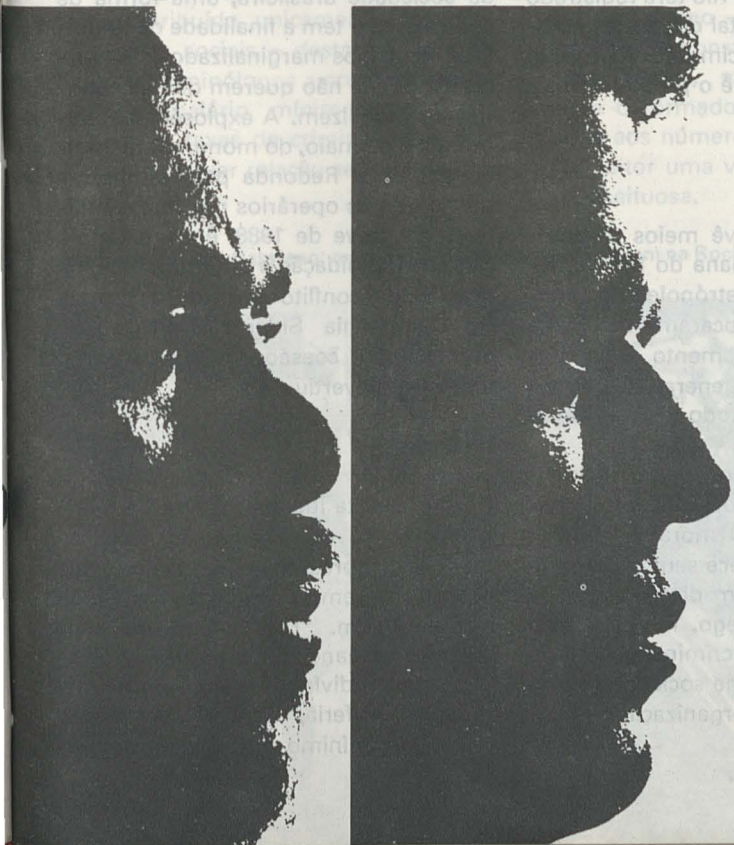
atual Imposto sobre Circulação de Mercadoria (ICM). Aos proprietários de carros particulares seriam cobradas sobretaxas de combustível (o dobro ou mais), para limitar o uso do transporte individual.

Com os ônibus gratuitos e valor alto dos combustíveis, as pessoas optariam por andar de ônibus. Todos seriam beneficiados, o transporte coletivo seria melhorado e diminuiria o fluxo de automóveis nas ruas.

Quanto aos táxis, os motoristas formariam cooperativas financiadas pelo Estado e só circulariam os carros com quatro portas, rádio e ar condicionado. Os carros pertencentes às cooperativas seriam abastecidos, sem a sobretaxa de combustível cobrada aos donos de carros e empresas de táxis particulares.

Benito Bruno diz que a implantação de um sistema como esse, no Brasil, depende apenas de uma determinação do governo. "A crise no atual sistema de transporte de massa, que só gera insatisfação, precisa acabar. Em toda a Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, o Estado é quem subsidia o transporte coletivo. Por que não daria certo aqui?"

OU. PAGUE PRA VER.



A nova Constituição inaugurou um novo tempo para a Previdência. Um tempo de justiça social e de distribuição da renda onde a palavra-chave é igualdade para todos os brasileiros.

É esta dívida social que a Previdência está resgatando agora, ampliando seus benefícios, modernizando o atendimento e facilitando a vida dos segurados.

Hoje, os valores das aposentadorias e pensões, que estavam defasados pela inflação, foram corrigidos: equivalem agora ao mesmo número de salários-mínimos da época em que foram concedidos.

O atendimento também mudou. Cada pensionista recebe seu benefício sem filas, na agência bancária mais próxima de casa. E ainda uma grande novidade: agora a Previdência é um direito de todos os brasileiros.

Mas para que essas mudanças aconteçam, é preciso que todos paguem a contribuição previdenciária.

Só assim a Previdência vai ter recursos para saldar sua dívida com a comunidade, levando o bem-estar a todos, sem exceção. Faça a sua parte.

Pague à Previdência.

PREVIDÊNCIA



MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA
E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

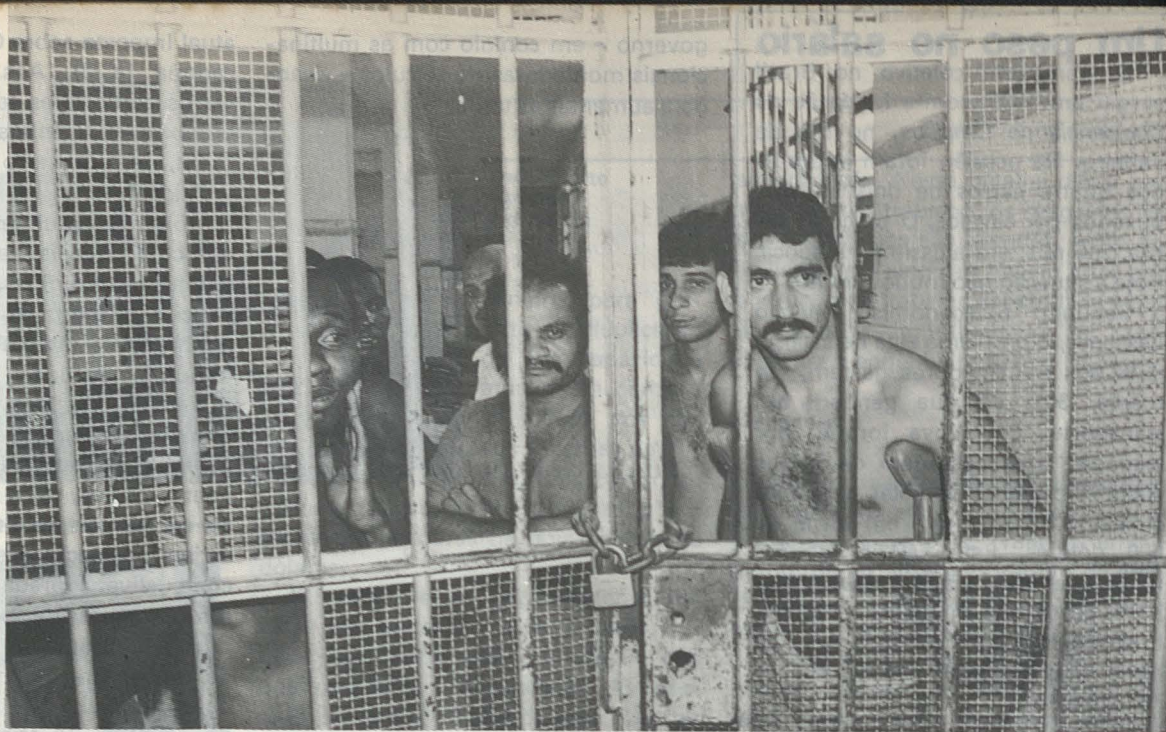
IAPAS

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA
PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

GOVERNO FEDERAL
TUDO PELO SOCIAL

VIOLÊNCIA

A criminalidade expressa carências sociais e expõe as insuficiências do modelo econômico, que não incorpora a maioria da população



A desorganização social

O surto de crimes no Rio de Janeiro ganhou as manchetes da imprensa nacional e merece análises até no exterior, renovando a perplexidade de uma sociedade que não consegue descobrir e praticar solução adequada

Paulo Marinho

“ A organização da sociedade brasileira tem, no desrespeito à vida humana, uma de suas normas mais cruéis. O pressuposto de nossas cidades é a negação da cidadania a um grande contingente de indivíduos explorados e que vivem na miséria das periferias. A prática dos grupos de extermínio, que florescem nos grandes centros, vem de encontro ao discurso meramente repressor da direita”. É assim que o ex-secretário de Polícia Civil do Rio de Janeiro, Nilo Batista, define a gênese da onda de violência que, só no último mês de abril, produziu cerca de 600 homicídios no Grande Rio.

Ocupante do mais alto cargo da hierarquia policial no governo Leonel Brizola (83/87), que antecedeu à atual administração Moreira Franco, o criminalista Nilo Batista não se surpreende com o volume das mortes, diariamente noticiadas pelos jornais cariocas: “Se pegarmos a média diária de assassinatos verificados em abril último e a multipli-

carmos até o final de 1989, vamos acabar constatando que o total bate com os números dos anos anteriores e, no final das contas, o Grande Rio terá registrado em dezembro um total de mortes compatíveis com o crescimento vegetativo da população”. Ele vê o problema mais além.

Controle

Nilo Batista não vê meios de comparar a violência urbana do Rio de Janeiro com outras metrópoles do mundo, já que estas colocaram em prática estratégias de planejamento e diminuíram a criminalidade generalizada que, a princípio, envolve todo processo de concentração urbana.

“Cada cidade – afirma – tem incidências maiores ou menores e suas especificidades próprias. O morador da pior rua do Harlem conhece seus direitos, já esteve empregado um dia e dispõe de um salário-desemprego. Por isso, não há como comparar a criminalidade de lá com a verificada numa sociedade como a nossa, onde a desorganização é mantida à força”.

O ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-Seccional Rio de Janeiro vê, na desorganização proposital da sociedade brasileira, uma forma de controle, que tem a finalidade de imobilizar os grupos marginalizados: “As forças da direita não querem que as maiores se mobilizem. A explosão, no último dia 2 de maio, do monumento erigido em Volta Redonda para lembrar a morte de três operários por forças militares na greve de 1988, é um exemplo claro de intimidação a um grupo que, na ocasião do conflito ocorrido às portas da Companhia Siderúrgica Nacional, demonstrava coesão em torno de um objetivo”, advertiu.

Interesses

Nilo Batista identifica entre os mantenedores da desorganização social os grandes empresários, banqueiros, industriais e demais segmentos que dela se beneficiam. “Eles acumulam suas fortunas pagando remunerações aviltantes aos indivíduos que vivem na miséria da periferia, trabalham na cidade por salário mínimo e podem ser demiti-

dos, a qualquer momento, por um patrão imune a todo tipo de violência e quase sempre protegido pela legislação", descreve ele o tipo de relação predominante.

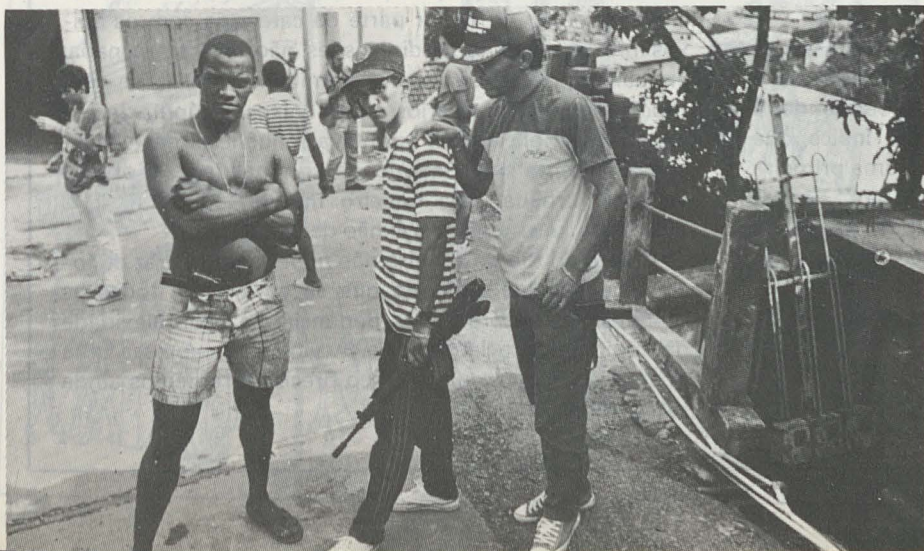
Como, em nosso país, "a existência vale pouco, mesmo quando se calcula o seguro pela perda de uma vida humana", matar se insere no rol das práticas comerciais, e os grupos de extermínio florescem e refletem bem a desproteção que envolve a maior parte da sociedade brasileira. "Esses esquadrões-da-morte - diz - matam por dinheiro, agem na clandestinidade e, até hoje, não se tem notícia de quantos assassinos foram presos, nem se trouxe à tona os nomes dos mandantes ou maiores interessados nas chacinas".

Estatísticas

Assim como o discurso da direita sustenta o simplismo da repressão para conter a criminalidade, a esquerda, segundo Nilo Batista, adota certas simplificações ingênuas, e que dão margem à elaboração de argumentos consequentes por parte das forças conservadoras.

"A suposição de que o crime pode ser atribuído unicamente aos problemas sociais - destaca - leva alguns criminólogos a cruzarem dados sobre salário mínimo/desemprego com as taxas de criminalidade, sem que qualquer relação seja estabelecida".

Buzunga, Naldo, Cássiano: mortos, o tráfico que comandavam na Rocinha continua forte

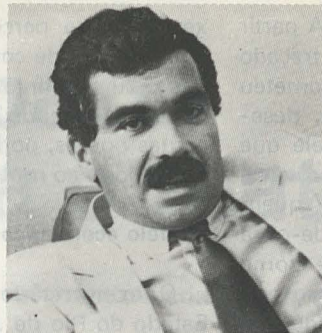


As estatísticas, aliás, são colocadas como o primeiro problema a ser enfrentado por aqueles, que se dedicam a estudar o que leva um indivíduo a cometer transgressões, que vão desde o delito contra a propriedade alheia até o homicídio. Na opinião do ex-secretário de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, estas pesquisas às vezes recebem leituras tendenciosas, que distorcem a realidade e dificultam a compreensão do problema.

Nilo Batista cita como exemplo o I Censo da População Carcerária do Rio de Janeiro, encomendado pelas Secretarias de Justiça e Planejamento do Estado, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE e divulgado na edição do Jornal do Brasil de 29 de abril último.

Distorções

O trabalho - assinala - é importante e demonstra a preocupação das autoridades, mas a interpretação, que o formador de opinião pública deu aos números, contribui para dar ao leitor uma visão distorcida e preconceituosa.



Nilo: desorganização planejada

Entre as principais conclusões da matéria, o desemprego não pode ser considerado como um convite ao crime, já que 61% dos 8.672 presos do Estado tinham trabalho regular quando foram encarcerados. "O texto - crítica Batista - não leva em conta que poucasíssimas pessoas, quando detidas e levadas a julgamento, têm a coragem de admitir que não tinham ocupação ou jamais trabalharam em suas vidas".

Além disso, a leitura da estatística não menciona que "todas as ocupações listadas se caracterizam pela instabilidade e alta rotatividade". Não bastasse a inclusão como a de vendedores, feirantes, ambulantes, mecânicos, lanterneiros, serventes, contínuos, empregados domésticos e auxiliares de escritório entre as atividades do chamado trabalho regular, a pesquisa lista "Trabalhadores na Agropecuária", que podem ser os bóias-frias, e "Trabalhadores Braçais sem Especificação", que podem ter sido contratados para agredir os inimigos dos contratantes, ironizou.

Mas, é o primeiro tópico da tabela "Ocupações mais frequentes antes da prisão" que contém a mais forte contradição da análise desenvolvida por um dos jornais mais lidos do país. Ali, a ocupação "Pedreiros, serventes de pedreiro, pintores e caiadores" aparece como a mais frequente entre aqueles que ingressaram no crime: "Não é de estranhar que estas atividades estejam todas ligadas à indústria da construção civil, um daqueles setores empresariais que enriquecem com o trabalho temporário dos operários e se auto-elogiam como o segmento produtivo que ocupa mão-de-obra não-especializada e procedente das camadas mais sacrificadas da sociedade".

Responsabilidade

O criminalista classifica de mecanicistas interpretações como esta, que "encerram o crime num sujeito diferente - o *paralva* da obra - e reduz a ocorrência ao que se passou na cabeça

do indivíduo na hora da ação. A partir da publicação do trabalho, está traçado o perfil não só daquele que já cometeu um crime mas, principalmente, desenhou-se o retrato-falado daquele que virá a ser o principal suspeito e provável culpado do próximo delito. Como quem enriqueceu às custas da mão-de-obra barata nem de longe tem seu nome aventado, na análise do processo que envolveu o ingresso deste indivíduo na marginalidade, as estatísticas acabam sendo utilizadas para escamotear a evasão de responsabilidade da sociedade", observa.

Nilo Batista identifica, na manipulação destas pesquisas, um poderoso instrumento de dominação utilizado pelas elites e demonstra como os números coletados, lidos de maneira diversa, podem perceber outra realidade.

"Para fundamentar o argumento, segundo o qual a ignorância não é causa da criminalidade, a matéria aponta que 20,7% dos reclusos chegaram ao ginásio sem completá-lo - raciocina o criminalista. Posso dizer, então, que 80% dos presos não têm o curso ginásial e en-

xergar neste percentual uma carência fatal". Afinal de contas, afirma, ter apenas o curso primário e ver mulher nua na tevê, vendendo produtos inacessíveis a suas posses, pode muito bem induzir o indivíduo ao roubo ou ao estupro.

Modelo econômico

O ex-secretário de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro entende que, enquanto o modelo econômico vigente não for modificado, nossas cidades vão conviver com índices alarmantes de assaltos, roubos, estupros, homicídios e toda sorte de delitos. Apesar de reconhecer que a polícia do Rio de Janeiro está matando no exercício de sua função, Nilo Batista não vê a propalada relação entre a insatisfação da corporação, que também luta por melhores salários, e o aumento das mortes nas ruas da cidade.

"Nos dois dias da greve policial, os assassinatos diminuíram e é sempre bom lembrar que o trânsito é o maior responsável pelas mortes violentas nas cidades brasileiras - um terço - seguido

de muito perto pelos grupos de extermínio, com a polícia ocupando um honroso terceiro lugar". (Veja, a propósito, **terceiro mundo**, ed. nº 115, p.50: "Trânsito e desordem pública").

O criminalista entende ainda, que, quem construiu uma região metropolitana onde 600 pessoas são assassinadas por mês, falhou em seu intento e tem a maior parcela de responsabilidade por essas mortes.

Para Nilo Batista, uma instituição policial e um poder judiciário mais democratizados poderão contribuir, fundamentalmente, no tão aguardado processo de reconstrução da sociedade brasileira. Ele lembra que a criminalidade deve ser tratada à luz de conceitos, que levem em conta bem mais do que a simples repressão. Cita, a propósito, o criminalista holandês Louk Hulsman, para quem o sistema penal deve ser abolido, pois faz mais mal do que bem.

E arremata: "A pena é muito pouco para se tratar a questão do crime. Se ela ou sua simples ameaça fossem suficientes, não estaríamos convivendo com estes índices".

Rio, números de guerra

Um ano e meio após o prazo de seis meses, em que a nova administração fluminense prometera ao eleitorado acabar com a violência no Grande Rio, não se discutia outro assunto: a criminalidade carioca atingia, neste início de 1989, marcas inatingidas até então, num quadro social de grande inquietação, a que não faltou sequer a primeira greve da história da polícia civil do Estado, entre a última semana de abril e a primeira de maio.

A escalada da violência começou no primeiro final de semana de abril (72 mortes em 72 horas) e alcançou o índice de 528 assassinatos no mês, estabelecendo a média de 17,6 crimes de morte por dia, índice que se manteve na primeira semana de maio. Numa primeira reação, lojas de armas fizeram "promoções", esgotando estoques de revólveres de vários tipos. As diárias indagações da imprensa sobre a explosão da violência tornaram a criminalidade do Grande Rio um tema de debate nacional. E deste participou o próprio presidente da República.

Em seu programa radiofônico "Conversa ao Pé do Rádio", de 21 de abril, o presidente José Sarney registrou

seu espanto ante os índices acontecidos no Rio de Janeiro: "Não é possível que se mate mais no Rio de Janeiro do que na guerra civil, lamentável, cruel e injusta, do Líbano", disse Sarney, traçando um paralelo com a guerra civil libanesa, onde nem bombardeios diários conseguem produzir tantas vítimas.

No interior da própria polícia, às voltas com o descontentamento da maior parte da categoria com os baixos níveis salariais, as discussões não levaram a nada: enquanto policiais em greve admitiam práticas de corrupção devido aos salários muito baixos, a cúpula da Secretaria de Polícia Civil apontava influências deste descontentamento no aumento da criminalidade. (Sobre a violência urbana, veja **terceiro mundo**, edição nº 112, "Violência, uma guerra civil não declarada").

O caso do Rio de Janeiro não pode, porém, tirar de foco a questão da violência que se agrava em todas as grandes cidades brasileiras, denunciando a complexidade da conjuntura social do país. A violência expressa uma doença social, cujo diagnóstico preciso e remédios ainda estão por acontecer.

O trabalho que enfeita o teatro

A arte da cenografia procura desenvolver-se, recorrendo à criatividade e às experiências

Nereida Daudt

O diretor do Centro de Cenotécnica Pernambuco de Oliveira, Luiz Carlos Mendes Ripper, cenógrafo há 25 anos, tem uma sábia esperança: conhecer e cultivar nesse setor do Ministério da Cultura, as técnicas e criações que colaboram para fazer do teatro, como recitou Brecht, "a casa de produção de sonhos".

O aparecer, sem aparecer, a habilidade manual que visa a mexer com nossas emoções, tem no centro técnico dirigido por Ripper, "a iniciativa Ímpar", como ele mesmo qualifica, de organizar as substâncias do conhecimento cenotécnico.

Apesar de sua importância, o sobrado da rua do Lavradio número 54, no centro do Rio de Janeiro, num primeiro olhar, parece uma simples fábrica de móveis, com mesas de marcenaria, serras, tornos, plainas e homens rudes trabalhando.

Mas, já ao passar a soleira se observa, na oficina, que os mecânicos, marceneiros e ajudantes constroem além de móveis, engenhosas peças cênicas. Ao fundo, subindo por uma escada de ferro, vamos encontrar mais dois andares, com outra oficina, a administração, uma sala de estudos e o escritório do mestre Ripper.

O Centro tem ainda biblioteca, glossário, central de dados, cadastros de materiais e de profissionais, maquetes e mostruários. "Somos como um meta-sindicato", sintetiza Ripper. Tudo funciona com uma equipe de 16 pessoas: cenógrafos, arquitetos, cenotécnicos, programador visual, educadoras e funcionária administrativa. O pessoal busca, tanto em nível interno como externo, descobrir caminhos para que o ofício da cenotécnica possa conectar suas tradições teatrais com o potencial cênico brasileiro. Mas, "o difícil é centralizar", desabafa o mais premiado cenógrafo brasileiro.

"A cenotécnica", diz ele, "não se es-

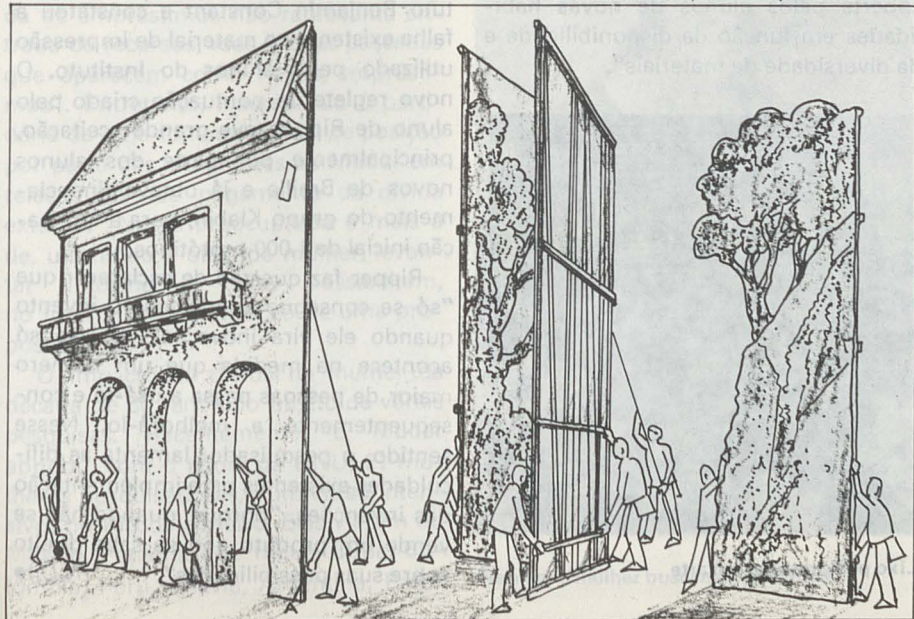
tuda em nenhuma universidade, ela é a cozinha da cenografia, intermediária entre esta e a arquitetura cênica". Para Ripper, a consistência material da cenografia é a cenotécnica e, a finalidade última desta é a cenografia. Por esse motivo ela foi priorizada no centro. "Pode haver medicina sem enfermagem?", reforça o mestre.

O local funciona como uma espécie de mini-universidade, "econômica e alternativa", com ateliês de madeira, metal, pano, cor, luz, maquete, moldes e formas. Entretanto, "somos o menor setor da Fundacen, com a menor verba do Ministério da Cultura", resente-se o diretor.

De acordo com ele, a troca de informações, o intercâmbio de conhecimento pode evitar graves erros. Ele exemplifica colocando sobre a mesa um folheto, com o projeto de seis centros culturais que o governo da Bahia construiu pelo interior do estado, onde os palcos são triangulares, tirando toda a profundidade do espaço cênico.

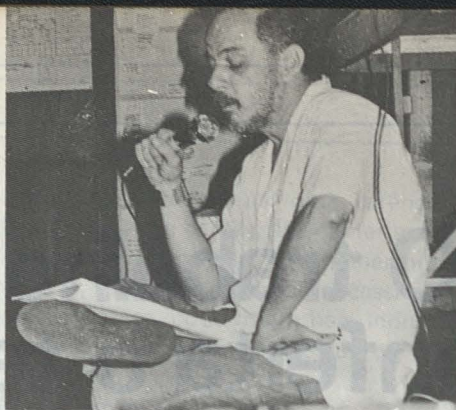
O crítico de artes, Walmyr Ayala, no mesmo dia desta entrevista, procurava no centro técnico as informações necessárias para a construção de um teatro em Maricá, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Na ocasião, Ayala falou que seria a primeira casa de espetáculos daquele município e fez questão de reverenciar o diretor do centro técnico, dizendo que a preocupação em não cometer falhas é que o teria levado até ali, para buscar orientação profissional.

Em novembro de 87, o centro realizou o I Encontro Nacional de arquitetos teatrais, cenógrafos e cenotécnicos que reuniu durante três semanas 50 profissionais. "Fato inédito", observa Ripper, "porque essas categorias sempre



trabalharam juntas, sem nunca formalizarem um encontro”.

Esse acontecimento contou com a presença do italiano Giuseppe Pastore, arquiteto cênico, cenógrafo e artista plástico. Na ocasião, ele enfatizou a necessidade do aproveitamento da tecnologia na difusão do saber cênico. “O importante”, disse Pastore, “é utilizar esses meios com a consciência de que o



Luiz Carlos Mendes Ripper

saber só pode ser coletivo, só pode ser uma substância de intercâmbio, para que se torne realmente saber”.

Essa linha de pensamento marcou o I Encontro. E, a partir daí, estabeleceu-se no centro a seguinte meta social: “É uma espécie de falência minha, estenão-saber-passar-adiante o que deveras sei, pois tudo o que sei é pouco, se o outro não vem a saber”.

Artes na Universidade

A criação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, acontece de forma inusitada, no departamento de desenho industrial. Em contatos com a comunidade e utilizando materiais diversos, os alunos de arte realizam experiências práticas e úteis à sociedade

Não existe lixo, existem coisas em lugares errados”. A frase é do ecologista José Lutzemberger, mas o professor e pesquisador de projetos de graduação do departamento de arte da PUC, José Carlos Ripper, é quem a cita para justificar o aproveitamento da sucata em seus protótipos.

“O aproveitamento do lixo”, explica o pesquisador, “requer conhecimento”. Para exemplificar, aponta o pedaço de cano de PVC, reaproveitado como uma espécie de esqui de areia, que só pôde ser utilizado naquele formato porque ele sabia como arredondar o material, através de termo-moldagem. “É tudo uma questão de reconhecimento”, acrescenta, “às vezes a pessoa está morrendo e tem ao seu lado a salvação”.

Nesse sentido, o lixo do campus universitário tem ressuscitado muitos produtos para o Laboratório, Oficina de Treinamento e Desenvolvimento de Protótipos, LOTDP, que funciona por enquanto no terceiro andar, do prédio Cardeal Leme, mas que, ainda neste ano, deverá se instalar em terreno da universidade, junto ao estacionamento.

A nova instalação de treliça espacial – uma concepção arquitetônica sui generis –, com 450 metros quadrados, mais de 1000 tubos de aço galvanizados e telhado de barro (telha francesa) teve financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos-Finep e é, segundo o

professor Ripper, “um exemplo total de colaboração entre diferentes departamentos da PUC”. Os cálculos da estrutura espacial tiveram orientação do departamento de engenharia civil e só foram possíveis, de acordo com o professor, “através da computação”.

Entusiasmado com o futuro espaço do laboratório de protótipos, Ripper diz que a atual oficina instalada numa sala abarrotada de materiais vai se transferir nos mesmos moldes, isto é, com todo o material à mostra. Com isso, segundo o professor, “se propicia um território rico em oportunidades referenciais (ferro, barro, madeira, gesso, metal, infláveis, sintéticos) possibilitando também a descoberta pelos alunos de novas habilidades em função da disponibilidade e da diversidade de materiais”.



Lixo pode resultar em arte

Entre as invenções realizadas pelo LOTDP, Ripper cita algumas voltadas para deficientes, como o aparelho transdutor mais leve para surdos, o reglete – instrumento do braille – com transcrição direta, o deslizador anfibio para transportar especialmente paraplégicos pela areia, com possibilidade de flutuação na água, e uma boca de espuma para fonoaudiologia que facilita o aprendizado dos sons, pela articulação.

O processo utilizado para a criação desses produtos foi a convivência direta com a comunidade. “É necessário”, esclarece o professor, “uma falha que possibilite o surgimento de uma idéia para melhorar a vida das pessoas que utilizam determinado produto”. Foi assim que o novo reglete para cegos surgiu, um de nossos colaboradores passou a conviver com os cegos do Instituto Benjamin Constant e constatou a falha existente no material de impressão utilizado pelos alunos do Instituto. O novo reglete de pontuação criado pelo aluno de Ripper teve grande aceitação, principalmente por parte dos alunos novos de Braille e já obteve financiamento do grupo Klabin, para a fabricação inicial de 1.000 protótipos.

Ripper faz questão de esclarecer que “só se consegue aperfeiçoar o invento quando ele vira inovação”. E isso só acontece na medida que um número maior de pessoas passa a usá-lo e consequentemente a melhorá-lo. Nesse sentido, o pesquisador lamenta as dificuldades existentes para implementação das invenções, “porque, quando não se vende um produto não se sabe direito sobre suas possibilidades”. (N.D.)•

A mulher na crise do Terceiro Mundo

Mulheres pesquisam a situação feminina nas condições concretas de seus países afetados pelas dificuldades econômicas

As mulheres constituem a faixa mais pobre e mais numerosa de desempregados e analfabetos, além de serem as maiores vítimas das secas e da fome nos países do Terceiro Mundo. A informação está escrita em publicação do grupo Mudar, criado em 1984, em Bangalore, na Índia, e que promove pesquisas e estudos na busca de "alternativas para uma nova era".

Neuma Aguiar, coordenadora geral do Mudar, diz que, ao invés de uma melhoria no mundo, o que se vê são "crises de alimentos na África, de energia na Ásia, e miséria crescente em todo o Terceiro Mundo". Neuma esclarece que "as mulheres são as principais provedoras, responsáveis pela reprodução da família e, portanto, sentem de forma muito intensa os reflexos dessas crises todas".

A ótica da mulher

Em relação à dívida externa e seus reflexos na vida das mulheres terceiro-mundistas, a coordenadora do Mudar é taxativa: "Vamos parar de pedir emprestado, já". Ela acredita que "a tomada de empréstimos não representa entrada de recursos, mas dívidas passadas que aparecem como novos empréstimos". Entretanto, Neuma não é partidária de uma tomada radical de posição por parte das integrantes do Mudar em relação ao não pagamento da dívida externa. "Nossa preocupação é mais a de, utilizando a ótica da mulher, levantar informações que possibilitem, no futuro, a concretização de uma proposta".

O impacto da dívida na mulher da década de 80 têm sido objeto de várias pesquisas. Recentemente, o Mudar abrigou, com o apoio da ONU, 21 mulheres pesquisadoras, num curso intensivo, no Rio de Janeiro. Elas vieram do México, Panamá, Nicarágua, Cuba, Colômbia, Peru, Bolívia, Argentina, Para-

guai, Venezuela, Angola, Moçambique e São Tomé.

Peru: a mulher camponesa

Marta Rodrigues, socióloga peruana, professora na Universidade Católica de Lima, informou que, na volta ao seu país, dará início a uma pesquisa com mulheres da região de Selva Alta. "Tabalosos", diz a professora, "está nessa região, que é a mais pobre do país". Ela conta que Selva Alta é peculiar por três motivos: está situada dentro da área sob estado de emergência, lá está o narcotráfico e atuam os dois grupos armados, o Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru-MRTA.

Marta pretende estudar de que forma as mulheres se organizam para assumir a liderança da produção rural nessa localidade. De antemão, a pesquisadora já sabe que existem formas de trabalho solidárias e coletivas, tradicionais da re-

gião e conhecidas pelo nome de *choba choba*. Segundo a socióloga, "a ausência de trabalho masculino é que determina o comando das mulheres na produção agrícola".

A crise da economia peruana tem afetado diretamente o consumo e a produção dos setores mais pobres do campo. "Em consequência, há um retorno ao consumo da produção tradicional", observa Marta. É comum hoje, relata, "os camponeses tomarem *chicha*, uma bebida de milho, ao invés de cerveja, ao mesmo tempo que ressurgem artesanatos de utensílios, a substituição do detergente pelo sabão caseiro e do sal refinado pelo sal grosso".

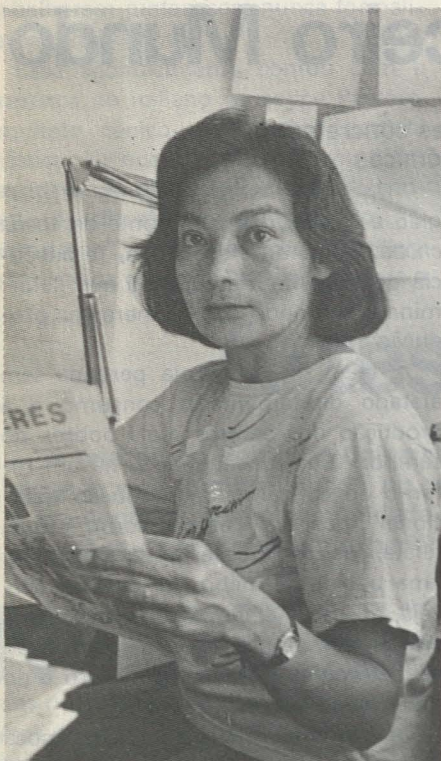
De acordo com a socióloga, na época do ex-presidente Belaúnde Terry, com apoio do Bird se pôs em prática um projeto especial de desenvolvimento, sendo construído um canal de irrigação para incentivar o cultivo de frutas na região. No entanto, "por questões talvez políticas" comenta Marta, "o projeto foi abandonado e hoje a população se resente de recursos para a conclusão de uma fábrica processadora de frutas, iniciada com aquele projeto, e também de incentivos para a diversificação da produção rural".

Tipicamente uma localidade de produção de folhas de coca, Tabalosos, situada no estado de San Martín, possui, segundo a socióloga, cerca de 590 famílias. O estudo de Marta será neste povoado especificamente, porque, "é muito difícil penetrar no coração da Selva Alta", onde estão os focos guerrilheiros e a direção do narcotráfico, "Tabalosos é uma zona chamada de influência, por estar próxima a esses dois comandos".

A perspectiva de mudança social nessa região se prende, na sua análise, à possibilidade de apoio a uma campanha agrícola de cultivo de coca, milho, arroz e frutas, com empréstimos e preços para a produção que estimulem os camponeses. Ela lembra que em Selva



Neuma: a mulher buscando mudanças



Marta: estudando a camponesa peruana

Alta existe uma poderosa federação agrária, que faz inúmeras críticas a uma campanha agrícola do governo que endividou os camponeses. "Os empréstimos foram inferiores aos custos com as plantações, e o Estado, além de pagar a produção preços baixos, o fez com enorme atraso".

Conhecidas como as melhores terras do mundo para o plantio da cocaína, Selva Alta desenvolve esse cultivo de forma permanente. Por ser um produto tradicional dos Andes, consumido pela população indígena, a proposta de erradicar as plantações de coca gera uma série de controvérsias. Recentemente, surgiu uma proposta nos meios intelectuais peruanos, sugerindo que o próprio Estado fiscalize a produção e a distribuição das folhas de coca. Marta Rodrigues acredita que essa talvez seja uma maneira de equilibrar a economia agrícola, na medida em que o governo comprasse o produto dos camponeses e realizasse a comercialização.

"Não existe nenhuma prova oficial de ligação do narcotráfico com o grupo Sendero Luminoso, mas coexistem no mesmo espaço", diz a estudiosa.

Argentina: a mulher na política

Já Norma Sanchís, socióloga argentina também integrante do curso promovido pelo Mudar trouxe uma pesquisa sobre a participação política da mulher. Ela, junto com a historiadora Susana Bianchi, fez um estudo durante dois anos (86 e 87) sobre o Partido Peronista Feminino, publicado agora em forma de livro de bolso, em dois volumes.

"O que mais nos assombrou nessa experiência", diz Norma, "é que, apesar de relativamente recente (1949-55), já está apagada da memória das pessoas, tanto peronistas como de não-peronistas". Na opinião da pesquisadora, o retrocesso ocorrido depois dos golpes militares e a força da personalidade de Eva Perón colaboraram para esse esquecimento.

Segundo Norma, as mulheres argentinas nunca mais tiveram, como na época do Partido Peronista Feminino, uma participação parlamentar tão expressiva: 30% de representantes, em 1951, e 33%, em 54. "De alguma forma" observa, "o peronismo ofereceu, naquela época, uma saída para a dupla opressão da mulher, incentivando-as a saírem de casa e a fazer política".

A socióloga participa do Conselho Nacional da Mulher, na Argentina, e realiza hoje uma pesquisa para o Ministério do Trabalho, em Buenos Aires, sobre as modalidades de inserção profissional das mulheres. Para ela, o estudo sobre o Partido Peronista Feminino revelou elementos potenciadores e limitantes. Limitações, por ter sido organizado a partir do estado peronista; e avanços, pelo número grande de candidatas e deputadas que surgiram no bojo dessa luta partidária.

Em 1947, as mulheres obtiveram o direito ao voto e, segundo Norma, em 1951 elegeram Perón. "Isso foi muito fácil de se comprovar" explica, "até hoje na Argentina homens e mulheres votam em urnas separadas, e, naquela ocasião, o percentual de votos para Perón foi muito superior entre as mulheres em comparação com as urnas dos homens". Norma acredita que, por tudo isso, "existe hoje um número maior de mulheres no Partido Peronista, do que nos outros partidos, apesar do conser-

vadorismo".

Depois do golpe militar que derrubou Perón, o espaço político conquistado pelas mulheres já não estava mais legitimado e elas voltaram para casa.

Mas, com a resistência peronista em 56, surge uma outra geração de mulheres, militantes na clandestinidade. "Tenho hoje", confessa a pesquisadora, "interesse em continuar esse mesmo estudo e conhecer as mulheres da nova geração, filhas e netas daquelas políticas, dirigentes e de base, do Partido Peronista Feminino".

Moçambique: a mulher na reconstrução

A moçambicana Assa Guambe pela primeira vez vem ao Brasil e diz que volta ao seu país cheia de idéias. Em Maputo, onde trabalha em estatística, pretende fazer uma pesquisa dirigida às mulheres da indústria têxtil. "Lá" acrescenta, "a maioria são mulheres, a proporção é de sete para cada homem e, nas indústrias de descasque de castanha, de doces, e de fabricação de chocolates praticamente só tem mulheres".

"Penso fazer um levantamento de dados e orientá-las em como utilizar a estatística". Em junho do ano passado, Assa deu um curso de estatística social a



Norma: tradição política das argentinas



Assa: moçambicanas na produção

um grupo de mulheres, responsáveis pelas crianças traumatizadas pela guerra. "Existe um número grande de crianças que foram raptadas e aparecem em outras cidades, sem saber onde andam seus pais", conta a pesquisadora, "além das que ficaram orfãs e necessitam de atendimento".

Assa Guambe diz que, em Moçambique, a Organização da Mulher Moçambicana-OMM, recebe apoio do Unicef e juntas organizam creches e proporcionam, às crianças vítimas da guerra, orientação médica, e perspectivas de trabalho. A OMM explica Assa, "tem um movimento muito grande de cooperativas no campo". Nessas cooperativas quase não existem homens, o trabalho é todo realizado pelas mulheres. Ela conta que, no ano passado, deu orientação numa dessas cooperativas sobre auto-gestão de recursos: "Elas não têm salários, são autônomas, e justamente por receberem de acordo com a produção, é muito importante saber como reutilizar o dinheiro".

Em sua opinião, a questão a se levantar em Moçambique não é "bem a da emancipação da mulher: a questão é tornar a nossa organização só de mulheres uma organização de toda a sociedade".

Nereida Daudt •

O discurso da diferença e da subordinação

Historiadora defende tese sobre o discurso científico do século XIX e constata o esforço masculino de buscar na ciência razões para limitar o espaço social feminino

Na dissertação de pós-graduação em história, defendida na Universidade Federal Fluminense, Sylvia Maria da Costa pesquisa teses escritas por médicos do Rio de Janeiro, no período de 1838 a 1887. Ao priorizar os estudos sobre puberdade, menopausa, menstruação e histeria, verifica que o discurso médico daquela época expressa a "alteridade absoluta". A palavra alteridade vem do latino *alter*, o outro. E é justamente na raiz do outro que os médicos do século passado definiam a mulher, ou seja, tendo sempre o homem como parâmetro.

Essa maneira de explicar todo o corpo e as diferenças sexuais, tomando o masculino como referente, é a "alteridade absoluta", uma categoria de pensamento que fez o homem-médico estudar a anatomia feminina como o outro e em comparação ao masculino, "identificando o próprio eu, na medida em que se diferencia do outro", explica a pesquisadora.

"O distanciamento em relação ao outro e ao seu mundo", acrescenta, "faz com que o sujeito perceba as particularidades de seu próprio mundo". Um claro exemplo era a interpretação da anatomia feminina: "As mulheres não são feitas para correr", dizia o médico Antonio Pedro Teixeira, em 1845, atribuindo essa característica à distância existente entre os quadris, pois "as cristas ilíacas acham-se mais separadas uma da outra e a cavidade da bacia é mais larga". Com isso, concluía que a mulher, ao contrário do homem, estava biologicamente predisposta à imobilidade.

Ao caracterizar o feminino como frá-

gil, em consequência da formação óssea, dos músculos e do tecido celular, à mulher caberia, segundo o pensamento médico daquela época, o espaço doméstico. E, quando uma mulher tinha um temperamento sanguíneo (característica do homem), revela a pesquisa, "logo perdia sua graça, se tornava uma amazona furiosa, aborrecendo-se com os trabalhos que a deveriam caracterizar e ficava um ser imperfeito e aborrecível."

O terceiro capítulo da dissertação foi dedicado à questão da histeria. Os médicos do século passado justificavam a doença em função da estrutura do sistema nervoso. "Por ser considerada mais sensível", diz Sylvia, "devia se suspeitar da histeria em todas as mulheres. O homem, observa, "só era considerado histérico quando se parecia com a mulher".

A alteridade, segundo a estudiosa, serviu para destinar à mulher o espaço "privado" e para garantir sua subordinação ao espaço "público" - espaço masculino. Para tanto, construiu-se uma imagem doentia para mulher, que, de acordo com os médicos da época, eram todas predispostas à histeria e, portanto, deveriam ser *controladas*.

O trabalho de mestrado de Sylvia mostra que toda uma tentativa de comprovação médico-científica da inferioridade biológica da mulher visava, concretamente, a situá-la como inferior nas relações sociais. "Será", pergunta Sylvia, "que conseguimos nos livrar dessa confusão entre o cultural e o biológico, do discurso da alteridade absoluta, nos dias atuais?"

A nova direita e a revolução francesa

Paulo Ramos Derengoski

Duzentos anos depois da revolução francesa, melhor seria que ela nunca tivesse ocorrido. Isso, na opinião dos chamados "novos historiadores" da nova direita, que hoje dominam a intelectualidade parisiense.

É uma pena que não estejam vivos homens como Sartre, Camus, Lacan, Merleau-Ponty, Malraux, Aragon, ou mulheres, como Simone de Beauvoir e Elsa Triolet, para situar, no tempo e no espaço, o acontecimento que, na Idade Moderna, mais alterou a sociedade dos homens.

Já é um erro da direita intelectual e consumista, que hoje se expande pela Europa, insistir numa comemoração quase turfística sobre a revolução, apenas na data do bicentenário. Pois ela não teve início ou fim no exato ano de 1789. Ao contrário, germinou durante todo o século 18, que foi, em toda a Europa, paradoxalmente, um século de progresso. Mas, a contradição é uma das leis do mundo e, tanto na França, quanto na Inglaterra, já estavam fincadas as bases do progresso econômico, devido ao aparecimento das primeiras indústrias.

Daf a supervalorizar o papel de um general vaidoso, como Lafayette, ou uma menina empoadada, como Marie-Antoinette - depreciando figuras como Saint Just, que, aos 25 anos, havia mudado a face da história, ou Robespierre, Billaud-Varenne, Collot d'Herbois, Marat, Danton ou mesmo Napoleão Bonaparte - é algo tão absurdo, como ignorar que os castelos medievais da nobreza já haviam desabado sobre os tetricos pátios que os cercavam, soterrando uma legião de molambentos.

O próprio Necker, que foi o gênio das finanças do hoje considerado esclarecido Luís XVI (e a maior figura de seu governo), abandonou o navio imaginário da nobreza, ao pressentir a ascensão das novas classes. Ao seu imperador faltou a capacidade política de passar da monarquia absolutista para a monar-

quia constitucional, como, aliás, haviam feito seus primos ingleses, sempre, e até hoje, mais perspicazes.

Ainda assim, Luís XVI sobreviveu, anos e anos, ao torvelinho das massas em fúria. A queda do arsenal, em 13 de julho, e a demolição da Bastilha, um dia depois, nada são diante da substituição de Necker, em 11 de julho, ou da convocação da Assembléia, depois Constituinte...

Quando Luís XVI sancionou a Constituição revisada de 13 de setembro, o poder já não mais lhe pertencia: os ventos da república varriam a velha França.

O único governo realmente revolucionário, que se estabeleceria, nos anos seguintes, seria o Comitê de Salvação Pública de 1793, no qual os populistas Collot d'Herbois e Billaud-Varenne constituíam a facção "de esquerda", levando o próprio Robespierre e também Saint Just a assumirem postura ditatorial, para afastar a massa plebéia dos *sans-culottes*.

É verdade que, em determinado momento, o poder escapou das mãos da grande burguesia (girondinos, Danton, Lafayette, Abade Siéyès) e passou para a classe média urbana e rural, mas nunca, jamais, em tempo algum, chegou ao controle total da relé das ruas, como queria Babeuf.

Até porque as massas, como ainda hoje provam as experiências russa e chinesa, têm muita capacidade para destruir, mas pouca para construir. O populismo consumista de direita, que assola a intelectualidade deste final de milênio, ainda se dará conta desse fato.

E é por isso que a ascensão de Napoleão Bonaparte, a meu ver, não é uma interrupção da revolução, mas sua continuidade. Sua continuidade dentro da perspectiva burguesa a que se propunha. Outro dado que os historiadores da nova direita, que também não gosta de Napoleão, omitem e tergiversam.

Napoleão já havia se distinguido,

como revolucionário, na defesa de Toulon, contra os ingleses. Foi amigo dos jacobinos. E, nas planícies da Lombardia, estudou a obra de César e compreendeu, como ninguém, qual a grande estratégia do império romano: a travessia do Rubicão não fora apenas um ato militar, mas, sobretudo, uma decisão política, coisa incompreensível aos historiadores minimalistas.

E, enquanto Danton tronitua seus berros contra Robespierre, enquanto Marat sucumbia nas mãos traiçoeiras de Charlotte Corday, o anão corso percebeu que a guerra, a política e a história são a mesma e única coisa. E aplicou a tática ofensiva pessoal - os "canhões" na frente e não atrás da "infantaria" - à estratégia política.

Faz apelo à ordem, no dia 18 do Brumário, em Saint Cloud, mas dentro do respeito à legalidade. Ou às aparências da lei. Os conspiradores - Siéyès, Fouché, Barras, Tailherand - talvez pretendessem o quartelazo, mas Napoleão realiza uma operação parlamentar clássica, ao eleger seu irmão Lucien presidente da Assembléia, e ao fazer os veteranos da guarda gritarem em coro um juramento de respeito à legalidade.

Do momento em que Luís XVI, a pedido do Abade Siéyès, convocou os Estados Gerais, até à irresistível ascensão de Napoleão, o caudal principal do que se chamou revolução procurava manter a direção e a continuidade dos valores burgueses iniciais a que se propunha o Terceiro Estado.

Os que tentaram apressar a revolução acabaram na guilhotina. Napoleão ganhou tempo e, depois, ganhou o Estado. Em certo sentido, ele foi a alma da França. Tentou levar a Marselhesa aos quatro cantos da terra. Onde a rosa dos ventos gira, ele apontou a espada. E quando cair em Waterloo, a reação voltará. Aliás, a reação volta sempre. Basta olhar o mundo de hoje. Onde ela tem um aliado, a tecnologia, que dificilmente será superado.

ANGOLA

terra da liberdade



TAAG - Av. Presidente Vargas 542/1603
telefones: 263-9711, 263-4988, 263-4911
telefones Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113

LUANDA / RIO:

SÁBADO:

Saída / Luanda: 12:30
chegada / Rio: 17:00

RIO / LUANDA:

DOMINGO:

Saída / Rio : 16:30
Chegada / Luanda: 04:30
(dia seguinte)



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA

A Serviço da Reconstrução Nacional

**NOS PRÓXIMOS DIAS
NAS PRINCIPAIS BANCAS
E LIVRARIAS DO PAÍS**



Reserve seu exemplar. Editora Terceiro Mundo Ltda. - Deptº Comercial - Rua da Glória, 122
gr. 105 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241 - Tel.: (021) 252-7440 - Telex: (021) 33054 CTMB-BR